

PREFÁCIO

Esta é uma homenagem a dois personagens que não são criação minha, mas que no decorrer dos nove anos de atuação nas histórias fictícias de Chris Carter no *Seriado Arquivo-X*, exibido pela TV no Brasil e no mundo, fizeram nascer no coração de seus apreciadores a melhor das emoções: o amor por eles.

Sendo assim, é que criei por minha imaginação, pequenos capítulos chamados DEVANEIOS, a fim de mostrar aos amigos e com eles poder compartilhar através da Internet, as emoções que nos causam esse par famoso, que aquece os nossos corações com o romantismo que é somente insinuado sutilmente no *Seriado*, mas que nós, denominados "shippers" fazemos questão de criar e curtir maravilhosas cenas de amor entre eles.

Devo acrescentar que as histórias aqui narradas, representam, na sua maioria, os momentos em que os Agentes dão por concluído o seu expediente de trabalho diário para o FBI, ou nos momentos de folga e finais de semana, já que, na realidade, não sei criar os casos fantásticos que possam ser investigados em suas missões e parto, assim, somente para as ocasiões românticas entre os dois.

Por essa razão peço-lhes que me perdoem se não for exatamente do seu agrado estas minhas histórias, mas é que, na verdade, eu gosto somente de escrever sobre a parte principal da vida... a sentimental.

A vida real, o trabalho, o ganha-pão, nos sustenta, realmente; é a sobrevivência do corpo, dos bens materiais.

Mas a vida sentimental é a sobrevivência da alma!

Pode ser que, em algum tempo, daqui pra frente, haja algum personagem na TV que nos dê tanta inspiração quanto esses dois. Pode ser...!

Só sei dizer-lhes que eu penso desta maneira: vai levar ainda algum tempo para aparecer ou jamais irão surgir tais inspirações para nós, escritores de fan fictions shippers.* Esta geração de agora está privilegiada em poder participar e pôr em prática suas idéias literárias baseadas nos dois "lindinhos".

Mas... e o que virá à frente?

O mundo está cada vez mais frio, mais céptico, mais insensível, mais conturbado e assim todos os bons sentimentos vão-se tornando obsoletos.

O amor, aos poucos, vai dando lugar ao interesse, à necessidade, à desonestidade, à deslealdade, à infidelidade, à hipocrisia e vai por aí...

E o amor é, com toda a certeza, a base de tudo; o alicerce que sustenta a nossa vida; nada pode desmoronar para nós se temos a nossa existência amparada por esse sentimento.

E é, sem dúvida, como o Senhor Deus nos ensina.

Sem querer, o criador dessa dupla de personagens fez transparecer por dentro dos gélidos equipamentos para transmissão de um seriado de assuntos assombrosos, místicos ou paranormais, o calor gostoso da paixão saindo de dentro do coração dos seus próprios personagens para aquecer e dar mais sabor à vida de seus fãs.

E é por isso que ser shipper nos dá uma gostosa sensação de felicidade.

Significa, antes de tudo, que nos integramos tanto à personalidade de cada personagem, que ele passa a ser um pedaço de nós e torna-se fácil, portanto, criar à nossa maneira tudo o que desejamos para eles e que é sempre o melhor, claro!

À Fox William Mulder e Dana Katherine Scully, os dois Agentes Especiais do FBI do Governo dos Estados Unidos, a minha homenagem sincera e emocionada dentro dos capítulos que fazem o conteúdo deste livro e que faço perpetuar nas letras suas aventuras, assim como guardo com todo carinho os 187 episódios que estão gravados em fitas de vídeo, no meu acervo de Arquivo-X.

Aos atores que personificam as respectivas caracterizações, David Duchovny e Gillian Anderson, os meus agradecimentos por me darem essas inspirações e votos de que, mais tarde, quando não mais estiverem trabalhando nos episódios desse fabuloso Seriado, possam ser sempre queridos e que tornem-se uma lembrança linda e emocionante para aqueles que tenham assistido aos seus trabalhos nos episódios por eles vividos em todos esses anos, pois eles, na verdade, com seu carisma e beleza, fizeram com que esses personagens alcançassem tanto sucesso no mundo inteiro.

E para os que não conhecem Fox Mulder e Dana Scully, aqui vão alguns dados sobre eles:

Agente Especial Fox Mulder, 1,85 de altura, olhos verdes transparentes que às vezes tornam-se acinzentados, cabelos castanhos, feições marcantes, de voz suave e encantadora, olhar misterioso e de forte apelo emocional, o que o faz tornar-se um conjunto de beleza e sensualidade. Ele é conhecido por seus colegas no FBI como "O Estranho" (Spooky Mulder) devido a sua constante preocupação em correr atrás de seres alienígenas e fatos paranormais.

Agente Especial Dana Scully, 1,60 de altura, cabelos curtos e ruivos, belos e grandes olhos de um azul intenso, de uma beleza singela porém quase perfeita, não possui um corpo escultural, mas é dona de muita personalidade e emotividade em suas expressões.

Sempre céptica, usa muito sua racionalidade para enfrentar as idéias um tanto fantásticas do seu parceiro.

Quando os dois se conheceram nos escritórios do Quartel General do FBI em 1993, logo criaram entre eles uma "química metafísica" (conforme expressão

usada pela atriz Gillian Anderson) que os faz sempre unidos, seja em que circunstância fôr.

Eles, apesar de serem somente parceiros em seu trabalho, têm uma incrível afinidade.

Tratam-se apenas pelo sobrenome, até nos momentos de intimidade, por uma questão de preferência imposta por eles próprios, somente.

Aos atores que personificam as respectivas caracterizações, David Duchovny e Gillian Anderson os meus agradecimentos por me darem essas inspirações e votos de que mais tarde, quando não mais estiverem trabalhando nos episódios desse fabuloso Seriado, possam ser sempre queridos e que tornem-se uma lembrança linda e emocionante para aqueles que tenham assistido aos seus trabalhos vividos em todos esses anos, pois eles, na verdade, com seu carisma e beleza, fizeram com que esses personagens alcançassem tanto sucesso no mundo inteiro.

A esses consagrados atores eu agradeço também a felicidade de ter aumentado em minha existência um grande número de bons amigos, ter recebido meus prêmios, os quais me deixaram com o coração repleto de alegria, como o conquistado com o meu poema Recado Para Mulder e Scully, também a reportagem do jornalista Sergio Rodrigues Reis para o Jornal do Estado de Minas, as palavras de elogios e incentivo de Silvia Penhalbel, assim como sua belíssima homenagem no site X-Fonte e a matéria publicada na Revista SCI-FI News, com a qual colaborei em minha pesquisa de momentos românticos dentro dos episódios de Arquivo-X.

À Gillian e o David, embora saiba que jamais terão conhecimento de minha existência, dedico aqui o meu maior carinho e desejo de um futuro feliz e grandes alegrias na alma e no coração.

ÍNDICE

Prefácio		Página	Data
131	Tropeços da Vida	6	03.09.02
132	Vidas em Jogo	10	11.09.02
133	Curiosidade	14	19.09.02
134	A Vida de uma Criança	18	29.09.02
135	Soberba Ostentação	21	06.10.02
136	Inesperado Sonho	25	05.10.02
137	Remorso	28	12.10.02
138	Dificuldades	30	19.10.02
139	Nunca Desista de Ser Feliz	32	22.10.02
140	Como Fera Ferida	35	27.10.02
141	Mal Juízo	38	28.10.02
142	Bastante Tempo, Ainda	41	07.11.02
143	Sob a Luz da Lua	44	11.11.02
144	Convicção de um Erro	47	18.11.02
145	Segredo a Sete Chaves	50	26.11.02
146	Um Pulo No Passado	54	28.11.02
147	Sentido à Vida	57	30.11.02
148	Uma Carta	61	03.12.02
149-149 P2	Vidas em Perigo/O Sonho Felicidade	65/69	05.12.02
150	De Homem Para Homem	74	11.12.02
151	Sempre Juntos	79	17.12.02
152	Medo ou Alegria?	83	23.12.02
153	Tremenda Ousadia	87	26.12.02
154	Olhos, Janelas da Alma	91	27.12.02
155	O Sonho e a Esperança	95	29.12.02
156	Creia em Deus!	99	02.01.03
157	Consciência Pesada	102	14.01.03
158	No Roteiro de Uma Vida	105	20.01.03
159	Em Meio às Nuvens Negras	108	27.01.03
160	Persistência	111	04.02.03
Extra 29	Excurs Para Sempre	115	14.09.02
Extra 30	Parabéns!	117	17.10.02
Extra 31	Emocionadas Opiniões	118	10.10.02
Extra 32	Como Nos Velhos Tempos	124	16.09.02
Extra 33	Fim de Ano	127	10.12.02
Extra 34	Sonhos de Uma Noite de Natal	129	20.11.02

Extra 35	Inspirações		160	06.01.03
Extra 36	Tudo Tem um Fim		162	17.01.03
Extra 37	Os Cinco Sentidos		164	17.01.03
Extra 38	Os Meus Episódios Preferidos		166	20.01.03
Extra 39	Scullysmo0 ou Mulderismo?		168	20.01.03
Extra 40	Os Dois Lindinhos		170	23.01.03
Epílogo			172	

TROPEÇOS DA VIDA

"Prossiga e espere para tropeçar quando menos espera. Só não tropeça quem não sai do lugar."

Charles Kettering

Capítulo 131

Os olhos estão vermelhos e inchados. Os lábios trêmulos pelo choro que chegara, arrasando até sua alma.

Longo tempo de solidão e saudade.

Nunca mais tivera de Mulder alguma notícia.

E sua vida tornara-se arrasadoramente destruída, depois de tudo que está passando.

Dana dá alguns passos até a soleira do porta do quarto. Estaca.

Vem-lhe à mente o quarto arrumado de William e ele, no berço, no seu meigo e inocente sorriso.

* * *

No berço ele levantava as rechonchudas e irrequietas perninhas. Sorria. Segurava um dos pezinhos, enquanto balbuciava ininteligíveis palavras, na sua linguagem de bebê.

Dana debruçou-se para falar-lhe:

—Cadê a gracinha da mamãe?

O bebê abriu mais o sorriso e esperneou, ansioso, esperando que a mãe o pegasse no colo. Ela o levou em seus braços. Colocou-o sobre a cama de casal.

—O que você quer, meu nenê? Conversar com a mamãe? - segurou as mãozinhas de seu filho e as beijou - Estamos ambos morrendo de saudade, não é?

O bebê a fitava, intensamente, como que buscando entender as palavras da mãe.

—Olhe... a mamãe está muito triste porque o seu papai não está aqui, viu? Mas a mamãe sabe que tem com ela a coisa mais linda do mundo, que é você, filhinho!

O bebê esperneava e agitava os braços, sorrindo mais abertamente, para ela.

Dana pegou um pezinho dele e o levou aos lábios.

Ele puxou o pé, como se aquilo o incomodasse.

—Ah, o meu filhinho tem cócegas no pezinho, hein? - ela sorria e deitava mais o corpo sobre ele - Filhinho... sabe... nós dois seríamos tão felizes se o papai estivesse aqui, não é?

Ele estaria agora falando com você... ele pegaria assim no seu pezinho... - as lágrimas começaram a brotar em seus olhos.

Ela tomou a criança nos braços.

Maggie entrou, com vários lençóis dobrados nas mãos.

—Dana, vou guardar esses lençóis do William, que estão passados.

—Ah, sim, mamãe.

—Quer que eu o faça dormir?

—Não...

Maggie parou. Fitou a filha diretamente nos seus olhos.

—Filha, você trabalhou o dia todo. Deve estar super cansada!

—E estou, mamãe. Mas prefiro gastar o máximo do meu tempo com meu filho, quando chego em casa. Se eu for deitar agora, seguramente não vou dormir tão cedo. Só vou

pensar.

—Eu entendo, Dana. - Maggie suspirou, entristecida.

Abriu a gaveta da cômoda e guardou os lençóis.

Dana começava a andar, vagarosamente, com o bebê nos braços.

Olhou para o rostinho de seu filho, enquanto cantarolava, suavemente:

Se essa rua, se essa rua fosse minha...

Eu mandava, eu mandava ladrilhar...

Com pedrinhas, com pedrinhas de brilhante...

Para ver... para ver William passar.

Os olhinhos do bebê brilhavam de felicidade e gozo pelo aquecimento, carinho e aconchego que recebia do corpo da linda mãe. Estendia as pequeninas mãos para tocar os lábios de Dana.

E ela prosseguia seu lento caminhar, enquanto cantava.

Ia de um quarto para o outro quarto; desse quarto para a sala e retornava.

Maggie parou o que estava fazendo e olhou sua filha. Deteve-se a pensar, penalizada, no sofrimento de Dana.

Um amor verdadeiro que ela havia encontrado e ao qual, a princípio, nem quisera ceder.

Quase dez anos de uma convivência pura, fraternal, amiga e inesquecível com Mulder, o homem que ama acima de todas as coisas deste mundo.

Agora estava ali, ela sem Mulder. Somente tinha a alegria de ter seu filhinho consigo.

Maggie sofria a esses pensamentos.

—Dana? - chamou a filha.

—Sim, mamãe? - respondeu em voz baixa.

—Você já tentou enviar um e-mail para o Mulder, naquele mesmo endereço que ele teve há tempos atrás?

—Ele já não tem mais aquele, mamãe. Eu não sei mais nada dele... e temo ser verdade...

—O quê? - Maggie notou-lhe o semblante extremamente triste.

—Foi o que me disse o Diretor Adjunto.

Maggie a fitou, fixamente.

—E o que ele lhe disse?

—Que, segundo provas existentes, talvez Mulder esteja morto. - disse, num fio de voz.

—Ah, não! Que horror, filha! - Maggie aproximou-se, condoída, para abraçar sua filha, com a criança nos braços - Oh, meu Deus! Não pode ser verdade! Depois de tudo que já passaram!

—Eu já nem sei mais se ainda posso dizer que vivo, realmente...!

Estas últimas palavras foram pronunciadas por Dana, com grande emoção e amargura.

* * *

Dana retorna à chocante e cruel realidade.

Rebusca, com o olhar, o quarto agora vazio.

Sem o berço. Sem os móveis. Sem os bichinhos de pelúcia que o decoravam. Sem o móbile... que William movera... com sua mente.

Os soluços que saem são tão fortes do fundo de seu peito, que ela sente que parece esvair-se de seu corpo toda a energia que possui. É como se estivesse se esvaziando de tudo dentro

de si.

Como uma criatura sem entranhas, abrira mão de seu próprio filho. O fruto do amor verdadeiro... o fruto da verdade... o seu bebê querido!

Resta agora somente a dor. A saudade. A solidão.

Não tem mais nada. Nem Mulder. Nem William. Tudo se fôra.

"E se... eu saísse agora à rua... caminhasse sem parar... sem destino... sem um pouso... como um pássaro perdido de seu ninho...?"

Para que mais serve minha vida? Acho que já vivi o suficiente, para descobrir como o mundo é mau!

Nem tenho mais vontade de viver nesta vida que só me trouxe coisas ruins e tropeços."

Ela atira-se na cama, de bruços. A cabeça escondida entre os braços.

Permanece assim por alguns minutos. Procura nem pensar.

Súbito, um ruído a faz levantar-se, rápida, da cama.

—Mulder? - pronuncia, num sussurro.

Procura ficar atenta para ouvir a repetição do que já escutara antes.

As batidas ritmadas que Mulder usava na porta, para chamá-la.

Continua atenta.

Mas nada mais ouve. Fôra somente uma impressão.

Senta-se na cama. Cabeça pendida sobre o peito. Coração pulsando forte. Suspira profundamente. Apoia os braços na cama, forçando-os para trás e deixa que sua cabeça também se lance para trás.

É quase um desespero o que está sentindo.

Vem-lhe à memória a tarde em que a Assistente Social e uma enfermeira haviam ido buscar sua criança.

* * *

—Dana, você não quer que eu lhe faça companhia?

—Não. Obrigada, Monica.

—Mas por que? Você precisa de companhia, já que sua mãe não pode...

—Eu sei, eu sei! - aumentara a voz, exausta.

Já havia cansado de buscar lenitivo para sua dor.

—Estou cansada, Monica. Preciso ficar só. Só isso... por favor.

A Agente Reyes entendera o seu estado de espírito. Pensou, um pouco aflita.

"Tenho um certo receio, já que Dana está tão desesperada. Mas o que posso fazer?"

—Quer que eu deixe um lanche pronto pra você?

—Não...

—Ou, pelo menos, um café!

Dana apenas levantou o semblante sofrido para olhar a colega, mas nada pronunciou. Seus olhos diziam tudo.

—Está bem, Dana, eu vou embora.

A Agente Reyes dirigiu-se à porta, abriu-a, deu uma última olhada para Dana e saiu, fechando a porta atrás de si.

* * *

Novamente Dana sai de seus remotos pensamentos.

Caminha até o quarto que havia sido de seu filho.

Há algum tempo, tudo já havia sido retirado, enquanto ela estivera fora de casa. Não

quisera assistir tal horror. Nem o berço, nem os móveis, nem a decoração; nada mais demonstrava ali ter sido o quarto de uma criança.

Uma amiga de Maggie providenciara tudo, a seu pedido, porque nem mesmo ela resistiria a tal dor, em ver tudo ser retirado, inclusive o netinho que tanto amava, o filho de sua Dana, e que já não mais poderia ir a seus braços.

"Mamãe está sofrendo muito! - pensa Dana - E eu estou morrendo...!"

Dana ajoelha-se no meio do quarto, debruça-se no chão e, com o rosto encostado no assoalho, soluça em alto som, deixando vir à tona o seu desespero, a sua grande dor.

Chora por alguns minutos.

Aos poucos, os soluços vão diminuindo e ela entrega-se ao desânimo do seu sentimento de culpa.

E deixa-se cair no assoalho.

"Não está a culpa no sentimento,
mas no consentimento."

São Bernardo

VIDAS EM JOGO

"A vida é aquilo que acontece,
enquanto você faz planos..."

John Lennon

Capítulo 132

Olha para o relógio digital na mesinha.

06:57

Resolvera levantar mais tarde hoje. Nem tem certeza se vai até o FBI. Não está se sentindo muito bem. Seu coração pesa-lhe no peito. Dormira mal e num sono perturbado. Solta um longo e entrecortado suspiro.

Num ímpeto senta-se na cama. Tem que levantar-se, quer esteja cansada ou não. Quer sua noite tenha sido mal dormida ou não. A obrigação fala mais alto.

Fecha os olhos e faz uma curta oração.

Em seguida levanta-se, meio cambaleante. Veste o quimono e chega até a janela.

Medita o quanto sente-se tão solitária. Tivera tanta esperança certos meses atrás e depois tudo acabara.

Ela encaminha-se para o banheiro.

Retira, lentamente, o robe, a camisola. Olha-se no espelho. Está com os olhos avermelhados pela vigília da noite. Fecha os olhos. Engole em seco, amargurada. Hoje, mais do que nunca sente uma estranha sensação de que algo vai lhe perturbar mais ainda o viver. Algo que não sabe explicar.

Ela liga a torneira de água quente e, aos poucos, vai entrando no chuveiro. Deixa que a água caia em cheio sobre sua pele. Em seus pensamentos. Parece-lhe estar como no tempo em que sentia seu filho dentro do ventre.

É como se sentisse nesse instante os leves tremores que demonstravam que ele estava movimentando seus membros, fechando os punhos ou ainda mexendo os pequeninos dedos das mãos ou dos pés.

Fôra tudo simplesmente maravilhoso! Ela sentira-se privilegiada. Tudo uma dádiva de Deus! E ainda duvidara disso!

Sacode a cabeça, perturbada por esses pensamentos.

Ela passa a mão na pele do ventre liso e vazio.

Sem seu filho!

Como pudera ter coragem para entregá-lo a braços estranhos? E como ele estará? Qual a sua reação diante de uma nova mãe?

Sob as gotas da água morna do chuveiro que caem sobre seus olhos, brotam as lágrimas quentes que vêm do fundo do coração.

* * *

Vinte minutos se haviam passado.

E enquanto, na cozinha, esquentava a água para colocar na xícara que já contém o café solúvel, ela deixa que os pensamentos fluam, naturalmente.

"Não sei se devo ir ao Bureau. Se eu pudesse mesmo, iria para um lugar desconhecido, distante, onde ninguém pudesse ver-me, falar comigo, nem lamentar a minha dor e tristeza."

Ela coloca o líquido quase fervente dentro da xícara e mexe com a colherzinha.
"Que vontade de sumir pra sempre...!"
Engole, aos poucos, o café, colocando a mão na garganta, pois sente arder o líquido fumegante em suas entranhas.
Deixa a xícara sobre a pia e sai da cozinha.
Dirige-se ao quarto. Abre o armário e retira dele seu uniforme de agente.
"Preciso ir lá. Não desejo ir, mas não sei porque, algo me chama."
Dana veste a roupa. Olha-se no espelho do armário. Ajeita o cabelo, agora muito liso e longo.
O som do toque da campainha a distrai de sua concentração.
Ela pára, por instantes.
"Quem será? - pensa e olha para o relógio de pulso
Vai até a porta e observa pelo olho mágico. Vê o rosto de Skinner.
Ela abre a porta, surpresa.
— Senhor...?
— Bom dia, Agente Scully... - ajeita os óculos - ... ainda bem que já está pronta.
— O quê? Qual o significado dessas palavras?
— É porque temos que nos apressar.
Ela quer entender.
— Senhor, o que está havendo? - fica aflita, com a atitude dele.
— É Mulder.
— Mulder?!
— Sim. Foi encontrado.
Ela leva a mão à boca, abafando um grito.
— Mulder...? Onde?
— Vamos, Dana. No caminho lhe explico.
E enquanto está atento ao volante e ao complicado trânsito, Skinner lhe conta sobre a descoberta do paradeiro do Mulder naquela cruel e fria cela da prisão militar.
Fala-lhe, também, da estranha submissão dele à sanha atormentadora dos seus algozes.

* * *

Havia sido dias de muita dor e angustiante tempo de julgamento, no Tribunal Militar, do suposto crime do qual Mulder fôra acusado.
Mas ambos haviam conseguido ultrapassar essa barreira de terror, naquela fuga tempestuosa.
Agora, um pouco de paz.
Penumbra. Quietude. Um quarto de hotel comum.
Scully vasculha, rapidamente, peças de roupa dentro de uma bolsa. Com mãos nervosas. Dedos agitados. Ansiosa.
Mulder deixa o box do banheiro. Apressado. Cheio de desejo.
A luz discreta de um abajur ilumina o quarto simples.
— Scully!
— Oi, já acabou?
— Sim, foi bom tirar da pele todo aquele pó da estrada... Scully...
— Sim?
— Vem logo.

Ela sorri levemente e larga as peças de roupa e a bolsa sobre uma poltrona. Aproxima-se dele e deixa-se enlaçar por seus braços de amassos amorosos. —Ai, Mulder! - ela sussurra, ansiosa. —Preciso de você... preciso de você... - ele murmura, com paixão. Dana sente o corpo dele pronto a dominar o seu num ato de amor. Mulder procura-lhe a boca, que ela entreabre, para receber o desejo dele. Neste momento se procuram, se desejam, se unem, iniciando aquele momento esperado por tanto tempo. Boca com boca. Corpo com corpo. Sexo com sexo. Ele a carrega nos braços para o leito, mesmo assim, colados. Se amando. Os corações batendo descompassados, os gemidos, o ritmo antes lento e logo acelerado, os abatem numa vertigem infinita de prazer realizado. Desabam ambos sobre os lençóis macios, curtindo a sua respectiva satisfação do corpo e da alma. Agarram-se, deitados, aconchegados um ao outro. Sentindo-se, com prazer. Dana repousa a cabeça sobre o peito de Mulder e deixa-se ficar assim. Aos poucos, sua respiração afogueada vai voltando ao normal. Mulder, enfim saciado de seu desejo, continua abraçando sua amada bem junto a si, sentindo-lhe os seios apertarem-se-lhe na pele quente de seu peito. Acaricia-lhe as costas. Beija-a nos cabelos. Neste momento sente-se quase feliz. Permanecem quietos, relaxados e em silêncio. E o sono do descanso desce sobre eles, acalentando-os. Descanso. Paz. Quietude. Silêncio. Tudo isso estimula-os a um sono reparador. Até mesmo com suas vidas em jogo.

* * *

Dana abre os olhos. "Nossa! É verdade mesmo o que está acontecendo?" - pergunta-se em seu íntimo. Dormira durante horas um sono benfazejo. Sente-se aliviada da terrível tensão na qual se encontrava há dias. Ela vira o rosto para o lado. Ali está o seu amado. "Inacreditável!"- ela reflete, novamente. As horas de fuga, tensão, ansiedade por um porto seguro, haviam lhes deixado quase em pânico. Mas, para sua felicidade estão nesse lugar agora, em momentos de paz e relativa segurança. Com os olhos presos na figura querida de Mulder, ela o observa de lábios entreabertos, em pleno sono, relaxado sobre a cama, entregue a um sono descansativo, após muitos dias de tensão, tortura e desconforto, na cela fria e úmida onde ele estivera encarcerado, como um delinquente, um criminoso. Dana vagarosamente levanta-se. Não deseja acordá-lo. Pega as peças de roupa sobre a poltrona.

* * *

Estavam ainda, cansados, esgotados. Foram horas de uma terrível aventura o que havia acontecido com eles. Fuga. Correria. Cansaço. Desespero. Agonia na espera do resultado de tanto esforço. Agora estão num merecido descanso, após muitas horas de perigo antes de chegar a esse motel.

Scully havia vestido um quimono.

Mulder já está usando a camisa de malha e a calça jeans.

Ele, abraçando-a, agarrado a ela sobre a cama, a perna por sobre seu pequeno corpo, parece como se nunca mais desejasse soltá-la de seus braços.

Roçam os narizes levemente um no outro, numa carícia sutil.

—Mulder...

—O que?

Naquele momento em que Skinner foi até em casa, avisar que haviam encontrado você, eu quase morri, Mulder.

—Eu queria tanto te ver, Scully!

Ela se aperta mais contra ele.

Permanecem calados, por longos minutos.

Dana acaricia as feições de Mulder: sua face, seus olhos, seus lábios. Fecha os olhos, por fim. Franze o cenho.

Mulder nota que ela reflete sobre alguma coisa.

—Dana?

—Hãh?

—Que houve?

—Nada. - fala, num fio de voz.

—Eu bem sei, Scully.

Ela retira o rosto que estava junto ao dele e volta-se para cima, deitada na cama.

—Scully...

—O que?

—... eu também sofro...

Não dá para continuar o diálogo sem chorar. Dana entra num pranto silencioso. Seu peito tremula pelo choro.

—Mulder, nosso filho... - soluça.

—Sei, Scully... sabe, quando, certa vez eu te disse: "nunca desista de um milagre"?

—Sim.

—É importante ter essas palavras guardadas no coração, para qualquer situação.

—O que quer dizer?

—Você entende.

—Mulder... o que significa?

—Você não disse que eu nunca desisto?

—Sim.

—E duvida do que? Eu não desisto de nada, Scully! Desde que seja em prol da nossa felicidade.

Ela, com o seu olhar infinitamente azul, indagador, deseja penetrar na mente dele. Desejaria entender, pelo menos, um pouco o que ele está insinuando.

Mulder aproxima mais o rosto do dela e procura-lhe os lábios.

Provam-se, levemente.

Ele parece estar tocando pela primeira vez os lábios dela. Experimenta-os, várias vezes.

E ela apenas o retribui, com carinho, embora exista, entre ambos, um ar de preocupação.

"Preocupação é uma coisa que não deixa o que ainda não aconteceu, sair de seu pensamento."

Mario Prata

CURIOSIDADE

"A curiosidade geralmente se atreve
mais contra aquilo que mais se proíbe."

Seavedra Fajardo

Capítulo 133

Com passos lentos, silenciosos e indecisos, o homem aproxima-se de quem o estava procurando.

—Ah, você!? - exclama, surpreso.

—Sim, Jeffrey, sou eu.

—Não corre risco, vindo até aqui?

—Sim, mas sei me cuidar.

—O que quer de mim, Mulder?

—Falar sobre... meu filho.

O outro o fita, surpreso. Segura um braço de Mulder e o puxa.

—Vamos para o meu quarto. Isto é uma pensão; as portas têm olhos e as paredes têm ouvidos.

Mulder o acompanha, a passos largos, até o quarto simples.

Entram e Jeffrey bate a porta. Vai direto ao assunto.

—Por que acha que pode falar comigo sobre seu filho?

—Scully me contou que você esteve com ele. E o que você fez para livrá-lo dos...

—... tá bom, Mulder, eu fiz isso. Está me agradecendo?

—Não sei, ao certo. Mas vim por outro motivo.

—Você não mede palavras. - diz Spender, caminhando até uma janela e de lá olha para Mulder; aguarda em silêncio as palavras do seu irmão.

Mulder morde o lábio inferior. Passa o dedo indicador sob o nariz.

—William foi levado a algum Orfanato?

—Como vou saber?

—Estou certo de que sabe.

Spender distende um sorriso na face deformada.

—Pergunte à Scully.

Mulder fecha os olhos. Aperta um punho, irritado.

—Mulder, não sei de nada. Pode acreditar. Nem a própria mãe sabe a quem ele foi entregue! E isso faz parte da lei de adoção.

Mais uma vez o irmão aperta os lábios, contrafeito. Coloca os polegares na cintura. Olha para Spender com os olhos apertados, querendo adivinhar-lhe os pensamentos

Spender volta a falar:

—Você deseja saber... por que?

—É uma questão de curiosidade, somente.

—Ah... se pudesse eu o ajudaria... esteja certo, mesmo que não acredite. O principal motivo por William ter sido facilmente adotado, foi pelo fato de ser filho de mãe solteira... - ele olha para Mulder, com seus olhos agudos, enfiados na maltratada e deformada face.

Mulder sente-se incomodado.

Interiormente, recrimina-se por ter deixado Scully entregue à sua própria sorte, sem um

amparo, alguém que lhe desse a mão.

—Mulder...

O chamado discreto de Spender o faz assustar-se. Parecia-lhe, por segundos, estar noutra dimensão, por estar entregue a seus pensamentos que tanto o maltratam.

Mulder agradece com um meneio o irmão e deixa o local.

* * *

Mulder dirige o carro alugado, atento à pista. Mas seus pensamentos divagam, ininterruptamente.

"Por que deixei Scully sozinha naquela ocasião? Deve ter sido horrível para ela, nos momentos em que mais precisou de mim, eu não estar presente. Pobre Scully! Só que eu acho que... isso não deve ficar assim. William é nosso filho! Ele tem pais saudáveis e vivos!"

Neste momento sente até remorso pelos seus loucos pensamentos.

"Como podemos nos considerar vivos, se não devemos, nem podemos nunca nos expor diante dos outros? É como se fôssemos mortos!"

Algo na rua o distrai de sua meditação.

Acabara de chegar em frente a uma instituição de adoção de crianças. Está o nome mostrado na fachada do prédio, em letras de metal.

Estaciona o carro.

Alcança a porta de entrada. Na recepção uma jovem o atende.

—Pois não, senhor?

—Boa tarde... eu preciso falar com alguém sobre...

—O senhor pretende adotar alguma criança?

—Sim... quer dizer... não! Eu preciso conversar com alguém sobre um problema de certa relevância.

—O senhor quer falar com a nossa Assistente Social?

—É... exatamente. Como poderia?

—Um momento, senhor, por favor.

Mulder aguarda, não sem ansiedade, o momento de ser atendido pela mulher.

Está sentado numa sala contígua à da recepção, mas logo levanta-se e faz o contorno da dimensão da sala, com seus passos largos e pesados.

Os minutos parecem intermináveis horas.

Uma mulher de boa e tranquila aparência, entra na sala.

—Boa tarde.

—Boa tarde, senhora. - cumprimenta-a, levantando-se.

—Deseja falar comigo, senhor...?

—Hã... Jack Miller.

—Pois não, senhor Miller.

—Bem, o que desejo é uma informação. Como eu poderia saber notícias de uma adoção realizada há alguns meses atrás?

—Foi adoção de alguma criança órfã?

—Órfã?! Claro que não! Ele é... bem... é filho de mãe solteira...

—Eu precisaria consultar os registros e...

—Não, não! A questão não partiu desta Instituição. Foi de outro lugar... noutra cidade.

—Ah, entendo.

—O que eu precisaria fazer?

A mulher abre uma gaveta, remexendo alguns papéis, atenta ao que ele lhe está indagando, interessadamente.

* * *

Mulder abre a porta.

O quarto está silencioso e escurecido.

Ele entra e fecha a porta, sem fazer ruído.

Dana está em frente à janela. O olhar perdido na imensidão do céu, avermelhado pelo ocaso.

Mulder aproxima-se, furtivamente. Coloca sobre uma mesinha uma embalagem que contém uma pizza. Vai até ao lado de Dana.

Ele não deseja assustá-la, mas quer fazer-lhe uma surpresa.

Fala, então, bem rente aos ouvidos dela:

—Oi?

Dana toma um susto. No seu rosto surpreso as lágrimas haviam descido e lhe molhado a pele até sobre os lábios.

Mulder a olha, compadecido.

—Scully, o que houve?

—Nada... - ela tenta sorrir e logo enxuga os olhos com um lenço de papel que tem às mãos. Disfarçando a tristeza que lhe assola o coração, demonstra descontração ao ver a caixa sobre a mesinha.

—É nosso jantar, Mulder?

—Sim, Scully. - responde, fitando-a intensamente.

Ele sabe que a sua amada está sentindo a falta de seu filho. Como sempre.

Ela vai retirando a tampa da caixa, deixando aparecer a apetitosa e quente pizza.

—Ei, Scully!

—O que foi?

—Esqueci do refrigerante.

—Tem suco aí na geladeira.

—Ótimo.

—Onde esteve, Mulder? Foram muitas horas e eu já estava ficando apreensiva.

—Fui dar uma olhada na cidade.

—E o que achou? - diz, sorrindo.

—Não fui procurar nada...

—Ah, sei.

Dana continua entretida, remexendo a caixa com a iguaria.

—Está com fome? - pergunta.

—Sim. E você?

—Nem um pouco.

—Ahn... - ele leva o indicador sob o nariz - ... eu tenho notado que você está sem muito apetite, ultimamente.

—É isso. - responde, evitando o olhar dele.

Mulder senta-se na cama.

Pernas afastadas. Cotovelos apoiados nos joelhos. Mãos segurando a cabeça. Olhos fechados.

Seus pensamentos neste instante são os mesmos de Dana, tem certeza.

"Não sabemos onde, nem com quem está nosso filho... a nossa criança gerada com todo amor... o nosso filho querido e desejado por tanto tempo... no entanto, quando o tivemos em nossos braços, a situação grotesca que vivemos não nos permitiu ficar com ele... o medo, a indecisão de um futuro levou Dana a praticar um ato quase... quase... desumano! Não! Não devo pensar assim! Eu, somente eu, sou o culpado por tudo isso! Deixei-a só, entregue à sanha daqueles desgraçados..."

—Mulder?

Ele sente um impulso. Um susto havia tocado o fundo do seu coração e os nervos refletido sua volta à realidade.

—Oi, Scully.

Ela senta-se junto a ele.

—Está sentindo alguma coisa?

—Nem sei. - ele sorri - Estava só refletindo...!

—Mulder, olha que engraçado. Agora somos dois desempregados. - ensaia um sorriso.

Ele passa o braço à volta dos ombros dela.

—Mulder... às vezes fico nos imaginando numa casa longe de tudo e de todos, cercada de muitas árvores, pássaros cantando... eu e você desfrutando de uma paisagem e paz, cheia de verde na terra, contrastando com o azul do céu...

Mulder permanece calado. Apenas divaga seus pensamentos.

"Scully pensa que eu não imagino as mesmas coisas. Eu sei e sinto que ela quer citar nossa família reunida. Eu... ela... William."

"Que é uma família senão o
mais admirável dos governos?"

Lacordaire

A VIDA DE UMA CRIANÇA

"A melhor maneira de tornar as crianças boas, é torná-las felizes."

Oscar Wilde

Capítulo 134

"Engraçado!" - pensa Mulder.

Nem sabe o porquê, havia ido parar no mesmo lugar do dia anterior. Defronte ao prédio de Vara de Família, que trata de adoção de crianças.

Pára na calçada em frente à porta do prédio. Não vai entrar, decidira, pois nada pode fazer ali.

—Você não sabe o que é mais estranho nessa coisa toda!

Essas palavras entram pelos ouvidos de Mulder, que passa a observar uma mulher a falar com outra. Estão próximas dele. Na mesma calçada.

—A criança dela parece sentir falta da mãe e chora o tempo todo! - continua a mulher.

Mulder apura mais os ouvidos. Interessa-lhe a tal conversa.

—E você sabe que os bebês sentem o cheiro da mãe? - continua a mulher.

—Como os animaizinhos. - diz a outra.

—Sem dúvida! Aliás o ser humano é um animal! Apenas possui características bem mais vantajosas, como o raciocínio, por exemplo.

—Mas como você ia dizendo...?

—Sim, olha só. Então não está havendo uma adaptação perfeita entre a mãe adotiva e a criança adotada.

—E o que acontece?

—Ah, daí que fica difícil a criação de uma criança nessas condições. É ruim para a mãe e pior para o filho. Até um trauma psicológico poderá haver no desenvolvimento do filho adotado.

Mulder sente-se incomodado com as palavras que ouve, saídas da boca da mulher, que usa frases bem pronunciadas, conversando com sua colega.

—E você comentou o caso com o doutor Corbin?

Mulder ouve mais essa frase. Percebe que está sentindo-se inteiramente desorientado em suas idéias, escutando tal conversa.

Retira-se, imediatamente do local.

Enquanto caminha, os pensamentos tomam conta de sua mente.

"Se Scully escutasse o que acabei de ouvir, enlouqueceria de dor e desespero! É de suma importância que devo fazer algo a respeito desse assunto. É a vida e felicidade de uma criança que está em jogo."

* * *

Bate à porta do quarto de motel. Espera alguns segundos.

A porta é aberta, discretamente.

—Scully, sou eu! Esqueci a chave.

—Ah... - afasta-se, para que ele entre.

Mulder cinge a cintura de Dana com seus braços. Beija-a nos cabelos.

Mulder, você foi comprar nosso lanche e quase não volta mais!

—Dei bastante tempo, para fazê-la ter apetite. Você disse que anda sem vontade de comer...!

—E é verdade. Continuo assim.

—Scully... - toma-lhe o rosto, segurando-lhe o queixo, fazendo-a olhar para ele - Há alguma coisa que eu possa fazer?

Ela nega, com um meneio, mas fitando-o, firmemente, fala emocionada.

—Mulder, nunca mais me deixe só. Preciso de você...!

Ele aperta-a nos braços. Larga-a, em seguida, e caminha em direção do confortável sofá que decora o quarto. E nele se joga., displicentemente.

E os pensamentos de Dana navegam pelo tempo, até lá longe, no seu apartamento na cidade onde morava.

"William ficava deitadinho no berço e eu, no sofá ao lado, o ficava vigiando, contemplando, extasiada, aquela obra da natureza que Deus me permitiu gerar... o meu amado bebê... e hoje... hoje... ele deve estar balbuciando algum som, como todas as criancinhas na idade dele... o meu filho... que já não posso mais ter em meus braços... eu o sacrifiquei... tornei-o infeliz, a mim e a Mulder também.

E Mulder está ali, deitado, diante de mim, pensativo... em que ele pensa? Quais são seus planos para o nosso incerto futuro?"

Nos pensamentos de Mulder, ali, deitado, correm céleres, as frases que ouvira da conversa entre as duas mulheres, em frente à Instituição para adoção de crianças.

As frases batem e voltam em sua mente e lhe maltratam a alma. Ele a sente acorrentada, presa aos meses passados, quando havia deixado Dana só e sem escolha para sobrevivência sua e de seu filho.

* * *

O forte calor, amenizado pelo vento constante, faz esvoaçar os cabelos de Dana.

Mulder lhe segura a mão.

Diante de seus olhos a imensidão da seca, estéril e avermelhada pradaria, distendendo-se à distância do casario.

—Vou procurar entrar em contato com Skinner. - diz Mulder.

—Pra que, Mulder? - ela o olha, apreensiva.

—Quero saber das coisas.

—Mas que coisas, Mulder? É perigoso... talvez o telefone dele esteja grampeado!

—Já pensei nisso.

—E...?

—É um risco pelo qual devemos passar.

Dana cruza os braços.

—Não tem jeito mesmo!

—E você disse que estará comigo a qualquer tempo e hora.

—E confirmo o que disse.

Um pássaro de longas asas e canto agudo, atravessa o espaço azul, fazendo ressoar o seu piar. Como uma gralha.

—Hum... não gosto disso.

—O que, Mulder?

—Do piado dessa ave.

—E daí? Superstição? Essa é uma ave da família dos Corvídeos...
—... família de pássaros que se nutre de carne putrefata. - ele completa.
—E...? - ela o olha, sorriso entre os lábios.
—Indica mau agouro.
—Ah, tá bom, Mulder! Eu acho que, depois de tudo que já passamos na vida, nada, mas nada mesmo pode ser agouro pra nós.
Mulder passa a mão nos cabelos. Suspira, levantando a cabeça, olhando para o alto.
—Tem razão, Scully. Você está certa...
Um vendedor ambulante passa por eles, com sua cesta repleta de belas frutas, pousada sobre a cabeça coberta com o grande chapéu de palha decorada.
—Quer que compre algumas, Scully?
—O que são aquelas frutas?
—Só descobriremos provando.
—Tudo bem. - ela dá de ombros.
Mulder dirige-se até o vendedor.
Dana permanece em seu lugar. Olha à sua volta, distraidamente.
Repentinamente, um calafrio atravessa-lhe a espinha.
Um par de olhos negros e felinos, a fita, insistentemente.

"Os olhos não enganam nunca,
mesmo quando procuram enganar."

Madame de Gomery

SOBERBA OSTENTAÇÃO

"Ostentação produz soberba,
a soberba produz a ira."
S. Fajardo

Capítulo 135

Mulder retorna.

—Pronto, Scully. Trate de saborear essa fruta, pois é muito boa.

—Hãh? - ela quase nem o ouvira.

Disfarça o olhar, para verificar ao redor.

—Senhores?

A voz estranha soa muito próxima, junto às costas de Mulder e Scully.

O casal volta-se para olhar quem lhes chama.

—Poderia oferecer meus serviços? - o estranho lhes pergunta.

Mulder, por sua vez, o indaga, numa linguagem muda, sómente com o olhar, na qual o homem entende.

—Ah, desculpe-me. Eu sou Juan Cortez e trabalho como cicerone nesta cidade. Acredito que os senhores são visitantes... senhor...?

—Jack Miller. - apresenta-se Mulder, para continuar - Engana-se, senhor Cortez. Nós...
... residimos aqui há alguns meses. - conclui Dana.

O desconhecido faz uma reverência.

—Oh, queiram desculpar, senhores! Eu... gostaria então de convidá-los a ir até um bom restaurante!

—É disso que precisamos no momento. - responde Mulder, com convicção.

Dana sente-se estranhamente incomodada com a insistência do sujeito em permanecer ao lado deles.

—Bem... eu acho que não estou me sentindo muito bem para ir a um restaurante.

—Mas que é isso, senhora? Recusa meu convite? Todas as pessoas gostariam muitíssimo de serem minhas convidadas! Afinal eu sou Juan Cortez!

—E...? - Mulder levanta as sobrancelhas e faz um bico com os lábios, ao ouvir tal presunçosa afirmativa.

Olha para Dana, que também dirige o olhar em sua direção.

Mulder dá de ombros, dando a entender a Dana, que não há importância em aceitar o convite do desconhecido.

—Muito bem! - o homem exclama, convicto - Venham até o meu carro.

O casal acompanha o homem. Que os encaminha para uma Limousine.

Mulder faz um gesto de surpresa.

—Oh, oh, Scully! Essa é boa! - sussurra aos ouvidos dela.

Dana pára de caminhar. Fala, também, num murmúrio.

—Mulder, não devemos...!

—Como não devemos?! Passaremos horas diferentes! - murmura, novamente - Chega de sufoco!

Dana suspira. Cruza os braços, olhando impassível para o veículo, cujo motorista faz gestos

amáveis, convidando-os a entrar no luxuoso veículo.

Mulder, impulsivo como sempre, puxa Dana por um braço.

—Vem.

Ela sai de sua impassividade e acompanha-o

O casal entra no carro.

Dana continua sem sentir-se à vontade.

Mulder denota inteira descontração.

O homem entra, por fim, e o motorista também, logo pegando o volante.

* * *

—Por que apresenta-se como guia de turismo? - pergunta Mulder, enquanto encosta o talher no prato.

—Porque esse é o meu hobby, senhor Miller. Gosto disso. - faz uma pausa - Moram aqui há quanto tempo? Divirto-me mostrando a cidade a visitantes.

Mulder bebe um pouco da taça em sua mão.

—Ahn... há alguns meses. - responde.

—Precisamente doze meses, senhor Cortez. - completa Dana.

—Ora, há um ano, então!

Mulder dá uma risadinha.

—Claro, naturalmente!

—A senhora é de origem inglesa? - volta-se para Dana, usando um olhar intenso em sua direção.

—Absolutamente, senhor... sou americana.

—Senhor! - o garçon aproxima-se de Mulder, cerimoniosamente, com um papel na mão. Mulder o olha.

O garçon lhe entrega a folha.

—O senhor foi premiado.

—O quê? - surpreende-se.

—Premiado?! - exclama Dana.

—É... eu, a cada semana, mando sortear uma surpresa para meus convidados.

—Surpresas?! - é Dana quem faz a pergunta.

—Sim. Um dia de estadia totalmente grátis no nosso mais luxuoso hotel da cidade! - Cortez explica, com olhos brilhantes.

—O senhor tem que ir até ao outro salão, senhor. - o garçon avisa para Mulder.

Este levanta-se. Pousa a mão rapidamente, sobre o ombro de Dana, fazendo-a entender, com o olhar, que vai sair por uns instantes da mesa.

Dirige-se ao outro salão do amplo restaurante.

Dana está à mesa somente com a companhia do seu mais recente, desconhecido e vaidoso amigo.

Ele a fita, neste momento, descaradamente.

—O senhor, simplesmente, nos enganou, senhor Cortez. - fala, em tom sério.

Ele nada retruca. Está com os lábios entreabertos, fitando-a, ardentemente.

—A senhora é maravilhosamente linda...! - murmura ele.

—Senhor...! - ela rebate o galanteio.

Seus olhos, senhora, endoidecem qualquer mortal...!

Dana faz menção de levantar-se.

Ele a segura pela mão, impedindo-a

—Não faça isso. O que pensaria o seu... companheiro?

Dana sente na expressão usada por ele um terrível mal-estar. O homem está abusando de sua boa educação.

—Eu posso dar-lhe as coisas mais belas, as melhores jóias, o mundo inteiro, se quiser!

Tenho esta cidade e todas as melhores coisas da terra em minhas mãos.

Imediatamente no pensamento de Dana, vêm as palavras que lera na Bíblia Sagrada:

"O mundo jaz no maligno."

Tudo aquilo que lhe está sendo oferecido é uma artimanha do mal que reside neste mundo, para tentá-la e, quem sabe, até atormentá-la.

Mulder já está se aproximando de volta à mesa. Tem uma fisionomia tranquila.

Dana suspira aliviada.

Mulder senta-se à mesa, no seu jeito displicente de ser. Dirige um olhar satisfeito para o desconhecido.

—Muito bom este restaurante e muito bom seu incentivo com os prêmios oferecidos a seus visitantes! - ele comenta.

—Eu sabia que iria agradá-los. - diz Cortez.

—Principalmente... à senhora. - diz Mulder.

O homem levanta as sobrancelhas, parecendo admirado com as palavras de Mulder.

—Bem, bem, meus novos amigos... eu desejo que conheçam, então, o melhor hotel que temos aqui.

—Obrigado... - fala Mulder, em voz soturna.

Dana o fita, num olhar quase desesperado, no qual ela ali lhe suplica não aceitar os hipocritamente gentis convites do homem que demonstra tanta ostentação.

—Nós já o conhecemos, senhor Cortez. - finaliza Mulder, com a fisionomia muito séria.

Ah, mas eu tenho certeza de que nunca tiveram uma estadia tão sensacional quanto a que lhe estou oferecendo neste momento. E aproveite, que foi o feliz premiado!

—O senhor considera-nos uns necessitados, senhor Cortez? - Mulder faz a pergunta.

O homem pigarreia, nervoso.

—Que é isso, senhor Miller?! Eu só quero ser gentil, agradá-los...

Mulder levanta-se. Fita, com os olhos pequenos e apertados, o homem à sua frente, que é todo gentileza. Seus maxilares pulsam dentro da carne, sob a pele morena, pela barba cerrada, mas escanhada.

—Mas... já está querendo ir embora? Não gostou dos pratos daqui?

—Claro que gostei, senhor Cortez.

—Mas não vai esperar a sobremesa?

Dana está observando as palavras e a atitude austera de Mulder. No seu interior entende que algo está ocorrendo na mente dele. Só não atina com o que. Há um tom de intenso sarcasmo nas palavras que ele pronuncia.

—A sobremesa eu prefiro oferecer-lhe, senhor Cortez.

—Ora, ora! O que é iss...?

Um soco muito bem desferido no rosto de Cortez, impede-o de concluir a frase.

Mulder, após esse impetuoso gesto de raiva, toma a cadeira por seu espaldar e a atira no chão, como se quisesse praticar tal gesto com o homem que está à sua frente.

As demais pessoas ali no grande salão, observam, boquiabertos, o incidente.

O homem agredido reage apenas colocando a mão trêmula sobre a pele da face avermelhada pelo murro recebido do punho de Mulder.

Mulder puxa Dana pela mão e ambos dirigem-se para a porta de saída, em passos rápidos. Três homens chegam até Cortez.

—Senhor Cortez, quer que o peguemos?

—Não, não. - ele recusa, ainda esfregando a face - Não... ainda.

Mulder e Dana já caminham na calçada em frente ao restaurante.

Ela, andando rápida ao lado dele para alcançar seus largos passos, fala-lhe.

—Mulder, eu não entendi nada!

—É mesmo, Scully? - responde, sem olhá-la, usando um tom sarcástico.

—Mas o que houve?

Ele pára, a fim de que ela possa chegar até ele, por fim. Olha-a, apertando os lábios.

—O senhor Cortez estava realmente fazendo jús do uso de seu nome, mas somente em relação a você, Scully! Aquele conquistador barato!

Um sorriso desenha-se na boca de Dana. Tem consciência de que o seu Mulder é extremamente intuitivo e, quando menos ela podia esperar, ele já lhe demonstra seus poderes de antecipado entendimento das coisas mais sutis.

Com os braços desejosos por apertar o seu amado, contém-se, porém e apenas pronuncia uma única e apaixonada frase:

—Eu te amo, Mulder!

"O homem tem um farol: a consciência."

Victor Hugo

INESPERADO SONHO

"Se às vezes nossos sonhos parecem realidade, também às vezes acontece que a realidade é que parece um sonho."
Guilherme de Almeida

Capítulo 136

Abismado, olha ao seu derredor.
Muito verde; imensa campina estende-se diante de si. O ar puro o faz encher os pulmões e aspirar da atmosfera sadia que preenche o grande espaço.
Ao longe a casa de fazenda. Ampla, confortável, muito branca.
Mulder corre até lá. É um pouco distante de onde ele se encontra.
Ladeada pelos coqueiros e demais árvores frutíferas, ela impera na paisagem.
Arfante pelo cansaço e por estranha ansiedade, Mulder chega até a entrada da casa.
Janelas com cortinas brancas e esvoaçantes parecem ser os olhos da residência.
O choro de uma criança faz Mulder aproximar-se de uma das janelas envidraçadas. Olha o interior da casa. Vê as pessoas lá dentro. Junto ao bebê que chora no berço, há um casal.
—O que ele tem? - pergunta o homem, com ar ansioso.
—Como disse o pediatra, ele não tem nada. Apenas chora. - a mulher responde e tira a criança do berço.
Tenta acalmá-la. Os olhos da mulher estão marejados de lágrimas.
—Como eu já lhe disse... há somente uma explicação...
—Ah, querida, na certa que há uma grande dose de ansiedade de sua parte e você vê detalhes que não existem...!
—Como não existem? Está mais do que provado que o nosso bebê não está aceitando nossa presença!
—Não diga uma coisa dessas! - afaga a mulher e a criança.
A mulher chora mais, enquanto tenta fazer com que o bebê pare seu choro.
—Ele sente falta da mãe. - ela murmura para o marido.
O homem passa a mão no cabelo e caminha ansioso pelo quarto, levantando as mãos.
—Eu não creio nesta hipótese.
—Mas é claro que tem que ser isso! Por outro lado eu também... - ela pára e olha para o marido, com olhar aflito.
Ele aproxima-se:
—Você também o que?
—Eu não tenho sossego. Continuo com aquela pergunta na cabeça... por que a mãe dele o deixou pra ser entregue a estranhos? Uma criança tão saudável! A princípio parecia que tudo iria bem, até quando ele começou a demonstrar que não nos aceita como seus pais.
—Ah, mas que imaginação!
Mulder, que até esse momento ouvira a conversa, escondido na janela, resolve penetrar, porta a dentro, invadindo a casa.
Sua voz, um pouco enrouquecida pela dor da angústia, brada em alto som:
—É porque ele é meu filho!!
Com essa entrada tempestuosa do estranho em sua casa, o casal assusta-se.

No entanto, a criança, no colo da mulher, estende os pequeninos braços em direção ao desconhecido que acabara de chegar.

Mulder repete a frase em voz baixa, agora.

—É porque ele é meu filho!

Tenta segurar a criança.

A mulher grita.

* * *

O corpo forte de Mulder estremece. Acorda, sobressaltado com o inesperado sonho.

Dana está adormecida ao seu lado.

Ele procura levantar-se, vagarosamente, para que ela não acorde.

Dirige-se à cozinha. Retira um copo do armário. Da geladeira retira uma garrafa d'água.

Bebe a água gelada em goles rápidos. Sente a garganta seca.

Senta-se à mesa, com a cabeça entre as mãos. Pensativo.

"É... aquelas palavras que ouvi daquelas duas mulheres na rua, me fizeram ficar imaginando coisas... como se aquele sonho fosse real... ou será... mesmo? Não... eu devo estar louco pensando na possibilidade desse fato. William... meu filho está bem... não é nada disso... eu acho."

—Mulder?

Ele ouve Dana a chamá-lo e volta-se para olhá-la.

—Perdeu o sono?

—Sim, Scully... e está me dando um trabalho danado encontra-lo...! - murmura, com sua voz, cujo som parece ter dezenas de bolinhas de gude deslizando-se-lhe na garganta.

—Está preocupado?

—Em verdade quem não está? São tantas coisas, Scully...!

Dana aproxima-se mais. Senta-se também numa cadeira. Tem um ar triste, cansado.

—Até quando vamos ficar aqui, Mulder?

—Na verdade, não sei... que você acha?

—Sigo seus passos, mesmo sem saber a direção.

—Com essas palavras Mulder levanta-se para puxar Dana para si, fazendo-a levantar-se.

—Não diga mais isso, porque senão...

—Senão...?

—Eu posso acreditar...

Ela sorri. Beija-o no pescoço.

—Eu sinto você um pouco agitado...

—É... ahn, acho que estava mesmo. Tive... tive um pesadelo...

Ela acaricia-lhe a face com os fios de barba despontando.

—Dizem que a gente deve contar a outro nossos pesadelos, para tirar...

—... o azar?! - corta rápido - Dana Scully! Você mudou radicalmente! Quem diria! —

—Também... conviver com um cara totalmente...

Ela cobre-lhe a boca com os dedos.

—Pára, Mulder! Não tem sentido me dizer essas coisas. - ela o fita, observando seu ar preocupado - Mulder... eu sinto que você tem uma preocupação maior, martelando sua cabeça...

—Não é nada.

—Se a sua preocupação nada significa, a minha, no entanto, me deixa louca! - sussurra ela.

Ele afaga-a nos cabelos. Prende-a contra o lado de seu corpo e a faz caminhar até a janela. Dali podem divisar o céu sem estrelas, o tempo chuvoso, um vento frio a embalar as árvores distantes.

—Mulder?

—Fala.

—Por que a saudade não me deixa?

Ele a aperta mais contra si. Aperta os lábios, preocupado.

Sabe, exatamente, do que ela está falando: a falta que sente de seu filho.

"A saudade é a
poesia de todo homem."

Camilo Castelo Branco

REMORSO

"O remorso é a única dor da alma que o tempo e a ponderação não conseguem nunca acalmar."
Madame de Stael

Capítulo 137

Continuam junto à janela, olhando para o céu escuro.

- Mulder, eu sofri muito...

Ele não a interrompe, para indagar o porquê dessas palavras. Prefere deixar que ela desabafe o que está dentro de sua alma.

- ... porque até enfrentei um assassino, que quase acaba com a vida de William.

Mulder, com um meneio, agora pretende fazê-la desistir de continuar a narrativa.

- Quero contar... - ela murmura e seus grandes olhos azuis procuram os dele, como pedindo ajuda.

- Não, Scully! - ele aperta-a contra si.

- Eu preciso Mulder, eu preciso...! - fala, em voz angustiada.

Ele a mantém presa ao seu peito, enquanto continua fitando o espaço através da janela.

- Eu estava chegando em casa, não tranquila, porque coisas estranhas já haviam acontecido, mas cheguei pensando em descansar e passar muitas horas com ... - engole em seco - ... nosso filho...

Mulder fecha os olhos, sofrido.

- ... notei a porta do apartamento aberta e, ao dar os primeiros passos para entrar, vi minha mãe sendo atirada ao chão.

Ele afasta-a de seu peito para olhá-la intensamente, vasculhando, com seu olhar esquadrinhador, o que se passa nesse instante com sua amada.

- Não deve continuar, Scully...

Ela balança a cabeça, negativamente.

- Eu quero, Mulder! Me deixa... eu preciso! Cada segundo que William passou ao meu lado eu quero relembrar!

- Não tem que fazer isso! - segura-a pelos ombros.

- Você não compreende! - protesta, já em lágrimas - Eu preciso que alguém me ouça! E esse alguém...

- ... sou eu! - ele murmura, conformado, voltando a aperta-la contra o peito.

- Deixe-me continuar... - ela engole as lágrimas com dificuldade - ... entrei e lá estava aquele desgraçado com um travesseiro nas mãos... - ela cobre o rosto com os dedos crispados - ... e eu atirei!

- Ele ia ... sufocá-lo? - Mulder faz a difícil pergunta que, com angústia, lhe sai da garganta.

Mulder afaga-a nas costas, enquanto Dana chora.

Chora por dois motivos: a emoção de estar contando um fato dantesco como o que acabara de narrar e o fato de sentir uma saudade tão intensa de seu bebê em seus braços, que o vazio dentro do seu coração lhe traz uma absurda dor.

É como se lhe tivessem arrancado parte de suas entranhas.

Ela sente-se arfante, inconformada, angustiada, atormentada.
Um grito está aflorando em sua garganta e ela geme alto.

- Ai!

Mulder ampara-a, com carinho.

Beija-a nos cabelos, passando os dedos entre eles.

"Por que tinha que ser tudo assim? - pensa - Poderíamos ser felizes... nós três... uma família... nós não podíamos perdê-lo assim! Scully sente-se culpada... e eu preciso ajudá-la... afinal a culpa em parte foi minha..."

Os soluços de Dana sacodem-lhe o corpo franzino.

Mulder toma-a nos braços e carrega-a para a cama.

- Dana... eu falei pra você não lembrar...

Ela agora derrama lágrimas num choro manso e silencioso, enquanto Mulder a havia colocado deitada e afastara-se para ir até a pequena geladeira, a fim de pegar um copo d'água.

Ele aproxima-se com o copo na mão. Toca-a na face.

- Tome, Dana.

Ela senta-se e, lentamente, tenta engolir a água.

- Não estou com vontade, Mulder! - choraminga, devolvendo o copo.

- Confie em mim. Faz bem, beba.

Ela toma mais alguns goles. Dá um longo e entrecortado suspiro.

- Scully, é tarde da noite. Tente dormir, hum? - diz, afagando-lhe os cabelos.

Ela deita-se, procurando deixar que o sono a leve para um mundo fantástico do "nada", onde nada pudesse lhe acontecer, nada a fizesse sofrer, nada a fizesse sentir tanta saudade e tanto remorso.

Mulder ergue-se e chega até a janela. Pensa no filho.

Será que ele estaria mesmo num lugar assim como havia visto em seu sonho?

Será que a criança realmente sentiria falta da mãe?

Será que seu futuro não o iria fazer sofrer, ao saber-se rejeitado um dia?

Será... será ... será?

Mulder passa a mão pela testa úmida de suor, pelos pensamentos nervosos. Deseja arrancar essas perturbadoras idéias da mente. Deseja que dentro do seu ser fique somente a esperança e as promessas de um dia poderem ser felizes... os três.

"Prometemos segundo nossas esperanças
e cumprimos segundo nossos temores. "

La Rochefoucauld

DIFICULDADES

"As dificuldades, quando as vemos de longe
são montanhas, mas como as montanhas,
abaixam-se à medida que delas nos aproximamos."

Capítulo 138

Mulder retorna da janela, para deitar-se ao lado de Dana, já adormecida.

Após algum tempo deixar-se levar pela imaginação, por fim rende-se ao sono que lhe faz pesar as pálpebras.

Nota, que Dana, no entanto, está entregue aos seus sonhos, num dormir um tanto perturbado.

Ele vê o semblante dela, mesmo dormindo, parecendo ansioso por alguma coisa. Um pesadelo, talvez, a atormenta neste momento.

Mulder senta-se à beira do leito a observá-la, atento, somente à luz dos raios suaves da lua, que entram pela janela.

Lá fora, o ruído de pássaros noturnos quebra o pesado silêncio.

Ali não é como na cidade em que moravam: burburinho, buzinas, motores ressoando entre a grande floresta de cimento armado.

Mulder suspira. Vê, mais uma vez, que Dana treme, ligeiramente, as mãos.

Ele sente dó de sua amada. Acha que não deve permitir que ela continue com esse pesadelo infeliz a fustigar-lhe a alma, enquanto dorme. Necessita desperta-la.

Mulder pigarreia alto.

Nada. Dana continua dormindo.

"Amanhã vou levá-la um pouco a passear, pra ver se distrai-se. É preciso que ela saia daqui de dentro. Estamos fugidos, mas não somos encarcerados e aqui nesta cidade ninguém nos conhece."

Ele tenta animar-se com esses últimos pensamentos. Força a mente, para pensar coisas agradáveis. Só que não consegue.

Mulder debruça-se levemente sobre Dana, para fazê-la despertar.

- Dana...?

Os globos oculares dela revolvem-se dentro das pálpebras fechadas.

Mulder a toca, suavemente, no rosto.

- Aaaah! - ela abre os olhos e ergue-se rápido.

Mulder lhe sorri.

- Estou com ciúmes.

- Ahn? Por que? - ela ainda está sem entender bem as palavras dele.

- Você está inteiramente entregue aos braços de Morfeu.

Ela não sorri com as palavras dele.

- Mulder...

- O que é?

- Eu estava sonhando...

- ... isso eu sei.

Ele levanta-se.

- O que está fazendo? - ela quer saber.

- Eu? Por que pergunta?
- Você está levantado, ainda!
- É, ainda não consegui dormir.
- Hum... - joga-se sobre a cama, olhando para o teto.
- Scully, amanhã faremos um passeio... um reconhecimento do território...
- ... até achar um senhor Cortez no caminho!

Mulder retorna à cama. Deita-se e enlaça-lhe o corpo.

- Não fale mais nada. Para nós sempre haverá dificuldades. Em tudo que fizermos.

* * *

As montanhas avermelhadas e quase nuas de vegetação parecem brilhar com a luz do sol forte e extremo calor.

- Você está ouvindo, Scully?
- É... parece ser para os lados de lá.
- Quer ir ver?
- Só quero ir onde tem pouca gente, Mulder. Ninguém deve nos ver.

Continuam caminhando, pisando a terra ressecada do chão.

Pessoas passam apressadas e parecem nem vê-los ali, apesar de seus trajes bem diferentes dos usados no lugar.

Logo, uma balbúrdia. Vozes estridentes de crianças se fazem ouvir.

Dana pára, a fim de escutar com mais atenção.

O ruído se intensifica e logo um bando de crianças de idades variadas enche de animação o local.

Os olhos atentos de Mulder detêm-se a apreciar o ruidoso grupo, que está sendo monitorado por duas mulheres, que parecem ser professoras.

Ele continua como que hipnotizado, apreciando as inquietas crianças.

Repentinamente, como que saindo de um transe, ele volta-se para Dana.

Os olhos dela, marejados de lágrimas, deixam-se enlevar pela visão daquelas crianças.

- Scully, venha aqui. - puxa-a pelo braço, fazendo-a afastar-se e desviar o olhar daquela penosa visão para seus corações tão sofridos.

E enquanto caminham, tomando outra direção, a mente de Mulder remói os pensamentos que ultimamente o atordoam, sem cessar.

"Eu e Scully estamos sofrendo muito com a ausência do nosso filho..."

- Mulder, vamos voltar para o motel?
- Já?! Não quer andar mais um pouco?
- Não.
- Tudo bem. - ele diz e dá de ombros.

* * *

Depois de haver deixado Dana no motel, está agora de volta à rua.

Toma o aparelho do telefônico público nas mãos.

O ruído ao seu redor o atrapalha na ligação. Gostaria muito de estar num lugar ermo, usando seu próprio celular. Mas não pode fazer isso.

Todos os seus gestos têm que ser muito bem pensados. Sabe que não deve haver nenhuma falha de sua parte, embora necessite dar esse telefonema.

"A maior parte das nossas falhas é mais perdoável do que os meios que usamos para disfarçá-las."

La Rochefoucauld

NUNCA DESISTA...

"Nunca desista...
Nunca desista de ser feliz...
Existem pedras. Não desista de andar...
Existem barreiras. Não desista de passar...
Existem os nós. É preciso desatar...
Existe o desânimo. É a pior coisa que há...
A estrada é longa. Não desista de chegar...
Existe o cansaço. É preciso caminhar...
Existe a derrota. Você nasceu para ganhar...
Existe o amor e é fundamental amar."

Capítulo 139

Maggie está com o aspirador às mãos, fazendo-o deslizar sobre as ondas da cortina.

Sente-se infeliz, preocupada e só.

"Quanta saudade eu tenho ainda que passar nesta vida, ó Deus?

Primeiro perdi meu marido, depois minha filha... o pai de meu neto e o pior... é perder quem está vivo. Onde estará Dana, neste momento... e... - pára o gesto, deixando cair a mão que segura o aspirador - ... e William?"

Fecha os olhos, angustiada.

Perdera seu netinho, que havia custado tanto a chegar!

"Mas por que? Por que Dana usou esse gesto extremo para salvar a criança? Eu a ajudaria a lutar com unhas e dentes, se preciso fosse... mas nunca renunciaria a ele..."

Ela permanece estática, diante desses pensamentos, olhando para o vazio.

O ruído do telefone a tira de sua meditação.

Maggie larga o aspirador sobre o chão. Atende a chamada.

- Alô!
- Senhora Scully?
- Sim... quem é?
- Sou eu, senhora Scully.
- Mas, meu Deus! - assusta-se - Mas é você... Fox...?
- Sim, senhora Scully, sou eu.
- Mas... como?! Fox Mulder?
- Fox William Mulder, precisamente, ex-agente do FBI...
- O pai de William!?
- Sim, senhora Scully, eu mesmo.
- Mas eu pensei... bem, eu pensei...
- ... que eu estava morto!
- É... surgiu uma história... desculpe. - ela ri - Mas deixa pra lá! Ah, meu Deus, que felicidade, Fox! - põe a mão no coração - Ai, por favor, me diga: sabe algo de minha filha?
- Ela está comigo, senhora Scully.

Maggie exulta. Sorri. Sente o coração descompassado.

- Obrigada, meu Deus! É mais do que eu mereço!

Mulder emociona-se com a alegria de Maggie, a qual sente, mesmo através do fio da linha telefônica.

- Senhora Scully...
- Onde você está?
- Não devo lhe falar, por medida de precaução.
- Claro! Desculpe! Fox, por favor, diga a Dana que se comunique comigo...! Aquele grande choque que recebi já... - diminui o tom da voz -... abrandou um pouco.
- Eu entendo, senhora Scully.
- Fox... você me entende mesmo? Eu me senti no fim da vida com aquele acontecimento... não vou esquecer nunca... mas foi um gesto extremo de proteção por parte da minha filha... você entende, não é Fox...? - fala chorosa .
- Sim. Acredite... senhora Scully, eu quero lhe falar algo sobre isso.
- Sobre... isso...?
- É sim, eu quero retomar a guarda do meu filho.
- Como?! - não acredita - O que você falou, Fox...?
- O que ouviu, senhora Scully...é do meu interesse tratar disso.

Maggie está agitada. Sente a voz afogueada pela emoção.

- Você... você está falando sério?
- Não iria brincar com um assunto desses... e quero dizer que preciso de sua colaboração.
- Ah, Fox, eu não estou acreditando que estou ouvindo isso de você!
- Pois pode começar a preparar-se para vê-lo novamente conosco.
- Meu Deus! O que posso fazer para ajudá-lo?
- Não diga nada à Scully... é o primeiro passo.
- Fox e... em quanto tempo teremos resolvido esse caso?
- Ah, bem... isso vai levar um certo tempo. Temos que contratar um advogado... irá ocorrer o trâmite legal de todos os documentos, exames de DNA, para provar que Scully é a mãe biológica... e uma série de coisas que teremos que ter paciência, até esperar o sim do Juiz.
- Eu nem acredito, Fox! Dana vai ser feliz, novamente, tenho certeza disso! E Fox... qual será a primeira coisa a fazer?
- Saber onde encontra-se nosso filho. Naturalmente você também não sabe, é verdade, senhora Scully?
- Sim, é verdade.
- Descobriremos.
- Sim... sim!! - ela fala, entusiasmada, ante a expectativa de voltar a ter seu neto junto a si - Fox...?
- Sim, fale.
- Eu tenho muita vontade de ver minha filha feliz e eu também preciso ser feliz, Fox.
- Eu sei, senhora Scully, eu sei e ... nunca desista disso.
- Ai Fox, estou eufórica... quando ... vai começar a resolver esse caso?
- Logo, senhora Scully, logo.

* * *

O mercado está repleto. Pessoas que vêm e vão, apressadas, atentas ao que querem adquirir nesse momento.

Mulder e Dana seguem, entre um e outro passante, observando o que há à sua volta.

Músicas típicas ressoam no ar entre o aglomerado de pessoas.

Um grande banca, com apetitosas frutas, aparece à sua vista.

- Veja lá, Scully! Até que enfim podemos ver frutas conhecidas.
- É verdade, Mulder. Mamão! Vamos comprar alguns.

Os dois dirigem-se para a sortida banca de frutas.

Mulder faz sinal ao vendedor que deseja comprar algumas frutas e aponta-as.

- Melon Zapote? O homem quer saber, pegando as frutas, num sorriso aberto e amigavelmente.
- Sim... - olha para Dana - ... Melon Zapote...

Dana lhe sorri.

Mulder paga o vendedor e após um cumprimento, afastam-se.

Uma mulher está sentada no chão sob o toldo de uma das bancadas. Traz embrulhado na manta que a encobre, o filho no colo, que está envolto na mesma manta colorida, só mantendo do lado de fora o rosto da criança.

Antes que Dana visse a cena, Mulder afasta-a para outro lado, onde uma jovem vende belíssimas e viçosas flores.

Dana olha, fascinada, para as exuberantes flores.

Mulder vai até a jovem, escolhendo algumas para entregar depois à sua amada.

- Obrigada, Mulder. - ela fala, encostando o nariz no buquê que ele lhe apresenta.

Ela o envolve com o azul do seu olhar.

Como o ama! Só precisava, no entanto de uma coisa...

E como se seu subconsciente estivesse pronto a bradar ali mesmo seu desejo, ela fala em tom que chega aos ouvidos dele:

- Eu só tenho um maior desejo... ser feliz...
- Nunca desista disso, Scully! - ele lhe fala, com o seu olhar esquadrinhador, sondando-lhe os mais íntimos pensamentos.

Dana faz um meneio, confirmando.

Continuam caminhando entre as pessoas.

À sua frente, repentinamente, surge uma sorridente mulher, carregando num largo pano amarrado às costas, o seu filho.

Dana a vê. Pára, admirada. Acha muito bonita e interessante a cena diante de si.

Acha, dentro de si mesma, que aquela mulher deseja dar-lhe um grande exemplo do amor puro e simples de uma mãe zelosa com sua criança.

"Quando me aproximo de uma criança, dois pensamentos me ocorrem: sensibilidade pelo que ela é; respeito pelo que pode vir a ser."

Louis Pasteur

COMO FERA FERIDA

"Ri das cicatrizes quem nunca foi ferido."

William Shakespeare

Capítulo 140

Dana retira os sapatos dos pés cansados.

- Sinto muito, Mulder. Mas não dá pra seguir regras de etiqueta neste lugar. Estou com os pés doendo!
- Estou certo disso. Andamos quilômetros.
- Agora o que mais quero é ir para o motel e descansar.

Mulder a fita, condescendente.

- Desculpe, Scully. Eu não imaginei que a cansaria tanto.
- Deixa pra lá, Mulder. Eu estou bem.

Eles observam no local um aglomerado de pessoas, todas conversando em voz alta, dando gargalhadas. Enquanto um homem executa uma música; usando um instrumento de corda, tirando dele notas rápidas e alegres.

Uma jovem, de pele bronzeada pelo sol, com gestos graciosos, dança ao som da música. Seus pés descalços, aparecendo sob a longa e farta saia que ela levanta, encanta os homens passantes pelo local.

E ela é como uma boneca automatizada, cuja corda fôra dada para desenvolver seus movimentos.

De súbito, os olhos grandes e negros e de fartos cílios, da jovem dançarina, dirigem-se para o casal que havia parado para apreciá-la nos seus passos de dança.

Mulder e Dana permanecem ali, a alguns metros de distância, como estão os outros inúmeros espectadores.

Mas o olhar da moça parece fascinado pela figura alta e imponente do homem estrangeiro diante de si.

Ela chega até ele e, movimentando sensualmente um lenço de tecido de seda que traz à mão, volve-se diante de Mulder, roçando-lhe o lenço no pescoço, como se estivesse a pedir-lhe dar uns passos de dança em sua companhia.

Mulder sorri, diante do atrevimento da jovem de longos e anelados cabelos negros, que continua a volve-se, graciosamente, ao som da música, segurando com uma das mãos a barra da saia, a qual levanta até a coxa, deixando à mostra seu belo par de pernas.

A mulher, vendo que Mulder apenas lhe sorri, porém sem tomar nenhuma atitude em segui-la na dança, segura-lhe, determinadamente, a mão, puxando-o para junto de si.

Dana, incrédula diante do acontecido, sente o ciúme a corroer-lhe por dentro. Jamais imaginaria sentir ciúmes de Mulder numa terra como a que estão agora.

Nem lhe passara pela cabeça tal hipótese.

Mulder, por sua vez, resiste ao chamado da jovem dançarina. Não quer segui-la.

Palmas e gritos de incentivo partem do aglomerado de pessoas que estão ali, ao redor da moça, que continua seus passos de dança.

Dana está ansiosa e curiosa para ver se ele aceitará o convite da bonita desconhecida.

Mulder fica a apenas alguns centímetros da dançarina, olhando-a, sorridente, enquanto ela continua os seus volteios sensuais, sempre segurando a mão de Mulder.

Por segundos, o ritmo musical prossegue, ante os olhos faiscantes de Dana, que, como fera ferida, sente-se pronta a atacar a irreverente mulher, insinuando-se para Mulder. E sente como se todas aquelas pessoas ali à sua volta estivessem a zombar de sua humilhação de mulher apaixonada.

Neste instante os olhos da moça voltam-se para os pés descalços de Dana, que segura os sapatos de salto alto numa das mãos. E também observa o buquê de flores em sua mão.

A mulher sorri, com desdém, para Dana.

Uma das mulheres que faz parte da improvisada platéia apreciadora da dançarina, entrega a esta um chapéu colorido de abas largas.

A jovem o recebe e, chegando para bem próximo seu rosto do de Mulder, coloca o largo chapéu, tapando seus rostos da visão de Dana, que os assiste, mal conseguindo reprimir sua fúria.

Mulder afasta-se neste momento.

O mesmo momento em que os que os assistem gritam, entusiasmados.

"Aquela mulher beijou Mulder!"- foi o primeiro pensamento de Dana, ao perceber que a mulher havia escondido seu rosto e o de Mulder com o chapéu, provavelmente para beijá-lo.

Os aplausos continuam.

Mulder retorna até onde está Dana.

Procura-a, com o olhar. Busca-a ao redor. Não a encontra. Preocupa-se.

Não quer chamá-la pelo nome, para não atrair a curiosidade dos demais ali presentes.

Caminha com passos largos. Olha em toda a extensão ao seu redor. Nada vê que indique a presença de Dana.

Sempre andando e olhando para um lado e outro, no meio daquelas pessoas do lugar, começa a sentir-se incomodado. Não a vê em nenhuma parte.

"Ela não gostou por ter a dançarina me chamado para dançar com ela. Eu sei que isso deve causar um certo aborrecimento, sim, mas ela deve entender que ninguém está seguro de passar por um vexame em qualquer lugar que seja."- ele pensa.

Mulder retorna os passos para ir novamente até o lugar onde estivera antes.

Dana não está à vista, ainda.

Intrigado, não sabe por onde recomençar sua caminhada à procura dela. Nota, porém, que várias pessoas, entre mulheres e crianças, estão cercando alguém junto a um lugar, onde um toldo colorido as protege do sol.

Ele aproxima-se dali, pois, intuitivamente, sente que trata-se daquela por quem tanto procura.

Duas mulheres acercam-se de Dana, que está sentada num tamborete, segurando, com semblante de dor, um dos pés.

- Scully, até que enfim a encontro! - ele exclama, aliviado.

Dana o olha de relance apenas, levantando o olhar profundamente azul e indagador para ele.

Mulder aproxima-se e vendo-a assim sentada, segurando um pé, pergunta:

- O que houve?
- A senhora machucou o pé! - responde, parecendo preocupada, uma das mulheres.
- Meu Deus, Scully, como foi isso? - pergunta, aflito.
- Mulder, por favor, me leva daqui. Agora. - é só o que ela lhe pede.

Mulder, com rapidez e sem mais indagações, carrega-a no colo, para retirá-la do local.
Agradece as pessoas que estão próximas e retira-se, com Dana nos braços.
Ela enlaça-o pelo pescoço e segura o par de sapatos e o buquê de flores.
Embora o seu semblante demonstre tranquilidade e frieza, em seu interior corre um
turbilhão de pensamentos negativos.
Sente que só precisa de isolamento e consolo.

"Mesmo quando afirma não confiar em
pessoa alguma, a mulher deseja ser consolada."
Sthal

UM MAL JUIZO

"Os olhos e o coração são muitas vezes a causa do juízo das mulheres."

Meilhan

Capítulo 141

- Mas Scully, o que aconteceu?
- Nada demais.
- Negativo. Se você não pode andar, é porque alguma coisa aconteceu com seu pé.
- É que essas pessoas são exageradas, Mulder!
- Ah, Scully, pára com isso! Vou colocar você no chão e olhar seu pé.
- É isso. Ponha-me mesmo no chão!
- Não posso fazer isso, já que você não pode andar!
- Por que não experimenta? - seu ar é de desafio.

Mulder aperta os lábios. Olha-a de soslaio e coloca-a no chão.

Dana apoia-se numa parede, para ajudar os passos que tem que dar.

- Deixa eu ver isso, Scully!

Ela o fita, fixamente. As narinas sob a pele fina e corada, movimentam-se, com a raiva que está sentindo.

- Mulder, por que se preocupa tanto?! Há minutos atrás não parecia tão ligado a mim!

Mulder coloca as mãos na cintura. Fita-a, apertando os olhos pequenos. Tem um leve sorriso nos lábios bem delineados.

- Eu sabia... eu sabia que algo estava acontecendo com você...!
- Espera! Comigo não! **Você** é que tem que se explicar! Não eu!

Ele passa a mão nos cabelos e levanta a cabeça, olhando para o alto:

- Mas explicar **o que**, Scully?

Dana recomeça a caminhar, com dificuldade.

- Por favor, pode passar numa farmácia pra comprar um curativo? Se não for incômodo?
- Claro! Mas Scully, por que esse modo de falar comigo, como se eu fosse um estranho?
- Porque às vezes é assim que eu me sinto com relação a você.
- Que é isso?! - rebate, incrédulo.

Quer ajuda-la a caminhar, segurando-lhe um braço.

- Pode deixar, Mulder! - pára e um suspiro sai de seu peito - Pena que não se encontra um senhor Cortez, assim numa hora tão necessária...!
- Pára com isso, Scully!
- Pára você! É fácil pra você beijar qualquer mulher, mesmo uma desconhecida...
- Ah, então é isso!
- Mulder... isso é nojento!

Eles defrontam-se.

Um olhando fixamente para o outro, como se quisessem atacar-se mutuamente.

Dana, na sua pequena estatura, ergue um pouco a cabeça, para defrontar-se com Mulder.

Num ímpeto, Mulder retoma Dana em seus braços longos e fortes e caminha rapidamente.

* * *

Dana está sentada, relaxadamente, na poltrona. Olhos fechados, lábios contraídos. Mãos apertadas uma contra a outra, pousadas em seu colo.

Mulder a observa de pé. Afastado dela.

- Mas por que tem que ficar com raiva de uma coisa atoa, Scully?

Ela lança para ele um olhar flamejante.

- Coisa... **atoa**?

Ele anda pelo quarto. Balançando as mãos.

- Mas Scully, por que esse cavalo de batalha se... - bate na testa - ...ah, Scully, não me diga que você acha mesmo que beije aquela mulher!?

Ela não responde. Pega o pé machucado e morde os lábios, denotando dor.

Mulder aproxima-se. Agacha-se junto dela, para tentar conversar com mais calma.

- Scully, você acha mesmo que eu iria fazer uma coisa dessas? Tem certeza do que está falando pra mim?

- Mulder, você é homem e os homens não têm escrúpulos...!

Ele levanta-se, incomodado.

Vai para a cama e joga-se sobre ela, transversalmente.

Está chateado. Não gosta quando há qualquer problema entre os dois.

Vem, então, à sua memória a época em que Dana sentia ciúmes de Diana Fowley. E recorda-se quando, num mal entendido, ao ser encontrado com a Detetive White numa cama, Dana o havia rejeitado por vários dias. Não lhe dirigira a palavra, a não ser a serviço, dentro do escritório. E isso já era uma demonstração clara de ciúme, que por sua vez seria ...amor!

Mulder sorri, ao lembrar as cenas.

Começa, também, a rememorar seus próprios sentimentos de ciúme quando encontrara Dana quase sendo beijada pelo cara que se fizera passar por ele... o cara que fazia as mulheres engravidarem e terem bebês com rabinho.

"Ah, que raiva! - exclama em pensamento - E quando ela esteve quase a fazer amor com o sujeito meu vizinho, que a assediava? O tal escritor...? Tenho certeza de que eu o mataria se..."

Mulder ergue-se da cama. Precisa ir até ela e explicar-lhe todo o seu sentimento por ela.

Aproxima-se de Dana. Debruça-se até falar-lhe bem próximo a seu rosto.

- Scully, olha, eu não beije aquela mulher; nossas bocas nem se tocaram... foi apenas uma simulação... e mesmo que ela tivesse desejado isso, Scully... - sussurra, quase tocando em seus lábios - ... eu só quero beijar você, que é a quem amo... esteja certa disso. Olha, Scully... por que ficar assim? Nos faz tanto mal... a mim... a você...

Mulder ergue o corpo, vai até um móvel, toma papel e caneta. Retorna até Dana.

- Talvez, Scully, eu não tenha jeito pra te dizer coisas bonitas... talvez eu precisasse ter maior sensibilidade pra te fazer entender o tamanho do meu amor... e é por isso que vou escrever aqui palavras de alguém que o mundo inteiro conhece... Shakespeare...

Ele ensaia, com a caneta rabiscando o ar junto à folha de papel, mas sem tocá-la, antes de iniciar sua escrita. Pára. Pensa por alguns segundos. Começa, então:

*"O amor é tão fugaz como o som, tão passageiro como a sombra,
tão curto como o sonho, tão rápido como o relâmpago em noite*

escura, que bruscamente se descobre aos olhos do céu e a terra, e antes que se tenha tempo de dizer - olhai - desaparece no seio das trevas; tão certo é que tudo quanto brilha está próximo a dissipar-se."

Mulder conclui sua escrita sobre o papel.

- Temos que aproveitar ao máximo o nosso tempo de amor, Scully.

Dana vai lendo, pouco a pouco, as linhas postas diante de sua vista.

Ao terminar a leitura das últimas palavras, ela dirige a Mulder o olhar azul e triste.

- Mulder...

Ele não a olha, agora. Apenas a ouve falar.

- ... obrigada por me abrir os olhos. Eu... preciso aprender a confiar... a deixar de fazer mal juízo de você... a deixar que o medo da solidão volte a invadir o meu interior... ainda não firmei os pés na terra... ainda tenho dúvidas... receio... me ajuda, Mulder!

Ele a abraça, com ternura. Sorri.

Alguns minutos de absoluto silêncio. Somente o ruído do motor da pequena geladeira no canto do quarto é ouvido.

- Scully, me conta. Como foi isso no seu pé?

- Eu saí correndo... tropecei no meio daquelas pessoas, machucando meu pé... acho que numa garrafa quebrada e só não caí no chão porque...

- ... por que ...?

- Bem... porque um sujeito forte impediu a minha queda...

Mulder torna-se sério.

- E você foi amparada pelos braços fortes de um estranho, Scully...?

- O quê?!

- Não fale mais comigo. Estou de mal!

Fitam-se um ao outro, intensamente.

Sustentam o olhar. Seus semblantes vão se descontraindo, pouco a pouco.

Súbito, ambos caem numa gostosa risada, divertidos com suas próprias idéias e pondo um fim àquela discórdia.

"A discórdia tem três inconvenientes:
o tédio, a impaciência e a perda de tempo."

Marco Aurelio

BASTANTE TEMPO AINDA

"A melhor maneira de se empregar o tempo é arrumá-lo como se faz a uma valise; deixar as pequenas coisas para os pequenos espaços que sobram."

Sir Henry Haddow

Capítulo 142

Cessam o riso.

Dana, sem jeito, sai da posição de tensão em que se encontrava e cobre a boca com os dedos.

Mulder está parado. Continua fitando-a, agora. Seu semblante denota, nesse instante, o seu característico e famoso ar de cachorrinho abandonado.

- Scully... - murmura.

Ela atira-se nos braços dele, tranquila, deixando que ele a aperte contra si e lhe afague os cabelos.

- Eu ando muito ansiosa, tenho medo de mais uma perda... você me entende, não é?

Mulder não responde. Demonstra assentir, só com seus braços a apertarem-na, com calor.

Um silêncio de vários minutos transcorre.

Mulder quer lembrar a noite em que passara na floresta escura, perdido, com Dana, ambos receosos de que aparecessem diante de si algum dos homens-mariposa.

Ele inicia, então, entoando com notas musicais:

- Jeremias era um sapo-boi...



- Não, Mulder! - ela pede, com voz espremida, lembrando de que gostava de cantar essa música para embalar o seu filho.

Mulder parece entender, rapidamente.

Desvia-lhe a atenção, fazendo-a dirigir o olhar para outro lugar.

- Scully, vamos descansar agora o corpo e a mente, ok? Nada mais de desconfiança, angústia, dor. Vamos parar por aí. Eu sempre digo a você que talvez haja uma esperança para tudo que desejamos planejar para o futuro.

Ela suspira profundamente, enquanto cinge o pescoço de Mulder com os dois braços.

E ele continua:

- E eu estou aqui, Scully, sempre do seu lado e sempre a lutar, para que tudo venha a ser melhor para nós dois. Acho que merecemos.

- Você está certíssimo. É isso mesmo. Eu preciso renovar os meus pensamentos. Preciso colocar dentro de mim idéias e projetos que possam preencher o vazio que se instalou aqui dentro, Mulder.

- Eu sei, eu sei, Scully. - agarra-a junto a si - Vem cá.

* * *

O clarão da lua assemelha-se a algo irreal, caindo sobre a imensa pradaria, que finda onde começam as montanhas. Poucas árvores arriscam-se a sobreviver na árida região.

De vez em quando o piado de algum pássaro noturno quebra a noite.

Mulder, deitado em sua cama, deixa-se levar por pensamentos. Olhos abertos.

"Bem que a senhora com quem eu falei lá naquela Vara de Infância me deu uma ótima orientação. Quem adotou meu filho tem que ser uma pessoa de mais de vinte e um anos; ou um casal bem casado, tendo, pelo menos um do casal, maioridade. Tenho que preparar um requerimento e este tem que ser para Extinção de Adoção. E ela prometeu-me conseguir a lista de documentos para esse fim."

Neste momento sente grande alegria interior.

"Nem posso imaginar a emoção de Scully quando tiver seu filho de volta!"

Ele sente que suas pálpebras vão se rendendo ao sono. Por maior sofrimento e dificuldades que ele e Scully estejam passando, sabe que um Ser Superior está na direção de suas vidas e os ajudará, porque, afinal, sempre agiram decentemente, dentro da justiça e da verdade.

"E Deus se compadecerá de nós." - fala para si, movendo os lábios, sem usar a voz.

Ao seu lado, Dana está deitada, voltada para ele, de lado, sossegada, silenciosa. Apenas um leve gemido ele ouvira, saindo de sua garganta.

* * *

Com ansiedade, Mulder, sentado na sala de espera, balança, imperceptivelmente a perna, demonstrando seu nervosismo.

- Boa tarde, senhor.

- Ah, boa tarde! - ele saúda a mulher que entra, levantando-se.

Ela o chama para seu gabinete de trabalho.

- Faça o favor de entrar. Olhe, senhor...?

- Mulder. Fox Mulder.

- Sim, senhor Mulder. Está aqui a lista de todos os documentos com os quais o senhor deseja se habilitar a retomar seu filho do casal que o adotou.

- A senhora acha que eu posso entrar mesmo com esse pedido? Sem problemas?

- Sem problemas, senhor Mulder. No mesmo Órgão e na cidade em que morava, o senhor entrará com um pedido de Extinção de Adoção.

- E qual a probabilidade que eu tenho?

- Todas. O senhor, sendo o pai natural, tem os devidos direitos ao pedido da Extinção, para retomar a guarda de seu filho.

E a mulher passa às mãos de Mulder, a lista de documentos.

Ele agradece e sai.

"Foi bom conseguir com essa mulher dados de como ter William de volta. Estou ciente, é claro, de que vai levar bastante tempo, ainda, até eu conseguir meu objetivo, mas o meu desejo será realizado. E poderei ser feliz e assim fazer Scully ser também."

Agora tenho que falar com Maggie."

E com esses pensamentos, segue, com seus passos apressados.

Andando na calçada estreita da rua apinhada de pessoas agitadas, apressadas sob o causticante sol, dirige-se a uma exígua cabine de telefone público.

Ele entra. Pega o fone. Pensa algo por alguns segundos. Disca o número no aparelho de modelo antigo.

- Alô! - responde a voz masculina, do outro lado da linha.
- Aqui é o Mulder.
- O quê?! Mulder?! Mas não é possível, cara! Todos pensam que você...
- É, senhor Skinner, não é fácil ser um defunto.

Skinner sorri, satisfeito com a notícia. Havia se levantado da cadeira ao ouvir a voz de Mulder. Agora senta-se, novamente.

- Mas Mulder, como é possível ter sobrevivido?
- Não me consideram um ser esquisito, um alienígena? Aí está a resposta.
- Deixa de brincadeiras, Mulder. E Scully?
- Acompanhou-me na minha sobrevivência.

Skinner tira os óculos. Coloca-os na mesa. Passa a mão sobre os olhos.

- Nem acredito! E quando o ... os veremos de novo?
- Ah, é um caso a pensar, senhor... e de difícil resolução. - faz uma pausa - Senhor... como estão as coisas por aí?
- Bem... o Agente Doggett e a Agente Reyes foram afastados dos Arquivos-X.
- Não é de se admirar. Depois de tentarem me defender...!
- E Mulder, o seu escritório não existe mais.

Há uma pausa. Mulder morde o lábio inferior.

Mais uma vez haviam dado fim aos resultados do seu árduo trabalho de Agente Federal. Mas sabe que seus principais assuntos haviam sido guardados em casa de Scully. Tanto melhor. Estarão seguros lá.

- Bem, senhor, vou desligar.
- Tudo bem, Mulder. Fico feliz em poder falar com você. Acredite.

Mulder desliga sem mais nada falar.

Mas ele acredita nas palavras finais de seu antigo Diretor Skinner.

Sempre demonstrara ser seu amigo em todas as ocasiões.

*"É alcançar muito de um amigo, se tendo
subido ao poder, ainda se recorde de nós.
La Bruyère*

Nota: Desejo aqui externar os meus agradecimentos à minha amiguinha Debora Costa, pela preciosa colaboração na pesquisa que me ajudou muito a criar o tema que ora passa a ser o principal objetivo nas narrativas dos Devaneios.

SOB A LUZ DA LUA

"Mire-se na lua, pois se você não puder atingi-la, com certeza estará entre as estrelas."

Capítulo 143

Mulder coloca o telefone no gancho. Prepara-se para sair. Reflete um pouco. Aperta os lábios e volta a pegar o telefone.

"Devo ligar para Maggie, sim." - pensa.

Volta a pegar o fone e disca o número no mesmo instante. Ouve o ruído da chamada durante três vezes consecutivas. Já está prestes a desligar, quando a voz de Maggie faz-se ouvir.

- Alô, alô!
- Sou eu, senhora Scully.
- Ah, que bom, Fox! O coração me dizia que era você ligando. Desculpe a demora em atender. Eu estava distante.
- Tudo bem. Como está?
- Na expectativa, Fox! Ansiosa e sem saber se você vai conseguir mesmo o que pretende.
- Sobre meu filho?
- Sim, sim!
- Conseguirei, verá.
- E Dana?
- Ela está bem. Não sabe de nada. Será uma surpresa, como eu lhe disse.
- Ah, que coisa boa! Eu nem sei se conseguirei resistir a tanta emoção. Fox... me diga: vai ter que fazer muita coisa?
- Bastante. São muitos documentos.
- E... Fox... não é duvidar ou ser pessimista, mas você pode recorrer ao que pretende?
- Sim, senhora Scully. Como pai natural de William, tenho plenos direitos de retomar a guarda dele. Sem dúvida alguma!
- Oh, mas isso é bom demais...!
- Pode começar a preparar os mimos para seu neto.
- Aaaah, não me faça sonhar desde agora, Fox!
- Senhora Scully... veja bem. Eu preciso que resolva algo pra mim. São dados que necessitam ser recolhidos aí, nessa cidade. E você precisa me ajudar, já que estou aqui tão distante .
- Certo. É só me falar, Fox.
- E, senhora Scully, entre em contato com o doutor Scott, meu advogado. Inclusive ele vai solicitar-lhe que seja uma das minhas testemunhas, para comprovar a minha ausência durante a adoção de William.
- Pode deixar, que o farei.

Mulder vai falando para Maggie tudo que é necessário fazer para ajudá-lo nessa séria empreitada.

- Tudo certo, Fox. Não se preocupe. - faz uma pausa - Fox...?
- Diga.

- Eu preciso falar com minha filha... eu preciso esquecer o meu choque e dar uma força a ela...!
- Claro. Vou pedir para que ela ligue pra você .
- Obrigada, Fox... escuta e como posso falar com você, quando necessitar?
- Eu vou ligar. Aguarde.

* * *

Dana resolvera mudar o visual. Quer agradar Mulder, mostrando estar com o coração mais leve, sem muito sofrimento interior.

Está diante do espelho, no banheiro.

Prende os cabelos ruivos e longos num coque, o qual deixa vários fios soltos, num ar um tanto desleixado, propositadamente. Vira-se de um lado e outro, para se olhar na superfície límpida do cristal.

Repentinamente, seus pensamentos vão para seu antigo apartamento.

Rememora: a sala, sua estante, a linda planta, o aquário que tinha trazido do apartamento de Mulder, os confortáveis sofás... a cozinha, os armários, utensílios, inúmeros objetos para seu uso e conforto, tudo lá ficara; seu quarto, seu guarda-roupa, seus vestuários, pertences, tudo enfim... até chegar em sua memória o quarto de William...

Ela sacode a cabeça, retirando os pensamentos que a deixam perturbada.

Agarra a pia com as duas mãos, nervosamente.

"Eu quero, tenho que desviar meu pensamento desse incrível sofrimento! Não posso continuar com essa dor. Mulder não merece isso... ele não merece!"

Dana abre a torneira e borrija o rosto com a água fria. Respira fundo.

Fita seus olhos refletidos no espelho. Azuis. Transparentes. Bem lá no fundo, instalada a tristeza.

Pisca várias vezes. Uma lágrima desce-lhe pela face.

Ela insiste em fazer com que a água lhe melhore o semblante abatido.

Molha bastante os olhos. Enxuga o rosto, enfim.

Deixa o lavatório e dirige-se para o quarto. Pega sua bolsa de viagem. Vasculha seu interior, retirando dela uma necessaire.

"Vou usar um batom de cor viva nos lábios. E mostrar a Mulder que estou alegre... - suspira - ... pelos menos, aparentemente."

Ela desliza o bastão colorido nos lábios polpudos.

Havia vestido uma roupa que lhe mostrava mais as formas. Sutilmente isso fizera-lhe bem.

Dana ouve o ruído das chaves de Mulder na porta de entrada. Em seguida seus passos pesados. Mas não vira-se para olhá-lo.

Mulder caminha até ela, esperando que ela se volte para vê-lo chegar.

- Scully, olhe o que eu trouxe para...

Ele interrompe a fala, quando ela volta-se para encará-lo.

- Ahn?! Desculpe... entrei no quarto errado!

Scully sorri.

- S - cu - lly!! Você está...

- Mudei um pouco o visual, Mulder. Só isso! - sorri ainda, para ele.

Ele segura-a pelos ombros e a encara.

- Desculpe, Scully...

- De que?

- Eu não resisto... você está tentadora!

Ela permanece quieta, aguardando.

Mulder aproxima-se mais, toma-lhe o rosto entre as mãos. Pousa os seus lábios levemente sobre os dela. Como que temeroso, caso ela não concorde em beijá-lo, neste instante.

Dana entreabre os lábios rubros e os entrega ao dono de sua paixão.

Naquele beijo voluptuoso e ao mesmo tempo tão doce, eles demonstram todo o amor e a intenção de sentimentos que tem um pelo outro.

- Scully... - ele murmura entre beijos.

- Quero mais... - ela pede.

E segura a cabeça dele junto à sua, para que ele não se afaste e a encha de prazer nesse momento em que se entregam nesse gostoso ato de amor.

Separam os lábios.

Ele a segura, apertada, contra seu corpo.

- Mulder, eu quero hoje passear lá fora, sob a luz da lua.

- Nossa! Que romantismo!

- É... acho que estou precisando de um pouco disso, mesmo.

- Então, vamos.

- O que você disse que estava trazendo?

- Um pote de sorvete. - solta-a de seus braços.

- Vou guarda-lo na geladeira, ajeitar o batom, depois a gente sai.

- Certo, Scully.

Dana afasta-se de Mulder e retoca os lábios com o batom .

Mulder vai até o banheiro.

Olha-se no espelho. Sua boca está um pouco manchada pelo batom de Dana. Ele limpa-a com a toalha, displicentemente. Passa um pente nos cabelos. Esfrega o dedo indicador no lugar do bigode que não tem, sentindo a aspereza da pele, pelo surgimento dos tocos de fios de barba.

Arregaça mais as mangas da camisa azul.

- Está uma noite quente, Scully! - ele fala alto.

- Sim. - ela responde do quarto.

Mulder reaparece na porta do banheiro.

Dana repara no seu homem.

Alto, forte, espadaúdo, belo, tentador na sua indumentária simples de calça jeans e camisa azul. Tênis nos pés.

Está simplesmente irresistível o seu amado Mulder. Que a fascina com sua aparência de uma pessoa às vezes áspera e incompreensível, e em outras, terna e sensível.

***"Há aparências de dureza que ocultam
tesouros de sensibilidade e de afeto."***

Julio Diniz

CONVICÇÃO DE UM ERRO

"As convicções dependem da idade; outras das peculiaridades físicas; a maioria do grau de cultura que se possui."
Constancio C. Vigí

Capítulo 144

De mãos dadas, Dana e Mulder assistem, um tanto fascinados, o intenso piscar do brilho das estrelas.

Nem sequer pronunciam alguma palavra. Esse cenário esplendoroso da natureza os emociona.

Aqui e ali o canto de um mocho se faz ouvir. O ruído longínquo de um avião, em grande altitude, ecoa no espaço escuro.

A lua cheia, brilhante no espaço azul escuro, é fascinante.

Eles apertam-se as mãos, que ainda estão unidas. Encostam-se um no outro.

Uma leve brisa a cortar o ar nesse instante os enche de prazer.

Mulder abaixa a cabeça, que enquanto fitava o céu, estivera levantada. Olha para Dana, que continua a mirar as estrelas.

- Scully... está vendo lá naquela direção? - aponta com o dedo - É a constelação da Ursa Maior... aquela outra a de Gêmeos.
- Sei... - acompanha com o olhar o movimento do dedo dele - ... e aquela lá, mais fraca?
- É a de Perseu.

Dana suspira. Continua olhando para cima. Sorri.

- Você já viu uma estrela cadente, Mulder?
- Várias. E você?
- Eu também, algumas. - faz uma pausa, enquanto continua fitando o espaço - E você fez algum pedido?
- Não, Scully. - ele a olha.
- E por que não, se você acredita?

Ele ri. Balança a cabeça. Olha novamente para o céu.

- Dana...?
- Hum?
- São tão raros esses momentos de silêncio e paz...!
- Sim, são.
- *Só se conhecem as doçuras da paz, depois de haver provado as amarguras da guerra.* É um pensamento famoso.
- É uma terrível realidade.

Dana fecha os olhos.

Não que sinta-se exatamente feliz neste momento, mas a terna companhia de Mulder a enche de uma sensação de segurança. E nem sabe o porquê, de esperança.

Eles caminham, vagorosamente, agora.

Mulder chuta algumas pedrinhas, com as pontas dos tênis.

- Scully, eu sinto falta daquele movimento desenfreado da nossa terra.
- E eu sinto falta de **tudo!**

A frase havia soado com um tom de tão grande queixa, que a própria Dana procura consertar:

- Mas que este lugar aqui nos está fazendo esfriar um pouco a cabeça, lá isso está! - tenta um sorriso descontraído.

Param de andar.

Mulder a segura pelos ombros. Fita-a, com o seu olhar intenso.

Ela corresponde ao seu olhar.

Mesmo sob somente a claridade da luz do luar, ele pode ver o vibrante brilho dos olhos dela. E nota que, aos poucos, enquanto se fitam, as lágrimas vão brotando nos seus melancólicos olhos azuis.

Mulder a aconchega em seu peito. Suspira, enquanto acaricia-lhe as costas.

- Scully, todo sofrimento tem um fim.
- O que quer dizer?
- Que o que você desejar com muita fé, um dia vai acontecer.

Ela afasta-se um pouco dele. Olha para o chão.

- Há certas coisas que fazemos, das quais nos arrependemos e temos que carregar o peso disso para o resto da vida.

Mulder sabe ao que ela está se referindo.

- Não gosto quando demonstra fraqueza, Scully!
- Fraqueza... eu?! Imagina, Mulder! É simplesmente a convicção, o esclarecimento, a infabilidade de coisas que fiz e cujo erro nunca poderá ser reparado! - ela cita, com extrema amargura.

Mulder lhe levanta o rosto triste, fazendo-a encará-lo.

- Scully...
- O que?
- ... nunca desista! - sussurra.

Ela sorri. Somente nos lábios. Não no coração. Porque este chora.

Seu pensamento toca-lhe, no entanto:

"Eu havia prometido a mim mesma, ter uma noite amena com o homem que amo. Não posso carregá-lo para compartilhar comigo da minha desgraça."

Num tom jovial, embora forçado, volta-se para Mulder:

- Mulder, hoje eu quero ter uma noite memorável!

Ele a perscruta, com o olhar.

- O que significa?
- Significa que desejo que a lua seja testemunha de tudo que vou lhe falar.
- E o que você vai me falar? - sussurra, nos ouvidos dela.
- Que desde que o encontrei, minha vida começou a mudar... eu tentava não me deixar envolver pela sua voz... seu olhar... o toque de suas mãos.
- Scully, essa lua está fazendo você inspirar-se demais!

Ela fala, com a boca bem junto aos lábios dele:

- Não acredita que a céptica doutora Scully também tem seus repentes românticos?
- É... quase isso. - responde, boca a boca.
- Você já tem comprovado, por várias vezes que dou até minha própria vida por você.
- É... já tenho...

Continuam falando, com as bocas quase unidas.

- Mulder...
- O que?

- O que você está querendo agora?
- O mesmo que você.
- Hum... tem certeza?
- Tenho...

E o beijo prolongado sela o palavreado romântico entre os dois.

Separam-se após minutos.

Mulder, segurando a mão de Dana, encaminha-a para onde ela possa ver, mais distintamente, a luz brilhante da lua, que está derramando-se sobre os dois, banhando-os de prata.

Tudo ali forma um cenário de encanto e poesia.

"A poesia não tem presente;
ou é esperança ou saudade."

Camilo Castelo Branco

UM SEGREDO A SETE CHAVES

"É mais fácil conservar na língua um carvão em brasa do que um segredo."
Sócrates

Capítulo 145

Dana recebe do homem diante de sua porta, o envelope grande. Agradece. Fecha a porta. Observa o verso, onde está o remetente. Vê que é do advogado de Mulder. Manuseia, com interesse, o envelope, tateando-o, curiosa, por ver que há ali diversos documentos. Num relance, sente desejos de abri-lo. "Mas será que devo fazê-lo? Mulder não iria se importar se eu o fizesse?" - a consciência lhe cobra explicações. Dana tenta não dar atenção aos seus pensamentos. Pega o envelope pela beirada e vai rasgá-lo, quando, num último pensamento, sua consciência a acusa: "Não, Dana! Não faça isso! Deve respeitar o espaço de Mulder, sempre! Isso é uma correspondência particular dele. Não lhe interessa os assuntos dele!" Com essas palavras de admoestação na mente, Dana restringe-se a colocar o envelope sobre a mesa. Solta um suspiro de alívio. "Nossa! Que bobagem eu ia fazer! O que pertence a Mulder eu devo respeitar, assim como ele o faz, também comigo." - pensa. Neste preciso momento, ouve os passos pesados de Mulder, que já entrara. Dana afasta-se para o outro compartimento. Mulder aproxima-se da pequena mesa e vê o envelope a ele endereçado. Pega-o, rasgando-lhe a parte colada. Abre, agitadamente, e com dedos ansiosos, a correspondência que havia recebido. Retira do envelope vários papéis. "O advogado enviou todas as coisas necessárias para a retomada de William, que ele está providenciando." - fala, com seus botões e começa a ler a ficha que tem em suas mãos.

Documentos necessários

- **Requerimento ao Juiz da Infância e da Juventude**
- **Cópia da Carteira de Identidade e CPF**
- **Comprovação de Idoneidade Moral**
- **Atestado de Sanidade Física e Mental**
- **Certidão Negativa ou Folha Corrida Judiciária**
- **Estudo Social e Psicológico**
- **Exame de DNA**
- **Fotografias**

Mulder dá uma rápida revirada nos papéis. Continua lendo:
Título:

EXTINÇÃO DE ADOÇÃO

Pelo reconhecimento do adotado pelo pai natural

Mulder suspira. Parece sentir desprender-se um grande peso em seu interior.

- Mulder!

Ouve Dana chamá-lo, no compartimento ao lado.

Rapidamente, trata de colocar os papéis dentro do envelope.

Mal conseguira concluir este ato, e logo Dana aparece.

- O que é isso?
- Isso? - ele olha o envelope, fingindo descaso - Ah... é aquele assunto do qual lhe falei.
- A procuração para a venda de sua casa?
- Isso mesmo. O advogado já está dando início à transação daquela venda. Afinal, eu não iria nunca querer morar mesmo naquela casa de minha mãe, que me traz tantas más recordações!

Dana aceita, de forma natural, a resposta dele.

Anda até a mesa e ajeita nela duas taças que traz às mãos.

- Vamos, Mulder. Um bom sorvete agora nos fará bem.

"Que alívio! - os pensamentos de Mulder retornam - Ainda bem que ela aceitou a resposta que lhe dei. Preciso guardar a sete chaves este segredo!"

Logo lembra de tocar num certo assunto.

- Scully... é necessário que você ligue para sua mãe. Ela precisa do seu apoio. Necessita de uma palavra.

Dana pára, pensativa, segurando uma colherzinha entre os dedos.

- Eu sei... vou falar com ela.
- Isso mesmo, Scully. - ele sorri.

* * *

Os transeuntes na calçada, jamais poderiam adivinhar os sentimentos de receio de Dana, dentro da cabine telefônica, preparando-se para falar com a própria mãe.

Dana sente os dedos tremerem ao digitar o número do telefone. Consegue terminar.

Coloca, com hesitação, o aparelho no ouvido.

- Alô! - a voz feminina atende do outro lado do fio.
- Alô, mamãe...! - a voz está presa na garganta.
- Dana?! Filha!! Meus Deus, que bom! Como está você, filha?
- Eu vou bem, mamãe.
- E o Fox?
- Está muito bem... - faz uma pausa - ... estou com muita saudade.
- Eu também, filha!

Dana não está conseguindo pronunciar uma palavra a mais, sequer. A garganta está embargada, o coração pulsando demasiado.

Alguns segundos se passam.

- Dana...? - Maggie também chora.
- Mamãe... me perdoa...!
- Oh, filha! - chora - Não fale assim! Me diga... como estão vivendo aí nessa cidade?
- Bem... - engole as lágrimas - ... embora seja tudo muito diferente daí... mas estamos bem. O Mulder tem sido especial pra mim.
- Eu sei que sim, Dana. Ele a ama, acima de tudo. Eu quero é que vocês sejam felizes...!

- Sim, felizes... - pára um pouco - ... é o que precisamos, mamãe.

Dana conversa alguns minutos mais com Maggie.

Despedem-se, então, a seguir.

Dana recoloca na base o telefone e fica pensativa, mordendo os lábios e franzindo o cenho.

Pensa o quanto fizera sua mãe sofrer, ao saber da renúncia ao seu filho. Nunca mais poder ver o netinho, tocá-lo, acariciá-lo, acompanhar o seu crescimento, o seu desenvolvimento.

Dana leva as duas mãos à cabeça, desejando, com este gesto, retirar de sua mente todos esses ruins pensamentos.

- Scully! - a voz de Mulder, aproximando-se, chega a seus ouvidos.

Dana recupera-se e mostra um semblante tranquilo.

Ele chega mais perto.

- E aí, Scully? Falou com sua mãe?

- Sim, Mulder.

Ele nota o tom triste, com o qual ela lhe responde. Tenta reanimá-la.

- Scully, imagine você o que trago aqui! - diz, em tom alegre, com as mãos às costas.

Ela o encara, agora com um leve sorriso.

- Algo gostoso para comermos.

Ele balança a cabeça, negativamente.

- Flores pra mim? - fala dengosa.

- Negativo.

- Não...? Então um presente.

- Ah, Scully, você não adivinharia nunca! Veja! - traz para a frente do corpo as mãos.

- Que papéis são esses, Mulder?

- Prospectos de cidades que visitaremos, a partir de amanhã.

- Vamos viajar, é?

- O que acha?

- Muito bom.

- Comprei até uma máquina fotográfica, para tirarmos umas fotos no passeio.

- Nossa! Isso é bom!

Ele aproxima-se e toma-lhe a mão.

- Enquanto você telefonava, eu estava fazendo isso, ali, numa agência de turismo. Ufa, Scully, fiz tudo correndo e estou suado e cansado, precisando de um bom banho e um relax!

Começam a caminhar, em direção do motel.

Mulder examina o semblante de Dana, enquanto caminham.

- Você gostou mesmo da idéia?

- Claro, Mulder!

- Pois não me parece.

Ela pára de caminhar, cruza os braços. Arqueia uma sobrancelha.

- O que o faz pensar assim?

- Seu semblante.

- E o que mostra o meu semblante? Desde quando você pode **adivinhar** alguma coisa?
- usa um tom de troça.

- E desde quando você esqueceu que sou um psicólogo... embora fracassado?

- Ai, Mulder! Se não estivéssemos aqui na rua eu iria beijá-lo! Você está com um ar tão carente...!

- Eu?!
- É sim.
- Está certo, Scully. - segura-a pelo braço - Chegamos.

Entram no motel, que é a sua casa provisória.

Mulder abre a porta do quarto. Passa a mão no pescoço.

- Scully, depois de um bom banho,. vou tomar sorvete.
- Sorvete?!
- É. Não tem mais?!
- Vou ver, Mulder. - dirige-se à geladeira - Mas acho que você já acabou com tudo.

Mulder entra no banheiro. Arranca toda a roupa, num ímpeto.

Entra no box e abre o chuveiro.

Enquanto isso, Dana examina o conteúdo do pote que contém o sorvete.

"Ainda bem que ainda dá para esse gulosinho comer!" - pensa.

Dirige-se para outro recinto, a fim de retirar a roupa.

Num segundo, sente a mão de Mulder sobre suas ancas. Vira-se para olhá-lo.

- Nossa!! Belo e cheiroso! - modera a voz, num murmúrio - Mulder... você está simplesmente...
- Huuum... - ele a agarra por trás - ... Scully, estou lembrando uma coisa...
- O quê? - encolhe o pescoço, dengosa, ao sentir a carícia dos lábios dele em sua pele.
- Naquela vez, lá no campo de baseball, quando eu estava ensinando você...
- O que tem?
- O que lhe perguntei, quando estava grudado às suas costas?
- Não sei...
- O quê?! - admira-se e encosta-se mais a ela, apertando seu corpo contra o dela.
- É. Não lembro. - ela continua afirmando.
- Ah, você está brincando! Naquele tempo você era muito... muito...
- Durão!!
- Por que no masculino?
- Porque não sou eu que estou assim, agora!
- Ah, ah... - ele entusiasma-se - ... eu sei que você lembra, Scully!
- Mulder...
- O que?
- Sabe que naquele momento eu estava subindo pelas paredes, mas não queria dar o braço a torcer? Mas achei...
- ... o que?
- Uma delícia!
- Eu não acredito! Você não me deixou transparecer isso! É verdade? Jura mesmo?
- Juro!!

"Os juramentos das mulheres ficam gravados no ar e na superfície das ondas."

Catulo

UM PULO AO PASSADO

"Os velhos, quando se voltam para o passado,
vêm tudo com olhos dos vinte anos."

Julio Dantas

Capítulo 146

O alvorecer está radiante.

Os raios do sol que vai despontar no horizonte arrumam-se, ordenadamente, formando uma moldura dourada circular, no espaço azul claro.

Mulder espreguiça-se longamente, diante da janela aberta.

Dana retoca, com delicadeza, o batom rosado nos lábios.

- Estou doido pra sair, Scully.

Ela sai calçando um pé no sapato esporte, enquanto caminha, quase aos pulos, com o outro sapato na mão.

- Já, já vou terminar aqui e vamos sair.

- Tudo bem.

Mulder toma de sobre um móvel seus documentos e as chaves para dirigir o carro alugado.

* * *

No confortável carro de passeio, o casal aprecia as paisagens que se desenrolam à sua frente.

- Por onde começaremos? - Dana pergunta, folheando um dos prospectos em suas mãos.

- Santa Fé.

- Está interessado nessas coisas que mostra aqui?

- Sim, Scully. Não é legal?

- Sem dúvida.

A longa estrada estende-se à sua vista, larga e sinuosa.

- Está bastante calor, não?

Dana assente.

Apanha uma garrafa de água de um recipiente térmico. Entrega-a a Mulder.

- Toma. Pra refrescar.

Mulder pega a garrafa. Bebe um gole. Olha para Scully. Aproxima-se e a beija nos lábios.

- Mulder!! - fala, arregalando os olhos, que estão fixos na estrada, enquanto está sendo beijada.

- O que foi, Scully? - afasta-se dela, na maior naturalidade.

- O volante, Mulder!

- Ah, por que se espanta?! Eu me considero um expert no volante!

Dana balança a cabeça, negativamente.

- Não tem jeito mesmo...!

Mulder sorri.

- Veja, Scully, já está anunciando ali a entrada para Santa Fé.

Logo começam a notar uma imensa cordilheira, parecendo ser muito extensa.

E enquanto Mulder continua dirigindo, Dana vai usando o disparador da máquina fotográfica.

* * *

- Pois não, senhores?

O homem prestativo lhes oferece ajuda.

- Posso estacionar o carro aqui? - quer saber Mulder.
- Como não?! Fique à vontade. - responde o homem.
- Ao entrarmos na cidade, vimos uma cadeia de montanhas; tiramos fotos. Como se chama?
- Chama-se Rocky Mountains... é uma das maiores cordilheiras do mundo.
- Sabe a sua extensão?
- Sim! Três mil e setecentos quilômetros.
- Uau! - exclama Mulder - Magnífico! Obrigado pela ajuda.
- Não tem de que! - o homem afasta-se, com um largo sorriso.
- Vamos ali, Scully.

Ela o acompanha, procurando segurar a mão dele.

Aproximam-se de um prédio em estilo antigo. Placas anunciam vários ambientes oferecidos aos turistas.

- Quer entrar aqui? - ele pergunta.
- Por que não?

Entram no prédio, onde dezenas de stands expõem um enorme número de fotos.

Mulder aponta uma das grandes fotos expostas:

- Está vendo aqui?
- Sim; edificações do tempo do Velho Oeste.
- Ou melhor, uma cidade fantasma do Velho Oeste. - Mulder está em frente ao enorme stand; pernas afastadas, braços cruzados, olhos fixos na foto - É como dar um pulo ao passado. - diz, quase num murmúrio.

Ele desperta de sua apatia com a animação de Dana, ao seu lado.

- Cidade fantasma?! Ora, você acaba de atrair a minha curiosidade. Por que será que chamavam assim essas cidades, Mulder?
- Geralmente, formava-se uma cidade com a mesma velocidade em que a mesma era riscada do mapa.
- Como assim?
- Bastava alguém descobrir um filão de ouro numa montanha, que pouco tempo depois da notícia ter vazado, centenas de mineradores e exploradores para lá se dirigiam, para também tentar a sorte grande.
- Nossa! Que interessante!
- O mais interessante é que isso fazia com que, em pouquíssimo tempo uma cidade se formasse no local mais próximo a um riacho, rio ou lagoa.
- Naturalmente para a sobrevivência.
- Sim. Entretanto, bastava o filão terminar, que a maioria dos mineradores e demais exploradores iam embora, à procura de outros eldorados, deixando para trás tudo o que não pudessem levar em carroças ou no lombo de mulas ou cavalos, originando as tão temidas e assustadoras cidades fantasmas.

Dana não pôde conter uma risada.

- Mas que coisa mais mirabolante! Com esse povo não havia sequer uma dúvida em como proceder impulsivamente!
- Com certeza não, Scully.

Mulder e Dana põem-se a apreciar, por algum tempo, as demais fotos expostas.

Saem do prédio para retornar à rua. Caminham por mais algum tempo.

Uma infinidade de veículos passam, cujas buzinas estridentes soam, quase a arrebentar os tímpanos dos incautos.

- Scully!! - chama, entusiasmado.
- O que foi, Mulder?
- Você está vendo o mesmo que eu?
- Aquele anúncio?
- Sim.
- É... estou vendo. E o que tem?
- O que tem? Interessante pra nós.
- Interessante, Mulder? Só na sua idéia mesmo!
- Por que não? Inédito! Bacana! Vamos lá!
- Você está brincando...!

Segura-a pela mão.

- Não, não estou. Falo sério. Seríssimo. Scully... diga que sim. - fita-a com o olhar pedinte.
- Ah, não sei, Mulder, se devemos...
- Se **devemos**?! Mas é uma aventura, Scully!

Passam-se alguns segundos.

Os dois fitam-se.

- Scully... hum? - insiste - Vai ser bom...!

Dana suspira. Olha, mais uma vez, o anúncio na parede do prédio antigo.

**VIAGEM DE MOTO PARA CASAL,
DE UM DIA DE DURAÇÃO, PARA
CINCO VIAGENS DE UM DIA,
PARTINDO DO HOTEL LORETTO, SANTA FÉ.**

Ela critica-se a si mesma como um grande estorvo, se não atendesse ao apelo de Mulder, que logo poderia imagina-la tomando atitudes de uma pessoa com velhice antecipada.

"A velhice não se poderia suportar
sem um ideal ou um vício."

Alexandre Dumas Filho

SENTIDO À VIDA

"Olhando para enormes cadeias de montanhas... fortalezas de força, segurança e poder, que se estendem ao horizonte, não posso deixar de pensar que somente uma lembrança, a fé ou a esperança de estar na presença de outro ser humano, conforta o coração e dá sentido à vida do homem."

Jennifer Fearnssaille

Capítulo 147

Essas palavras correm céleres pela mente de Mulder, enquanto ele aprecia, junto a Dana, a corrente verde diante de seus olhos embasbacados pelo esplendor da natureza.

- Que vista esplendorosa, Scully! - diz ele, por fim, saindo de sua concentração.
 - Hãn? - ela está distraída.
 - Que tal está achando?
 - Mulder, - ela empertiga o tórax, enquanto aperta mais as mãos ao redor da cintura dele - sem dúvida que a natureza nos oferece paisagens fantásticas, como a que está diante dos nossos olhos, mas vou dizer a você: esta posição aqui, na carona da moto está um tanto desconfortável; ainda mais tendo que enfiar a cabeça neste capacete...! - sacode o equipamento nas mãos, enquanto fala.
 - Ah, tá bem Scully, mas isso é obrigatório usar, para nossa segurança.
 - Você não acha que devemos esticar as pernas?
 - Desculpa, Scully. - desce da moto, enquanto a ajuda a fazer o mesmo - Na minha empolgação, esqueci que você não é dada a essas coisas.
 - Ah Mulder, não se queixa! Eu só quero descansar um pouco!
 - Claro, claro! - ele afaga-a na face.
- Dana suspira, enfadada. Passa a mão várias vezes pelos cabelos.
Mulder estica os braços para cima, espreguiçando-se.
Ambos atém-se a apreciar a paisagem à sua volta. Respiram fundo. De prazer.
- Huuuum... às vezes ponho-me a pensar no quanto deve ser divertida a vida de quem pode viajar sempre, por toda parte do mundo.
 - Não acredito nisso...
 - Por que não? - olha-a incrédulo.
 - É uma vida vazia, Mulder, sem um objetivo concreto...

■ ... engraçado... - interrompe-a - ... você não muda mesmo, Scully, após tantos anos de convivência comigo. Isso me faz lembrar aquela vez em que nos dirigíamos para a Área Cinquenta e Um e você começou a dissertar sobre ter um lar aconchegante... etc.

■ Sei Mulder; nunca mudarei meu modo de pensar.

Imediatamente, como que tomado por súbito pânico, ele pousa as mãos sobre os ombros dela. Usa um tom de queixa.

- Scully, eu só trouxe a infelicidade pra você...!

■ Mulder, pára! - protesta, horrorizada - Não fala isso comigo!

Joga-se nos braços dele. Ele a beija ternamente, nos cabelos.

Permanecem assim, nesta atitude. Calados. Colados.

Mulder embala, suavemente, o corpo dela grudado ao seu.

- Eu sou um fracasso, Scully! - murmura.

■ Eu não quero que fale isso! - pede, fervorosa - Não quero! Não aceito! Não gosto, Mulder!

Ficam, ainda, assim, num doce abraço.

O peito de Dana expande-se para suspirar, entrecortadamente.

- Eu não quero que fale isso comigo, Mulder, nunca mais...

■ ...

■ Promete! - suplica, amuada.

■ ...

■ Mulder? - afasta a cabeça do peito dele, para olhá-lo.

■ Prometo. - diz e com a mão, faz com que a cabeça dela retorne ao recosto do seu peito.

Ainda ficam assim por vários minutos.

Dana quebra o silêncio.

- Para que lugar estamos nos dirigindo, agora?

Ele a solta de seus braços. Mete a mão no bolso do casaco de couro. Olha os prospectos que tem às mãos.

- Nossa próxima meta... Ruidoso Downs! - fala, com entusiasmo.

- Demora muito a chegar?

- A poucos quilômetros daqui, Scully. É uma cidadezinha do interior.

- Ainda bem.

Mulder espreguiça-se, erguendo os braços mais uma vez.

Dana dá uma volta, rodeando com o olhar a paisagem que se lhe apresenta dali da larga e sinuosa estrada.

- Vamos embora? - ele propõe.

- Sim, vamos.

Mulder monta na moto. Prepara-se para aguardar Dana se acomodar também.

Liga a ignição. Pisa os pedais para dar início à partida.

- Ruidoso Downs! Lá vamos nós!!

* * *

O pequeno, mas asseado bar, está com poucos clientes no momento.

As modestas mesas com alvas toalhas, exibem sobre sua superfície, belos e discretos vasos com flores naturais, típicas da região.

Mulder e Dana, sentados à uma dessas mesas, refeitelam-se com as iguarias do local.

- Puxa, Scully... eu estava com fome!
- Pra mim não há muita opção para o meu apetite...
- ... requintado! - completa ele.
- Por que fala isso?
- Aqui você não encontra aquele seu gelado de arroz integral sem gordura... argh! - faz caretas.

Ela ri.

- Pára, Mulder! Em compensação, você não pode comer aquelas refeições tiradas da geladeira e comidas na mesma hora, que são de sua preferência.
- Ah, nem tanto, Scully... nem tanto! Eu era um homem só!

Ele mete a mão no bolso do casaco. Tira um pacotinho cheio de sementes.

- O que é isso? Não diga que é... que são...
- ... as minhas preferidas!
- Não acredito! Você trouxe as suas sementes de girassol?
- Por que se admira? Há bastante tempo que não as como, notou?
- Sim. - ela ri, novamente.

Mulder aponta algo na rua, defronte ao bar.

- Está vendo ali, Scully?
- Sim... parece uma pequena casa de espetáculos.
- É bem mais modesta que isso. Mas é interessante. Nós vamos lá.

Dana limpa os lábios num guardanapo.

Mulder levanta-se. Ela faz o mesmo.

Dirigem-se à casa em frente ao bar.

- Isso ali é um museu, Scully.
- Museu, é?
- Venha. Você vai gostar.

Mulder dirige-se ao guichê.

- Duas entradas, por favor.
- Cinco dólares cada, senhor. - responde a moça, dentro do guichê.

Ele paga e recebe as entradas.

Logo ao entrarem no recinto, seus olhos deslumbram-se com o inédito do lugar. Tudo ali fôra feito para homenagear um dos animais mais úteis ao homem: o cavalo.

Ali expostos estão esculturas de cavalos das mais variadas raças, quadros, fotos, souvenirs.

O casal aprecia todas as coisas ali exibidas.

- Que lugar mais interessante, Mulder! - ela tem os olhos brilhantes de curiosidade.

Ele a olha e sorri.

Seu pensamento o relembra:

"É muito bom manter Scully entretida com coisas novas em sua vida, para que seu pensamento não fique voltado somente para o nosso sofrimento... a ausência de William... o nosso filho . Mas, com toda certeza, em nosso caminho encontraremos a felicidade, que retornará às nossas mãos."

"Não há uma estrada real para a felicidade;
há muitos caminhos diferentes."
Pirandello

Nota: À minha grande amiga Jennifer Fearnssaille agradeço a colaboração com suas belas palavras que compõem o pensamento do início deste Capítulo.

À minha amiga Eliete Aquino, mais uma vez agradeço pelas "Pérolas" que me enviou e que fazem parte deste e de outros capítulos dos Devaneios.

UMA CARTA

"A carta é a continuação de uma presença."

Elisabeth Bibesco

Capítulo 148

Os olhos atentos de Mulder rebuscam na tela o que está sendo exibido num dos museus da cidade, onde se encontram neste momento.

- Ora, que engraçado, não é, Mulder?
- Sem dúvida! - responde ele, com o olhar fixo na tela do computador - Isso aconteceu em mil novecentos e setenta e dois.
- Quando confundiram a sonda espacial com um OVNI?
- Mas, pelo menos, já existiam aqueles que tinham ciência de que os alienígenas estavam de olho na Terra.
- Ah, - faz um muxoxo - mas era apenas uma sonda espacial, Mulder!

Ele não responde. Limita-se a ler o que está na tela. Na foto aparece uma nave arredondada, num campo de pouso. Uma legenda explica a fotografia.

**"Após um teste de vôo em 1972, a sonda espacial
Viking aguarda resgate em White Sands"
Alguns sites na Web divulgam esta imagem
como sendo de um OVNI."**

Dana sente-se incomodada com o interesse de Mulder por essa imagem.

- Vem, Mulder! - puxa-o pelo braço.

Ele a atende.

- Não dá pra fugir à realidade, Scully. E nós sabemos disso.
- Concorde com você, mas se nós viemos dar um passeio para esfriar a cabeça, não temos porquê ficar ligados nisso.

Mulder lança para ela o seu sorriso de menino.

- Desculpe, Scully. De repente só pensei em mim mesmo. Vamos.

* * *

Chegam à nova cidade, que está em seu itinerário.

- Como é o nome desta cidade, Mulder?
- Albuquerque.
- Ah, Albuquerque!
- Vamos ver o que tem de interessante aqui.

Saem do estacionamento de mãos dadas.

- Ai, Mulder! Eu já estou sentindo falta de um pouco de sossego.

Ele ri; aperta-a contra si.

- Scully, eu gosto demais quando você está com essa cara de chateada.
- Eu...? Estou é?

- Não percebe? - beija-a na face - Ah, lindinha. Eu sou mesmo um errado! Como é que fui envolvê-la numa aventura dessa? - ele a aperta, docemente, mas ao mesmo tempo com sofreguidão - Nós só vamos ficar algum tempinho aqui e vamos embora, tá? Prometo... - beija-a nos lábios - ... prometo... mas antes...
 - O que?
 - Vamos procurar descansar um pouco.
 - Sim. Tudo bem... - ela pára - ... espera, Mulder! Vamos ali? Tenho curiosidade de ver essas coisas.
 - Ah, é? Vamos sim.
 - Várias barracas montadas ao longo da extensa rua, exibem uma infinidade de artesanato indígena.
 - Os índios vêm das reservas, vender seus trabalhos aqui, Scully.
- Começa o casal a passear devagar, apreciando os objetos ali expostos. Algo chama a atenção de Scully. Ela cessa de caminhar.

- O que é, Scully?
- Está vendo essa estatueta rústica aqui? - pega a peça, retirando-a da mesa onde está exposta - É bem criativa e linda.
- Sim. Muito bem feita e sugestiva.

Imediatamente Mulder arrepende-se por ter usado a última palavra. Ele sorri, pega a peça em sua mão, examina-a e vai coloca-la sobre a mesa de exposição novamente, quando Dana o impede.

- Pode deixar. Vou compra-la.

Ela toma a estatueta das mãos de Mulder, retira dinheiro da bolsa a tiracolo para pagá-la. Agradece à vendedora. Vai até as costas de Mulder, abre a mochila que ele carrega às costas e guarda a peça, não sem antes examiná-la por alguns segundos. Sente-se comovida com o belo trabalho artesanal.

A peça representa uma mulher ajoelhada, tendo ao seu colo um bebê voltado para ela, que o acaricia.

Mulder leva o dedo indicador acima do lábio superior, fica pensativo e nada fala.

* * *

No banco do imenso jardim florido, Mulder está recostado, relaxadamente. Pernas esticadas. Cruzadas à frente. Cabeça recostada no espaldar do banco. Olhos fechados. Um dos braços agarrado à cintura de Dana.

Ela, por sua vez, grudada a Mulder. Corpo encostado ao dele. Uma das mãos repousada em seu peito.

O canto mavioso de mil pássaros pousados nas árvores vem até seus ouvidos, tal qual um acalanto.

Borboletas multicores sobrevoam céleres por sobre florezinhas que enfeitam os arbustos.

- Dana?
- Oi?
- Que tal acha disso?
- Eu gosto, Mulder.
- Mesmo?

- Muito. Faça sempre isso.
- Fazer...? O que? Vir aqui?
- Não é isso. - ela fita-o nos olhos e sorri - Você me chamou Dana.
- Aaaah!
- Mulder...
- O que?
- Tenho medo de tanta paz.
- Não deve pensar assim. Pense só em nós dois aqui, juntinhos... Dana...? - sussurra.
- Sim? - responde, também num sussurro.

Ele lhe procura a boca, segurando-lhe o rosto.

- Não, Mulder!
- Por que não?!
- As pessoas estão olhando!
- Danem-se as pessoas, Scully! Você é o meu amor! O resto não conta!
- Mulder...
- Tem vergonha por que estão olhando?
- Não. É uma questão de...
- ... de que, Scully?
- De respeito.
- Eu posso fazer outra coisa, então.
- O quê? - está quase alarmada.

Conversam em voz muito baixa. Num murmúrio.

- Eu posso subir neste banco, levantar os braços e bradar aos quatro ventos deste jardim, que eu te amo!
- Bobo! - ela ri, enquanto aperta-se a ele.
- Ou então vou escrever uma carta.
- Uma... carta? - ela ri com vontade, achando gostosa a idéia dele.
- **Minha adorada Dana...** - ele cita o começo da carta.

Dana ri mais, ainda, divertindo-se com o jeito dele.

Mas Mulder não prossegue. Num momento, muda seu modo de pensar.

- Olha só, Scully - chama a atenção dela para um ponto, num galho de um arbusto.

Dois pequenos pássaros volteiam um local no galho. Um deles pousa. Parece estar atarefado, fazendo alguma coisa ali. O outro pássaro voa por alguns metros e retorna até onde está o companheiro.

- Engraçado, Mulder! O que ele está fazendo ali, naquele local? Aquilo parece...
- ... um ninho. Aquele pássaro que está parado no galho está dando alimento ao filhote.

Mulder, de súbito, arrepende-se de ter feito tal comentário. Sente-se mal por ter lembrado o que tanto Dana tenta esquecer.

Ela nada comenta. Apenas continua olhando fixamente a atitude do pequeno e ágil pássaro.

Mulder a afaga, ternamente.

- Dana?
- ...
- Não quero que se sinta triste.

- Não estou.
- Você verá que nem tudo é só tristeza e dor.
- Eu sei.
- Não sabe.

Ela afasta-se dele para fitá-lo nos olhos, novamente.

- **O que** eu não sei?
- De muita coisa, Scully... muita coisa!

Mulder joga a cabeça para trás, numa risada.

- Nada, Scully. Só quero lhe dizer que deve ficar feliz.
- Mas o que há de especial? O que devo esperar?

Ele a agarra, inopinadamente:

- Não há nada de especial, Scully. Eu me sinto feliz. Isto não lhe basta?
- Deveria?
- O que acha? - sorri - Não, não responda! Chega de joguinho de adivinhação!

Ele olha o relógio de pulso.

- Está na hora. Vamos embora.
- Nossa! O que é bom passa rápido! Neste lugar aqui eu me sinto tão bem!

"Ninguém é tão feliz,
nem tão infeliz como crê."

La Rochefoucauld

VIDAS EM PERIGO

"Não acrescente dias à sua vida, mas vida aos seus dias."

Harry Benjamin

Capítulo 149

Mesmo sob o ruído discreto da moto em funcionamento, Mulder pode perceber que, trafegando à sua traseira, a certa distância, segue um veículo escuro; nota que não é um carro de passeio.

Mulder observa pelo espelho retrovisor, notando que o veículo não pretende ultrapassá-lo. Sua aguda intuição avisa-o de que parece estar sendo seguido.

- Scully... temos encrencas.
- O que, Mulder?
- Não olhe pra trás... há um carro estranho atrás de nós.
- Está nos seguindo?
- É o que parece.
- O que você vai fazer?
- Trouxe sua arma, Scully?
- Sim, claro!
- Pois prepare-se para defender-se.
- Mulder...
- Não olhe pra trás. E segure-se bem.

Mulder dá, subitamente, uma inesperada guinada, de um lado para outro, fazendo a moto andar em zigue-zague pela larga pista.

Dana sente-se tensa.

Seus pensamentos entram num turbilhão de horrores. Imagina que podem morrer os dois, ali, tolamente. E tudo devido a um capricho de Mulder, que desejou sair estrada afora, em busca de aventuras, colocando suas vidas em perigo.

Ao mesmo tempo, ela recrimina-se, dizendo a si mesma, que não deve pensar assim. Mulder só quis, como ela mesma, espairar um pouco. Ver coisas diferentes. Parar de pensar. Esfriar a cabeça.

- Scully, continue firme.

Mulder pisa com mais força o acelerador. Vê que a velocidade está intensa.

O carro atrás deles continua acelerando, então, em sua perseguição.

De um lado da larga estrada, um precipício se vê. Apenas lá ao longe, mais abaixo, se pode distinguir vários outros cumes de montanhas.

Num lance de idéia rápido, Mulder busca uma solução.

"E se eu os fizesse rolar precipício abaixo?" - pensa ele.

- Segura firme, Scully!

Neste mesmo instante um tiro ressoa no espaço, fazendo eco no lado onde estão as montanhas.

- Mulder!! - grita Dana.

- Parece que nós somos mesmo o alvo deles, Scully.

- Ainda tem dúvida disso?

- Acho que não.

Um segundo disparo é ouvido, não os atingindo, porém.

Um terceiro tiro ressoa, novamente, fazendo eco nas montanhas, causando um rasgão na manga do casaco de couro de Mulder.

- E eles têm má pontaria, Scully!

- Cala a boca, Mulder! - protesta, aflita, vendo a dimensão do perigo.

- É a hora de reagir, Scully.

Ela não se faz de rogada.

Prende, firmemente, um braço na cintura de Mulder. Gira o corpo para trás e mira a arma.

- Acerte num pneu, Scully!

Dana atira.

O projétil disparado por sua arma atinge, exatamente, o alvo.

O carro dos seus perseguidores desgoverna e vai, derrapando, em direção ao precipício e lá se projeta, rolando despenhadeiro abaixo.

Mulder diminui a velocidade da moto. Pára, por fim.

- Eu não acredito que isso pode estar acontecendo conosco aqui, neste lugar, Mulder. - ela fala, arfando de ansiedade e pavor.

Mulder desce da moto. Dana faz o mesmo.

- Agente Scully! Você continua **ótima** em sua pontaria! - diz, entusiasmado.

- Quem seriam esses homens, Mulder?

- Não sei; tenho um palpite, apenas.

- Cortez?

- Han, han. - ele confirma; monta rápido a moto - Vamos sair daqui.

Súbito, ele pára o seu gesto.

O carro tombado havia tido sua queda interrompida por um barranco, no despenhadeiro.

- Scully...

- Sim, Mulder.

- Vá até aquele telefone, lá do outro lado da pista e peça uma equipe de resgate para este local.

- É isso. - ela confirma e dirige-se para o telefone na beira da estrada.

Em seguida retorna e ambos deixam o lugar.

* * *

Já no carro que havia deixado no estacionamento ao alugar a moto, o casal viaja, sentindo-se menos tenso.

Dana, com a cabeça recostada no ombro de Mulder, fixa a pista que o veículo vai engolindo, sem cessar.

- Até agora estou pensando...
- ... no quê?
- Fico imaginando como pessoas como nós, vive em risco o tempo todo! É terrível, Mulder!
- Scully, - fala, enquanto seus olhos apertados fixam-se na estrada - eu acho que o melhor seria...

Ela desencosta-se dele, num relance. Adivinha seu pensamento.

- Se o que vai me dizer é o que estou pensando, pare por aí!
- Não posso viver para sempre colocando sua vida em risco.
- Minha vida em risco?! E que **vida**, Mulder? Sem você, como seria a minha vida?
- Temos que pensar friamente sobre essa possibilidade e além do mais...
- Não quero ouvir o que tem a dizer. - fala, decidida.

Mas ele prossegue, fingindo não escutar os protestos dela.

- Além do mais, algo tão bom que pode acontecer em sua vida, suprirá a minha falta.
- Mulder, eu quero que pare!

Ele tem um desejo enorme de abrir a boca e por para fora todo aquele segredo que está guardando por esse tempo. O retorno do filho.

"Mas e se alguma coisa atrapalhar a decisão do Juiz, para entrega da criança? E se algo ocorrer, de modo que não possamos ter William de volta? Não. Eu tenho que manter o silêncio sobre isso. Até que tudo se resolva."

Pensa ele, confuso.

* * *

Mulder joga a mochila num canto; arranca os tênis dos pés. Dá um longo assobio. Aliviado.

- Lar, doce lar!!

Dana o olha e sorri. Também está aliviada. Mas sente cansaço. Foram muitas horas de viagem ora amenas, ora em tensão.

Ela acerca-se dele. Com carinho.

- Nós merecemos um pouco de sossego, Mulder.

Ele assente, sem falar.

Abraçam-se. Precisam recompor as próprias forças. A amargura logo procura encontrar guarida em seus corações e isso não irão permitir. Nunca mais.

Por vários minutos ficam abraçados.

Ali mesmo, Dana retira os pés dos sapatos, sem soltar-se dos braços de Mulder.

Ele começa a deslizar a mão sobre o corpo dela.

- Preciso refazer minhas energias.

- Eu também. - ela murmura.

Mulder vai, aos poucos, abrindo os botões da blusa que ela veste. Rebusca, com avidez, porém mansamente, as reentrâncias do corpo pequeno de sua amada.

Ela, por sua vez, vai fazendo-o livrar-se de sua roupa.

Ambos tocam-se, intimamente, já com avidez e ansiedade.

Há entrosamento perfeito entre o desejo de ambos. Se querem. Se curtem. Se amam, enfim.

Mulder beija-a nos cabelos, no pescoço e no alvo colo, pousando os lábios com doçura, como se estivesse entrando em contato com uma peça frágil e de inestimável valor.

Dana deixa-se acarinhar. Sente seu coração aos pulos. Há uma felicidade intensa por estar ali, junto a esse homem que tanto ama.

Encontram-se as bocas, necessitando uma de sentir a intimidade da outra.

- Puro girassol...! - ela sussurra, entre beijos e sorrisos, apertando-se mais contra ele.

Dana sabe que sua vida está entregue, inteiramente, a esse homem que a faz entrar em êxtase neste instante de paixão e prazer.

E está nas mãos de Mulder fazer permanecer esse amor, sem nenhum temor e para sempre, até que a morte venha a separá-los.

"Temer o amor é temer a vida e os que temem a vida já estão meio mortos."

Bertrand Russell

O SONHO DA FELICIDADE

"O sonho é ver as formas invisíveis da distância imprecisa e, com sensíveis movimentos da esperança e da vontade, buscar na linha fria do horizonte a árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte - os beijos merecidos da verdade."

Fernando Pessoa

Capítulo 149-P2

Mulder abre os olhos.

Dana está ali, ao seu lado, ainda relaxadamente jogada sobre os lençóis, adormecida.

Ele olha as vidraças da janela.

O entardecer parece trazer grande paz. Haviam passado horas de tensão nervosa e chateação, mas ali, naquele recanto plácido e silencioso, ele sente-se bem. Ainda mais com a sua amada Scully ao seu lado.

Mulder levanta-se, vagarosamente, tentando não despertar Dana.

O braço dela está jogado sobre o seu peito e ele o retira, com toda cautela.

Fica, por segundos, olhando para o teto do quarto, as paredes. Num repente, sua vista detém-se no calendário ali colocado.

"Que dia é hoje, mesmo? - ele pergunta-se, meio esquecido - Domingo... mês de fevereiro. Já?? - espanta-se com a rapidez com que passam-se os dias - Nossa!! Não acredito! - seu olhar esgazeia-se - Hoje é 23!! Dia do aniversário de Scully! Aaah, não dá pra deixar passar em branco! Tenho que fazer algo."

Com muito cuidado, Mulder levanta-se.

- Mulder, por que?

Ele volta-se, repentinamente.

- Oi? Por quê o quê? - pergunta ele.

- Está levantando agora...! - diz sonolenta - Onde você vai?

- Eu...? Ah, ora... eu apenas estou levantando... vou no banheiro. - sorri.

- Aaaah...! - ela rola na cama e fica de bruços, preguiçosamente.

- Scully...

- O que? - fala com a boca entre os panos da cama.

- ... em seguida vou dar uma saída.

Ela ergue-se rápida.

- Saída?

- É... imagine você... estou sem creme de barbear; tenho que comprar um.

Ela o puxa pela blusa do pijama, fazendo-o deitar-se do lado dela.

- Eu gosto que fique assim mesmo, sem barbear. Amanhã você faz isso.
- De jeito nenhum! - ele protesta, jogado sobre ela - Estou com a minha pele coçando! Vou comprar sim. - levanta-se rápido.

Mulder dirige-se ao banheiro.

* * *

O dia está findando, mas os transeuntes passam agitados nas calçadas. Mais distante do hotel, várias palmeiras balançam ao sabor da brisa que corre, nesse momento.

Mulder pára, por um breve instante, na porta do hotel.

Leva os dedos aos lábios, concentradamente.

"O que posso comprar pra Scully, como presente? Acho que, num dia de folga como o de hoje, não há muitas opções de compra no comércio daqui. Mas tenho que tentar."

Ele começa a caminhar, no seu passo característico e balançante, passos pesados sobre as pedras da calçada.

Vê a farmácia, um mercado, uma loja de flores, lá mais adiante uma grande confeitaria, exibindo as mais apetitosas tortas.

"Levar um bolo para comemorar? Scully quase não gosta de doces... vou acabar comendo tudo sozinho... não... não, um bolo não, talvez um perfume, mas ela já é tão gostosamente perfumada e, de repente, ela gosta somente do seu perfume favorito e talvez não queira experimentar outro."

Mulder continua na sua caminhada, atento às lojas que vê.

Entra na grande confeitaria da esquina. Dirige-se ao balcão envidraçado onde estão expostos vários doces.

- Por favor, esses aqui. - ele pede à vendedora.

A moça trata de embrulhar os dois mini bolos, enquanto lhe passa em mãos o ticket para pagamento na caixa.

- Olhe, eu queria também uma vela de aniversário.

A moça o atende no mesmo instante, entregando-lhe outro ticket, para pagamento.

Mulder sai com o pequeno pacote, em direção à caixa.

À porta da rua, deixa correr a vista em torno de tudo que aparece ali.

"Puxa vida! Preciso conseguir um presente que a agrade ...!"

Ele resolve caminhar para além daquele quarteirão.

Logo sua vista depara com uma pequena vitrine, que expõe suas reluzentes peças em ouro e prata.

Os olhos de Mulder vêem logo um lindo cordão de ouro com uma cruz como pingente.

"Nem adianta! Isso a Scully já tem há muitos anos!"

Mas, repentinamente, seu coração se alegra.

"Isso!! É exatamente isso que eu preciso! Um anel para a minha Scully!"

Imediatamente, o vendedor aproxima-se para atendê-lo.

- Pois não, rapaz, o que deseja? Já escolheu?

Mulder olha na direção da voz que ouvira.

Um homem idoso, de agradável semblante, apresenta-se, atenciosamente.

- Obrigado, senhor. Eu preciso de um anel.

- Ah, um anel! - o outro exclama, enquanto vai retirando de dentro do balcão-vitrine alguns que lá estão expostos, num suporte de veludo negro.

- É para uma jovem? Uma senhora?

- É... - ele sorri - ... é uma jovem senhora.

- Ah, sim. Veja este aqui. Se a intenção é para um presente fino, este é muito bonito. - olha firme e simpaticamente para Mulder - Ela é uma amiga ou sua namorada, esposa ou...

Mulder sustenta seu olhar. Sorri, abertamente.

- É minha... mulher. Mãe do meu filho.

O idoso homem sorri, também abertamente.

- Aah, meu rapaz! Veja este aqui! - pega um anel no mostruário - Veja que peça lindíssima! - fala em voz baixa - É o ideal para firmar um compromisso.

Mulder balança a cabeça, confirmando.

- É exatamente o que eu quero.

- Muito bem, rapaz. Vou fazer um belo embrulho pra você.

* * *

O sol já se esconde. O avermelhado no céu contrasta com o azul do espaço e as branquíssimas nuvens.

Os poucos veículos que trafegam nesse dia parado quebram, com seu ruído o silêncio do local.

Mulder olha à distância, no horizonte já sendo atingido pelo crepúsculo. Sua mente parece entrar em transe. O espetáculo da natureza diante de seus olhos leva-o a um instante de sonho. O sonho de ser feliz, o sonho de tornar real todos os seus mais ínfimos desejos. Ali, parado, com a mente concentrada nesse instante para o infinito, deixa-se levar pelos arroubos da felicidade, sentimento que lhe é tão fugaz, tão difícil de aparecer em sua vida.

Mulder está de volta ao motel. Entra na portaria e encaminha-se para o seu apartamento. Gira a chave na fechadura e entra.

No primeiro compartimento, a saleta, ele deixa o pacote que trazia às mãos. Caminha até o quarto do casal, esperando ver Dana ainda deitada.

- Scully...?
- Oi! - a voz vem do outro recinto.
- Já estou de volta.
- Que bom, Mulder! Já vou. Já comprou seu creme de barbear?
- Creme de barbear...?! Ah, sim! Comprei sim!

Mulder retorna à pequena sala e vê que, num canto, bem discretamente, está arrumada uma pequena mesa com algumas coisas sobre ela.

"Parecem ser iguarias." - é como imagina ele.

- Scully, nós vamos cear aqui em cima mesmo? Estou vendo uma mesa arrumada aqui!
- Sim, Mulder. - vem retornando à sala, levantando os cabelos e prendendo-os num coque.
- É... tá bom.
- Sabe por que?
- Não. O que quer dizer?
- Você não sabe que dia é hoje?
- Hoje?! - agora ele sabe a que ela se refere, mas continua fingindo - Hoje é domingo.
- Sei, Mulder... mas a data...!
- Ah, a data...!
- É.. hoje é meu aniversário. Não lembra? - pergunta sorrindo.
- Desculpe, lindinha. Eu sou um tapado mesmo. Nem lembrava.
- Não tem nada não, Mulder. Eu quero comemorar comendo umas bobagens aí que mandei trazer pra nós, tá ok?
- Tem bolo?
- Bolo?! Não...!

Mulder afasta-se e pega o pequeno embrulho sobre um móvel. Retorna até onde está Dana. Abre o pacote, retira do plástico um dos pequenos bolinhos e coloca sobre ele a velinha. Retira uma caixa de fósforos do bolso e a acende. A pequena vela brilha sob a quase penumbra do ambiente, no entardecer.

- Feliz aniversário, lindinha.

Dana leva as mãos à face, como que deslumbrada.

- Mulder, você lembrou!
- É claro que lembrei, Scully. - puxa-a, com força para junto de si - Vem cá! O que você acha que vou lhe dar de presente?
- O que eu mais gosto... um beijo.
- Ah, tá, mas não é isso. Adivinhe.
- Deixa ver... - levanta a cabeça, pensando - ... um chaveiro!

- Que é isso, Scully! Eu não vou te dar a mesma coisa de tantos anos atrás. Esse de hoje é muito significativo... - retira do bolso o embrulho - ... abra, Scully.

Dana retira o brilhante papel dourado. Logo aparece o estojo de veludo. Ela o abre.

- Mulder, mas isso é... lindo demais!
- É um anel de compromisso, Scully. Ainda não te dei uma aliança de casamento, mas com isso...

Ela atira-se nos braços dele.

- Aaaaah, Mulder! Não é isso que fará a diferença entre nós...! Eu te amo, Mulder!

Ele coloca no dedo dela o precioso anel.

Ela levanta a mão aberta diante dos olhos, para apreciá-lo. Os olhos estão marejados de lágrimas.

- Lindo... a do rei!
- Scully!!! - chama-a rápido - O bolo, Scully! A vela ainda está queimando!

Dana vai correndo até o pequeno bolo sobre um prato, na mesa. Sopra a velinha, que se apaga.

Mulder a toma nos braços e gira com ela pela sala.

- **Happy birthday to you - happy birthday to you - happy birthday dear Dana - Happy birthday tooo yooooouuuu!!**

- ♪ ♪ ♪ ♪ ♪ ♪

- Obrigada, Mulder. - ela fala, sorridente e com alegria, agarrada em seu pescoço.

"Sem a alegria, a humanidade não compreenderia a simpatia e o amor."

Ramalho Ortigão

DE HOMEM PARA HOMEM

"Todo homem deveria
ser aquilo que parece."
Shakespeare

Capítulo 150

Mulder, com o jornal dobrado às mãos, caminha entre as pessoas na rua. Havia lido a notícia do acidente fatal, acontecido na rodovia onde estivera com Dana. Ficara impressionado. Em toda a sua vida de Agente Federal nunca, na verdade, se acostumara com a morte, como uma coisa natural, aceitável. Tudo ligado à morte, de qualquer forma, referente a bandidos ou não, o deixava abalado.

Duas pessoas haviam perdido a vida atoa, numa perigosa aventura, sem sentido. E Mulder sabe que, com certeza, o ricaço do Cortez tem algo a ver com essas mortes e o atentado a ele e Scully.

Mulder chega até o motel. Entra e toma a direção do pequeno apartamento. Gira as chaves na fechadura.

- Scully? - chama, batendo nas pernas o jornal, a fim de chamar-lhe a atenção.

Dá a volta pelos dois aposentos e o banheiro e nota que Dana não está ali. Solta um longo suspiro, conformado. Arranca do corpo a camisa suada. Vai até a geladeira e bebe um pouco d'água. Olha o relógio no pulso.

- Duas e vinte. - fala para si mesmo.

Vai em direção da cama, senta-se nela. Coloca o copo no chão. Deita de costas, jogando-se nela e olhando para o teto.

"Engraçado! Scully não me falou que ia à rua hoje!" - pensa.

* * *

Mulder abre os olhos.

- Caramba! Adormeci, realmente! - olha em volta e senta-se rápido - Scully!!
- chama.

Ele levanta-se, imediatamente, preocupado.

Ela ainda ali não se encontra. O recinto está vazio.

Mulder olha o relógio de pulso:

- Cinco e meia!! - exclama em voz alta, quase em pânico.

"Nunca Scully saiu sem mim, por tantas horas neste lugar desconhecido." - pensa.

Mulder resolve sair . Dirige-se ao rapaz da recepção e pergunta se havia visto Dana.

- Sim, senhor. Ela saiu com duas moças que chegaram procurando-a e que foram com ela para a rua, novamente.

Mulder imediatamente condena-se, mais uma vez, por permitir que a vida de Dana seja colocada em perigo.

- Como eram as moças? - pergunta ao rapaz.

- Duas guapas senhoritas! - responde ele, sorridente.

A mente já perturbada de Mulder, entra em confusão.

"Isso tem algo a ver com o atentado que sofremos ontem. Tenho certeza disso."

Com passos largos e decididos, toma a direção da rua.

* * *

A imensa e bela mansão, à beira de um lago artificial é cercada por grades.

"E, por certo, - pensa Mulder - é vigiada por várias seguranças."

Ele estaciona o carro à distância da casa.

O bosque que ladeia a mansão é o que Mulder utiliza para aproximar-se do local. E o faz, sorrateiramente.

O muro é bastante alto. Ele tenta colocar, com firmeza, os pés sobre algumas protuberâncias que existem no muro, a fim de galgá-lo. E consegue. Num dado momento, fere a palma da mão, ao esforçar-se para alcançar o topo do paredão. Cerra os dentes, sentindo a dor do machucado. Continua na sua tentativa para chegar ao topo do alto muro.

- **Desça ou atiro!!**

A voz soara, desagradavelmente, aos ouvidos de Mulder.

Olha para baixo.

Um dos seguranças aponta-lhe uma arma.

Mulder levanta as sobrancelhas. Aperta os lábios.

Está sendo rendido pelo sujeito armado. Nada mais tem a fazer, a não ser descer.

A arma continua apontada para ele.

- **Desça!!** - berra o segurança.

Mulder solta as mãos e pula, na direção do solo.

Levanta-se, após o pulo, dá uma sacudidela na roupa e faz um ar de pobre coitado, enquanto o homem o revista, detidamente.

- É... não deu certo... eu só estava querendo evitar a entrada pelo portão... sou alérgico a ... armas!

O segurança o olha com ódio.

- **Mãos para cima!!** - grita mais uma vez o segurança.

O homem faz Mulder caminhar diante dele, apontando-lhe a arma.

Um outro segurança abre o grande e pesado portão de ferro e dá-lhes passagem.

Mulder é escoltado pelos dois homens até um grande salão.

- Onde estão me levando? Até o senhor Cortez? Eu já lhe fui apresentado!

Os homens nada retrucam. Nem o olham.

Os dois fazem Mulder ficar parado no lugar, apontando-lhe as armas.

Uma porta no salão abre-se e Cortez aparece.

- Olá, senhor Fox Mulder! - roda um anel que usa no dedo - Fico pensando porque trocou de nome, já que tem um nome tão... chamativo...!

Mulder apenas o olha. Nada responde.

- Sou inteligente, não? Andei investigando e descobri, além do seu nome, que era um agente federal.

Mulder leva o dedo indicador sob o nariz. Olha para o homem, de soslaio.

- Não vai falar nada, senhor Fox Mulder?

- Você é que me deve explicações, senhor Cortez!

- Eu?! - dá uma risada.

- Sim, você! Já que sentiu-se incomodado pelo tapa que lhe dei, devia ter agido de um modo mais decente... de homem pra homem!

Cortez aparenta nervosismo e incômodo. Parece não estar entendendo as acusações de Mulder. Sacode o corpo, demonstrando ansiedade.

- O que está dizendo?

- Você seria agora um assassino, se não fosse a minha sorte.

- Assassino?! A que se refere?

- Refiro-me a seus capangas, lá na estrada, **senhor Cortez!** - frisa bem, ao terminar a frase, usando um tom de sarcasmo.

O homem começa a rir. Uma gargalhada irritante. Incomodativa.

Mulder aperta os olhos miúdos, fitando-o, atentamente.

O ricaoço vai cessando a gargalhada, aos poucos. Faz um sinal para seus seguranças se afastarem de Mulder. Por fim, cessa as risadas. Franze o cenho.

Fita Mulder com atenção.

- Do que está me acusando?

- Não se faça de desentendido!. - brada Mulder.

- Senhor Mulder, posso garantir-lhe que não é gente minha quem o atacou.

- **Como** não foi?

- Dou-lhe minha palavra. - faz uma pausa - Eu poderia muito bem agora dar-lhe um soco, senhor Mulder, de homem pra homem, mas não estou a fim

de criar encenemas com o senhor. Minha vida é limpa nesta cidade, apesar de...

- ... de seus assédios a mulheres de respeito! - conclui Mulder, com olhar fuzilante.

Cortez abaixa a cabeça, parecendo admitir.

- Eu poderia denunciá-lo ao Governo dos Estados Unidos, senhor Mulder e eu poderia mandar espancá-lo agora, pela sua impertinência, principalmente por tentar invadir a minha propriedade.
- Onde está minha...? - inicia Mulder, novamente.
- ... sua mulher? A Agente Dana Scully? - o homem dá uma risada - Tranquelize-se, senhor Mulder.
- **Onde ela está??** - Mulder perde a paciência, gritando com o homem.
- Pode estar certo de que não estou envolvido no seu problema. Sinto muito, até porque ela não merece sofrer dano algum...
- **Onde ela está??** - repete Mulder, com mais veemência.
- Tem a minha palavra de que não tenho nada com o caso, senhor Mulder. Eu até espero que a encontre logo...

Mulder faz um gesto de que deseja avançar sobre Cortez, mas os seguranças, atentos, o impedem.

- Olhe, senhor Mulder, não procure encenar-se mais do que já está. Eu saberei guardar segredo da sua identidade e a da Agente Scully.

Cortez espalma a mão, na direção dos seguranças. Em seguida faz um gesto para que eles aproximem-se de Mulder.

- Eles lhe acompanharão até o portão de saída, senhor Mulder. E passe bem. Mulder aperta os lábios. Acompanha os homens, que agora não lhe estão apontando as armas.

Mulder põe a mente a trabalhar, sem cessar.

"Que mancada! Onde está minha intuição? Ou será que aquele cara está me enganando? Mas não! Eu aprendi a ver nos olhos das pessoas quando mentem!"

* * *

Num ato intuitivo, tinha voltado para o motel, onde está morando com Dana.

Entra, rápido, e, logo está em frente à porta do apartamento.

Ansioso, gira a chave na fechadura e abre a porta.

Dana está às voltas com alguns pacotes que estão no chão, desatando os nós dos barbantes, descolando os durex que fecham os embrulhos.

- Scully!! - ele quase grita.

Ela levanta a cabeça e o olha, assustada.

- Mulder! O que houve?
- O que houve pergunto eu! Você desaparece por horas e eu fico aqui, tonto à sua procura!
- Mas Mulder...

Então ele a observa. Os longos e lisos cabelos ruivos agora têm ondulações nas pontas. E estão mais brilhantes.

Ela continua a falar:

- Mulder... eu tirei o dia hoje pra cuidar um pouco de mim... fui a um cabeleireiro, fiz uma hidratação, um permanente e sabe como é... demorei, passei da hora... - fita-o, com olhar sensual - ... tudo pra você...!
- E as duas moças que vieram buscá-la?
- Uma é amiga de uma hóspede daqui do motel e a outra a cabeleireira, conhecida dela. Elas me levaram até o salão de beleza aqui próximo... é isso!

Mulder caminha de um lado para outro. Sente-se nervoso e chateado. Está ciente de que, neste dia, tinha perdido todo o seu bom humor.

"O bom humor é essencial, o que nos salva.

No minuto em que surge, toda a nossa irritação e ressentimento somem, cedendo lugar a um espírito radiante.

Mark Twain

SEMPRE JUNTOS

"O amor não consiste em olhar
longamente um para o outro,
mas sim para a frente, juntos,
e na mesma direção.
Antoine de Saint-Exupéry

Capítulo 151

Dana o observa, atenta e um tanto preocupada.

O seu Mulder sempre fôra por demais impetuoso. E por vezes, essa sua impetuosidade o levava a decepções, como a que tivera agora, segundo lhe havia contado.

Ele está sentado, ombros inclinados para a frente, sacudindo as pernas levemente, numa explícita demonstração de nervosismo.

Dana continua fitando-o, amorosamente.

- Mulder...?

Ele levanta o olhar em sua direção. Nada responde.

- Você leu no jornal quem eram aqueles homens?

Ele continua sem responder. Apenas encolhe os ombros.

- Eles eram bandidos acostumados a assaltar em estradas daqui. E faz tempo que a Polícia queria pegá-los! - olha-o, de forma incentivadora - De uma certa forma...

- ... eu fui um **herói!!** - afirma, concluindo a frase dela, de maneira sarcástica.

Dana sorri. Aproxima-se dele.

- Pra mim, você será sempre um herói! - sussurra nos seus ouvidos.

Ela abraça-o pelo pescoço, amorosa.

Umas batidas discretas na porta, chamam-lhe a atenção.

Dana aproxima-se dali. Abre a porta.

- Boa tarde, senhora!

O homem está diante de Dana, sobraçando uma boa quantidade de envelopes.

Retira um deles e o entrega à ela.

Dana agradece e o homem retira-se.

Ela passeia o olhar sobre o remetente: Dr. Scott, o advogado de Mulder.

- Mulder! - ela chama, estendendo-lhe o envelope.

Ele o recebe das mãos dela.

- Mulder, seu advogado é bem atuante mesmo! Está sempre em dia com a correspondência, não é?

- Sim, Scully. Isso é muito bom! E necessário para o assunto que estamos tratando, que é de muita seriedade e urgência.

Dana está de pé ao lado dele.

Mulder, de forma alguma, deseja que ela passe os olhos pela correspondência, já que é de suma importância e de extremo segredo.

Ele tenta disfarçar, então, para não abrir, de imediato, o envelope. Fica parado, com ele entre os dedos, olhando cada detalhe da escrita no endereçamento, fazendo passarem-se os segundos.

- Não vai abrir, Mulder?
- S... sim, eu vou, mas antes tenho que fazer a barba.
- Bom, e eu vou pedir alguma coisa para nosso jantar. Ou você quer ir jantar fora?
- Deixo à sua escolha, Scully. - sorri, no seu jeito de menino.

Dana lhe devolve o sorriso, com o seu, cheio de amor. Ela adora ver essa expressão no rosto dele. Fica feliz. Por fim, afasta-se para pegar o telefone.

Mulder está impaciente. E pensa:

"Tanto segredo que estou fazendo...! Pra que é isso? Será que depois ela vai ficar zangada comigo? Mas... mas não! Ao mesmo tempo imagino que devo guardar sim, esse segredo. Se der algo errado, então? De que valeria encher-lhe o coração de esperança?"

Com esses pensamentos, dirige-se ao banheiro, carregando consigo o envelope. Tranca a porta. Rasga o invólucro da correspondência. Com dedos aflitos e sob tensão, lê a missiva:

Prezado Sr. Fox W. Mulder,

No devido tempo para uma preparação no agendamento de uma sua imprescindível breve viagem até esta cidade, pois teremos que contar com a sua presença, venho informar a V.Sa que já nos foi possível localizar o paradeiro de seu filho William Scully, adotado em 2001.

A criança encontra-se em poder do casal Van De Kamp, proprietário de uma fazenda, numa localidade do interior. Ainda não foi feito o primeiro contato com o citado casal, pois urge ser preparada toda a necessária documentação, para o prosseguimento da Extinção de Adoção.

Mulder prossegue lendo, avidamente, cada linha da carta, com a emoção aflorando em seu semblante.

"Encontraram nosso filho! Encontraram nosso filho! Meu Deus, que felicidade!"

Ele passa os olhos, mais uma vez, por sobre o conteúdo da missiva. Está absolutamente empolgado. Dobra, em muitas vezes o envelope com a carta, e coloca no bolso da calça jeans.

Rapidamente toma sua lâmina de barbear. Olhando-se no espelho, ele mesmo pode notar o brilho em seus olhos.

"Imagine a Scully...! Se eu não tiver cuidado, ela pode até sofrer um grande impacto. E eu quero para ela todo o bem do mundo; para ela e para o nosso amor. Temos que seguir sempre juntos, seguros, num só pensamento e ideal.

Van De Kamp... Van De Kamp... fazenda ... interior... viagem."

Todos os dados que ele acabara de ler, haviam permanecido em seu subconsciente. Ele termina de fazer a barba. Lava o rosto, apressadamente. Enxuga o rosto e as mãos.

Mete a mão no bolso e retira dele o envelope. Abre a carta. Lê, novamente, o último trecho.

"O Doutor Scott diz aqui que devo apressar-me em ir até lá, para dar conclusão aos documentos finais que faltam para o Requerimento. Como vou fazer agora? Deixar Scully aqui... e sozinha?"

Sua mente entra em ebulição. Tudo está fervendo dentro dele, pois, além da emoção pela notícia de seu filho, existe a angústia pelo que tem que acontecer: deixar Dana só, nessa cidade estranha.

Novamente ele dobra o papel junto com o envelope e o coloca no bolso, com mãos nervosas. Sai do banheiro.

Dana está absorvida em remexer alguns objetos, que havia retirado de uma frasqueira de viagem, após tê-los espalhado sobre a cama.

Mulder chega-se até ela, por trás, e a abraça impetuosamente, deixando encostar seu corpo quente no dela.

- Nossa, homem! Que quentura! - ela exclama.

- Acha mesmo?

- Siiiiiiim... e que sorriso tão empolgado é esse, Mulder? Você viu passarinho verde?

- De todas as cores, Scully, de todas as cores! - beija-a na nuca, levantando-lhe os longos cabelos ruivos, eufórico.

Dana sente nele a respiração afogueada, o perfume intenso que lhe emana da pele.

- Ai, Mulder, não sei, mas eu acho que estou vendo você muito leve, livre e solto...!
- E é verdade, Scully!

Ela volta-se para ele, agilmente.

- Ei! O que está acontecendo?
- Por que pergunta isso? - ele não a solta.
- Porque você estava até bastante chateado, Mulder! E agora...
- Elementar, minha cara Doutora Scully! - solta-a e anda pelo recinto - Depois de uma certa reflexão, percebi que tenho que me sentir muuuuuuito feliz.

Dana está de braços cruzados, fitando-o, com ar incrédulo e meio sorriso nos lábios.

- Recebeu notícias boas, Mulder?
- Sim, Scully. - ele pára e fita-a, intensamente - Consegui o que eu queria...
- Conseguiu...?
- Isto é... pelo menos uma parte.
- Sim...? - levanta as sobrancelhas, indagativamente, tentando fazê-lo falar mais.
- A casa... a propriedade foi vendida, Scully e... - agora ele está com ar preocupado - ... eu fui chamado para ir até lá.
- Mas Mulder...!

Ele percebe que ela está assustada. Preocupa-se com o que ela possa imaginar.

- Scully, eu vou rapidamente e volto.

Dana fecha os olhos e aperta-os com força. Logo, em sua mente, há uma montanha de perguntas a serem respondidas.

Por quê? Para quê? Quando? Como? Onde?

Mas, na verdade, sabe e sente que tem que ter paciência com tudo à sua volta, principalmente para o com o homem de sua vida.

"A paciência é amarga,
mas seus frutos são doces."

Jean Jacques Rousseau

MEDO OU ALEGRIA?

"Permita-se guardar uma alegria. Estenda as mãos e apanhe-a quando ela passar."

Carl Sandberg

Capítulo 152

Mulder continua a deixar o carro rodando na estrada que o levará a seu lugar de destino.

Tantos meses já se haviam passado, desde o começo do processo para a retomada de William. Mulder sente-se cada vez mais esperançoso, embora ainda a parte mais severa, ainda tenha que ser resolvida.

Ele chega a uma cidade próxima, na qual tem que encontrar-se com o advogado. Estaciona o carro junto a um bar. Entra nele. Avista vários aparelhos telefônicos. Aproxima-se de um deles e digita um número. Com o fone no ouvido, ouve as primeiras chamadas.

A pessoa atende, do outro lado da linha.

- Sou eu, Mulder! - ele identifica-se.
- Ah, meu Deus, Fox! - exclama Maggie, do outro lado da linha - Estava numa tremenda ansiedade pra falar com você! O doutor Scott já me contou sobre os vários indícios que ele conseguiu do paradeiro de William!
- Eu sei, senhora Scully... eu sei! O doutor Scott enviou-me uma carta sobre isso.
- E quando iremos buscá-lo, Fox?
- Calma, calma, senhora Scully. Eu tenho que dar conclusão nos últimos documentos, para prosseguimento do processo e estou indo lá para isso.
- Não me diga que está a caminho...!?
- Sim, estou.
- E Dana?
- Tive que deixa-la só por alguns dias; com certa preocupação, é lógico.
- Eu entendo. Mas é para a felicidade dela...
- ... e de todos nós, senhora Scully.
- Então devo ficar esperando seu aviso, Fox?
- Sim, por favor. Não se preocupe, eu liguei, avisando quando nos encontraremos.

* * *

Dana está só no quarto de motel. Revira, desdobra e redobra várias peças de roupa e as coloca no armário. Haviam lhe entregue peças lavadas e passadas e ela distrai-se, enquanto arruma as suas roupas e de Mulder.

"Engraçado... - começa a pensar - ... Mulder resolveu que deveríamos trocar para este quarto de dois compartimentos, maior do que o outro. Claro que é melhor mesmo isso, mas acho que não deveria ser de suma importância... mas era o desejo dele... fazer o quê? Também acho esquisito uma coisa... pelo que me consta, se o Mulder tem um procurador para resolver essa venda da casa, por que teria que ir lá? Eu só queria entender. Bem, só se... ah, deixa pra lá...! Não é assunto que me diz respeito. E ele estava tão feliz por ter vendido aquela propriedade...! E eu tenho mais é que acompanhá-lo na sua alegria."

Dana deixa-se levar pelos inúmeros pensamentos, enquanto continua a arrumação das peças de vestuário.

* * *

O advogado, movimentando a cadeira giratória na qual está sentado, explica, com tranquilidade, toda a situação para Mulder, sentado diante dele, atento às suas palavras.

- Senhor Mulder... - pega uns papéis - ... estes são os documentos de conclusão do nosso caso em pauta. O seu filho encontra-se, realmente, na cidade da qual lhe falei. Estava sendo criado por um casal que tem boa situação financeira. - o advogado faz uma pausa para prosseguir, empilhando os documentos e batendo-os na superfície da mesa - O casal já foi por mim contatado. Estive frente ao senhor Van De Kamp, mostrando toda a situação do caso ora em processo.
- Qual foi a reação dele?
- No princípio não queria aceitar esse processo, alegando que o menino lhe fôra entregue pela própria mãe, porém, provando que, por vontade do pai, tem dada como extinta a adoção da criança, ele, então incentivado pela própria esposa, achou justa a ordem dada pelo Juiz.

Mulder passa a mão nos cabelos. Aperta os lábios. Sente-se muito nervoso.

- E quando poderei pegar meu filho, doutor Scott?
- O senhor vai acompanhado da avó do garoto, não é isso?
- Exatamente. E o mais importante é que a mãe dele está sozinha lá na cidade de Roswell, onde a deixei. E não quero me demorar por aqui.
- Eu entendo. - levanta-se e vai até uma estante, retirando dela um livro, o qual desfolha, rapidamente, e depois fecha-o, colocando-o ao seu lado - Senhor Mulder, eu tenho que entregar este livro a um colega meu - olha o relógio - daqui a duas horas. Então, após isso, poderemos nos encontrar com a senhora Scully, conforme combinado.

Mulder levanta-se.

- Certo. E iremos para a Vara de Infância.

Os homens apertam-se as mãos.

Mulder deixa o escritório. Olha o relógio, num gesto automático. Nem vê a hora no mostrador. Está com os nervos totalmente à flor da pele.

Dois dias já se haviam passado, desde a sua vinda da cidade onde mora com Dana.

Mas agora, neste instante, uma ansiedade absurda o maltrata. Nem sabe direito o que fazer em primeiro lugar. Em toda sua vida de Agente Federal, investigando casas sobrenaturais ou absolutamente bizarros, estes não o haviam deixado em tal estado de angústia.

Interiormente sente medo. Um medo terrível do que possa ocorrer. É uma emoção muito forte, após tanto tempo poder rever seu filho, agora com quase um ano de idade!

Mulder, com seu caminhar característico, procurar fazer o corpo movimentar-se, para que possa, assim, livrar-se da incômoda tensão mental que o aniquila neste momento.

Andando ali, pela calçada, avista muitas mesas e cadeiras arrumadas à disposição daqueles que passam pelo local e necessitam de um momento de reflexão ou simples descanso. Ele senta-se numa das cadeiras.

Colocando um cotovelo sobre a mesa, segura a cabeça, pensativamente, enquanto seu olhar vagueia pelo local, sem nada enxergar, porém. Sua mente está totalmente absorvida pelo problema a ser resolvido. Na realidade, não sabe se o que sente é medo ou alegria.

* * *

A baixa estatura da mãe de Dana, a faz suspender o rosto, para falar a Mulder.

- Que bom poder vê-lo novamente, Fox! Que bom!

- Eu sinto o mesmo, senhora Scully; a sua presença me traz boas recordações.

- Obrigada, Fox. - espalma as mãos trêmulas - Veja o meu estado. Estou extremamente nervosa!

- Não é pra menos. Eu também sinto-me do mesmo jeito.

Ele a ajuda a caminhar, segurando-lhe o braço, gentilmente.

Já estão próximos do local onde deverão encontrar o Dr. Scott.

Mulder faz um sinal com a cabeça.

- Lá está o doutor Scott, junto do carro. Vamos lá.

Aproximam-se do advogado. Que cumprimenta Maggie.

- E então? Ansiosa? - ele pergunta.

- O senhor nem tem idéia, doutor Scott!

- Ambos estamos. - acrescenta Mulder - A emoção é a mesma.

O advogado sorri; sente-se vitorioso na sua empreitada para trazer de volta a felicidade de uma família.

Ele faz um gesto e abre a porta traseira, para Maggie entrar.

- Vamos, então.

Mulder dá a volta ao veículo, para entrar no banco do carona.

O advogado entra, por fim e toma o volante.

"A felicidade é o subproduto do
esforço de fazer o próximo feliz."

Greta Palmer

TREMENDA OUSADIA

"A ousadia é, depois da
prudência, uma condição
especial da nossa felicidade."

Arthur Schopenhauer

Capítulo 153

Dana está diante da janela, olhando a chuva que cai, sem parar. O barulho dos pingos d'água batendo no chão lá fora, parecem atenuar um pouco a tensão do seu coração.

Mas ela, instintivamente, está apreensiva. Mulder longe dela, noutra cidade. Nunca se sabe o que pode acontecer. Queira ou não, os dois são fugitivos, refugiados nesse lugar em que ela está agora.

Repentinamente, relembra cenas de um filme antigo, que assistira através de fita de vídeo. Sua mãe comentara sobre o filme e Dana o lembra agora.

"Singing in the rain..." - era o nome do filme musical em que o ator cantava e dançava na chuva, alegremente.

Parece-lhe estar vendo as cenas.

"Singing in the rain..." - novamente vem-lhe a música à cabeça.

E a chuva torrencial a faz olhar para baixo. Uma correnteza, carregando folhas e detritos passa, velozmente, diante de seus olhos.

"Estou só. Tenho medo. Mulder está longe e, de uma forma ou de outra, ele corre perigo de vida. Mas por que ele foi com tanta ansiedade tratar da venda daquela casa? Ele nunca havia demonstrado tanto interesse nessa venda! Mas enfim, seja. Ele quer que o dinheiro não falte, já que estamos aqui, neste lugar tão longínquo!"

"Singing in the rain..." - novamente a música do filme vem à tona e Dana sente o respingar das gotas frias de chuva em sua face.

Levanta a cabeça, fecha os olhos e deixa que as gotas caiam, livremente, sobre sua pele. Fecha a vidraça, em seguida.

"William... meu filho... - o pensamento do menino vem em sua mente - ... como estará meu filho? Parece-me ouvir seu chorinho perto de meus ouvidos..."

Uma lágrima brota em seus olhos azuis, fazendo com que a visão das gotas de chuva tremulem perante si.

Seu pensamento retorna para Mulder.

"Meu Deus, e se acontecesse alguma coisa com ele? E se fosse pego e o levassem à prisão, novamente? O que seria de nossas vidas? Condenado à morte... Mulder... o meu Mulder..."

- Mulder... - ela pronuncia baixinho.

Olha entre os quadradinhos das vidraças das janelas, mais uma vez.

Afasta-se, então.

Vai para a cama e deita-se.

- Mulder... - sussurra, novamente - ... sinto sua falta...!"

Lembra do contado das mãos dele em seu corpo, os lábios que volteiam ávidos em torno de seus seios para depois tomá-los com voluptuosidade e, ao mesmo tempo, doçura; o corpo forte e quente que toma posse do seu, levando-a ao intenso êxtase...

Tenta adormecer e não consegue. O desejo de estar junto de Mulder permanece a atormentá-la. Sente uma profunda saudade dele. A falta é terrível.

Nesses dois dias em que ele está ausente, sente como se faltasse algo de seu próprio ser.

- Mulder... - ela murmura, mais uma vez.

"O que ele estará fazendo neste instante? Será que lá, naquele lugar, está chovendo como aqui, agora?" - põe-se a imaginar.

* * *

A noite já descera há bastante tempo.

- Senhor Mulder, devemos parar nesta cidade e retornamos à estrada pela manhã, cedo. Que acha?

- Acho necessário. A não ser que prefira que eu leve o carro...

- Não, não! Eu compreendo a sua ansiedade para chegar ao destino, mas um descanso é necessário. São onze e meia da noite!

- Eu também penso assim, Fox. - concorda Margareth.

- Podemos parar por aqui mesmo. Tem aquela pensão ali.

- É, não parece grande coisa... - fala Maggie.

- Mas tudo bem, doutor Scott. Vamos lá. - sugere Mulder.

O Dr. Scott estaciona o carro em frente a um pequeno motel sem luxo, na cidade de passagem. Descem do carro. Dirigem-se ao motel.

* * *

Mulder, deitado na cama somente vestido em cuecas, observa pela pequena janela o céu pouco estrelado.

"Scully... como Scully reagirá ao retorno do nosso filho? E como será a minha própria reação? A emoção já toma conta de mim, desde agora. Amanhã cedo chegaremos à Instituição onde ele está sendo cuidado. Como farei? Como reagirá Maggie?"

* * *

Margareth Scully, em seu quarto, pensativamente, vai retirando as roupas principais.

"Por sorte eu trouxe um robe porque achei que seria necessário. Nem sequer imaginei que teríamos que pernoitar nesta viagem para... oh, meu Deus! Como será que vou me sentir quando tiver novamente meu netinho em meus braços? E depois? Será que devo acompanhar o pai dele até onde estão morando? Estou me sentindo muito nervosa! Acho que nem vou conseguir dormir."

Maggie retira da bolsa um pequeno frasco que contém drágeas. Tira uma e a engole com um pouco d'água.

"Para aliviar essa tensão na qual me encontro. É terrível uma situação incomum como esta... mas eu acho que devem existir mesmo poucos casos como esse. Eu só quero, meu Deus, que minha filha seja feliz e o Fox também. Maggie ajeita-se na cama de solteiro; cobre-se com o lençol.

Fecha os olhos. Apaga o abajur de pé, de coluna retorcida, junto da cama.

* * *

Mulder está quieto. Olhos parados na escuridão do quarto.

"Scully... Dana, eu quero te fazer feliz! Você precisa disso e eu também. Vivemos quase dez anos de nossa vida correndo atrás do perigo, para nossa sobrevivência... eu sei ... eu tenho consciência de que somos fugitivos. Temos nossa vida em risco, mas não será por isso que devemos renunciar à felicidade, Dana! E esse gesto de nós dois será de uma tremenda ousadia! Eu reconheço isso.

Scully, a mulher que amo...! Eu sinto falta de você... estou aqui longe, mas parece-me sentir o teu corpo junto ao meu, Scully... teu calor, teu perfume... - ele desliza a mão pelo peito nú, sentindo a respiração apressada - ... eu preciso de você, minha Scully... amanhã já estaremos todos reunidos... eu, você e o fruto do nosso amor, o nosso William. "

Agora Mulder fecha os olhos. Está achando um tanto difícil conciliar o sono. Um intenso turbilhão de pensamentos e sentimentos o perturbam. Mas não irá se deixar vencer.

O cansaço da tensão do dia é mais forte e anula qualquer outra coisa que tencione abordar seus sentidos.

E suas pálpebras já agora não mais tensas, encontram-se livremente relaxadas, permitindo com que seu corpo e a mente entrem em completo descanso.
E ele adormece.

"Nenhum homem feliz sabe apreciar o dormir."
E. Wertheimer

OLHOS, JANELAS DA ALMA

"Todas as nossas almas estão
escritas nos nossos olhos."

Edmond Rosland

Capítulo 154

Mulder abre os olhos. Vê o relógio redondo na parede. Mostrador escuro, ponteiros brancos, bem visíveis. Está marcando 05:47 horas de um nascer do dia sem sol.

Seus olhos fitam a vidraça da janela. Que tem, na parte de baixo, venezianas. Ele vagueia o olhar ao redor do ambiente. Cortinas. Cadeiras e uma pequena mesa. Uma cômoda com espelho.

Olha para os próprios pés nus, ainda na cama. Vê-se só de cuecas. Um lençol está dobrado num canto da cama estreita.

- O quê??

Num repente, seus sentidos despertam. Está em um lugar estranho.

Levanta-se rápido. Seu cérebro relembra, agilmente, sua situação.

"A senhora Scully, o advogado..."

Mulder pega da mesinha de cabeceira o relógio de pulso. Confere a hora ali marcada com o da parede. Tudo certo.

Apressado, vai até o pequeno banheiro, para arrumar-se.

* * *

O advogado cumprimenta Margareth e Mulder.

- Eu pensei até que resolveriam prosseguir a viagem mais tarde. - ele fala.
- De maneira alguma, doutor Scott. - retruca Mulder.
- Acha que estamos muito longe do lugar, doutor Scott? - pergunta Maggie.
- Não, não, senhora Scully. - ele sorri - Logo, logo, a senhora poderá ter seu neto nos braços.

Maggie põe as duas mãos sobre o peito.

- Ai, meu coração está batendo tanto, que nem sei...
- Senhora Scully, não nos faça ter que procurar um hospital! - diz Mulder, fazendo troça.

Prosseguem os três no veículo a conversa, enquanto rodam estrada afora, em busca do seu objetivo.

Logo a fachada de um amplo edifício cercado de grades e grande jardim, está diante de seus olhos.

- É aqui? - pergunta Maggie.

- Sim. - responde o Dr. Scott.

Ele estaciona o veículo e dele descem.

Maggie caminha ao lado de Mulder, que, vendo-a um pouco titubeante, segura-lhe um braço, para ajuda-la a andar até a entrada do prédio.

Entram, finalmente.

O advogado afasta-se de Mulder e Maggie. Eles permanecem sentados em uma sala de espera.

Maggie olha para suas próprias mãos pousadas no colo, vendo-as trêmulas.

Mulder descansa os cotovelos nas coxas, enquanto segura a cabeça entre as mãos.

O silêncio é total. Nenhum dos dois atreve-se a pronunciar qualquer palavra.

Abre-se uma porta. E por ela entra o Dr. Scott.

- Senhor Mulder! - chama.

Mulder sai de sua concentração, para atender o chamado.

No mesmo instante do chamado, uma mulher de feições serenas entra no recinto, tendo nos braços um bebê.

O advogado se antecipa:

- Senhor Mulder, esta é a senhora Nancy Stegall e este bebê...

- Oooh!! - é só o que consegue pronunciar Maggie.

- Meu ... filho...! - balbucia Mulder.

A mulher pára e aguarda.

Maggie caminha até ela. Pára. Sorri, cobrindo a boca com as mãos. Os olhos estão marejados de lágrimas.

- A senhora é a avó dele? - pergunta a mulher.

Maggie confirma, apenas com um meneio. Estende a mão e toca na face do bebê. Prepara os braços para pegá-lo ao colo e a mulher o entrega.

- Senhor Mulder... - fala ela - ... a sua responsabilidade, daqui em diante, é extrema! Esta criança estava com um problema sério na família com quem estava sendo criada.

- Problema... sério? - ele quer saber.

- Exatamente, senhor Mulder. Este bebê é uma criança que dá muito trabalho para ser alimentado, e chora mais do que o normal, numa criança de sua idade.

A mente de Mulder, imediatamente, capta o sonho que tivera certo dia. Quem sabe seja verdade o que lhe havia mostrado aquele sonho?

Um homem de cabelos grisalhos entra na sala, neste momento. Cumprimenta os visitantes.

- Senhor Mulder, - diz a mulher - este é o doutor Morgan, psicólogo, que vai ter uma conversa com o senhor.

Mulder, quase desorientado, não está prestando a devida atenção às explicações da mulher que lhe está falando. Ele olha para Margareth. Esta, com o bebê nos braços, chora, copiosamente, pela emoção incontida.

- Interessante, senhora Scully... - diz a mulher - ... o menino sempre estranha qualquer pessoa, no entanto com a senhora ele não chorou... está até admirando-a .. veja!

Mulder aproxima-se de Maggie. Faz um gesto de segurar seu filho, que, rapidamente, estende os braçinhos roliços para ele.

Maggie afrouxa seus braços e deixa que a criança se jogue para os braços do pai.

- Incrível! - murmura a Sra. Stegall - O que acha, doutor Morgan?

O Dr. Morgan mostra no semblante um sorriso enigmático, sob o curioso olhar do Dr. Scott.

Mulder segura seu filho nos braços. Prende o pequeno corpo do filho em seu peito, com ardor.

O menino, com os dedos diminutos, segura-lhe o queixo, olhando-o, com curiosidade.

Dos olhos de Mulder descem lágrimas e, enquanto chora silenciosamente, mantém o rosto escondido no corpo de William.

Margareth, com as duas mãos tapando a boca, o contempla com os olhos cheios de lágrimas.

Nos olhos de todos ali, as próprias almas afluem, demonstrando a emoção.

- Sejam felizes. - fala a Sra. Stegall.

Maggie apenas faz um meneio, agradecendo emocionada.

* * *

Margareth, ajudada pela sra. Stegall, entra na sala, carregando uma pesada bolsa e com William nos braços.

Mulder achega-se, para ajudá-la.

- Tudo pronto, senhora Scully? - ele pergunta.

- Tudo, Fox. Já podemos ir.

Despedem-se da sra. Stegall e encaminham-se para a saída.

O Dr. Scott já os espera no estacionamento.

Entram no carro, a seguir.

Maggie, com William no colo, tem os olhos brilhantes pela emoção.

Mulder, sentado no banco do carona, vira o corpo para trás, a fim de poder ver o filho.

- Como ele cresceu, Fox! - fala Maggie.

- E está esperto! - completa Mulder.

Maggie ajeita a criança em seus braços.

Com o leve embalo do carro, logo o bebê começa a bater as pestanas, levemente.

Mulder o contempla.

O bebê, vendo que aquele rosto estranho o observa tanto, abre os lábios, no seu doce e inocente sorriso, mostrando dois pontos brancos na gengiva.

- Veja só! Já vão nascer os dentinhos! - exclama a avó, embasbacada com a graça da criança.

Todos riem, animados e emocionados.

"A criança é alegria, como o raio do sol; é estímulo, como a esperança."

Coelho Neto

O SONHO E A ESPERANÇA

"O sonho e a esperança são os dois calmantes
que a natureza concede ao homem."

Frederico I

Capítulo 155

Dana carrega no pacote que sustenta nos braços, alimentos para encher a geladeira.

Precisa, antes do retorno de Mulder, organizar tudo para que nada lhes falte. Entra no motel, para chegar a seu quarto. Sente-se cansada. Apreensiva, como tem estado por todos esses dias.

Mas, intuitivamente, sente, também, que hoje terá, talvez, a alegria de ver a chegada de Mulder. Um sentimento bom. E enquanto medita sobre tudo isso, guarda os alimentos na pequena geladeira. E a expectativa de rever Mulder a deixa cheia de ansiedade.

Umás batidas na porta a tiram de seus afazeres.

Dirige-se para a porta e abre-a. Seu olhar esgazeado pela surpresa, enche-se de uma faiscante alegria.

- Mulder!!

Ele entra e fecha a porta.

- Tudo bem? - fita-a, ardentemente.

- Sim, claro... você está aqui!

- Senti sua falta, Scully...!

- E eu a sua, Mulder...

Ela se encosta nele, amorosa.

Mulder a abraça, com ardor. Beija-a nos cabelos, nos olhos, no pescoço.

- Ai, como senti falta disso! - ela sussurra.

- Eu te amo, Scully...!

- Mulder, eu não posso viver sem você... eu já não estava aguentando...!

- Eu te amo tanto, que quero dar toda a alegria do mundo pra você. Quero fazê-la inteiramente feliz.

- Sou feliz com você, Mulder. Eu já lhe disse isso tantas vezes...!

- Quero ouvir mais... - ele sussurra, por sua vez.

Ela, com os pés seguros nas pontas dos dedos para chegar à altura dos ouvidos de Mulder, cola os lábios no ouvido dele.

- Mulder... eu te amo... muito e sou completamente feliz com você.

Mulder a toma nos braços. Senta numa poltrona com ela em seu colo.

- E isso lhe basta? O que falta pra você ser inteiramente feliz?

- O quê?

- É... é a pergunta que estou fazendo.

- Mulder... como é que é que você disse? - afasta a cabeça do peito dele, para fitá-lo, indagadoramente.

- Exatamente o que ouviu.

Dana o agarra com força.

- Nada... nada falta para que eu seja feliz... - olha-o, novamente - ... mas por que me faz essa pergunta tão...?
- ... tola? - ele completa.
- Sim, tola! - passa as mãos pela face dele, com ternura - Mulder... você me completa plenamente.
- Não é resposta.
- Por que?
- Acho que fui eu que disse isso a você há tempos atrás.

Ela deita a cabeça no peito dele, novamente, sorrindo.

- Quer parar com essa bobagem, Mulder? Você voltou tão... inquisitivo...!

Mulder ri. Procura os lábios dela. Que se abrem. Esperando o beijo dele. E se entregam nesse ato quente e saboroso para os dois.

- Scully... - diz entre beijos - ... eu quero te dar toda a felicidade possível neste mundo! A partir de hoje.
- Obrigada, Mulder.

As bocas encontram-se, novamente. Ansiosas. Voluptuosas.

- Scully... e você vai ver essa felicidade chegar até você.
- Sim.
- Minha Scully... - faz uma pausa nos beijos para afastá-la de si e, com os olhos pequenos perscrutadores, fitá-la, ardentemente - Há sim, algo que você desejaria muito pra ser feliz... completamente.

Agora Dana baixa o olhar. Havia entendido a pergunta dele.

Mulder continua fitando-a .

- Scully... você gostaria... de ver sua mãe?
- Ahn?! Mamãe? Sim, Mulder! Claro que gostaria! Lógico!

Ele desvia o olhar, para consultar o relógio de pulso.

- Dentro de algumas horas ela virá aqui.

Dana coloca as mãos sobre as faces agitadas e vermelhas pela emoção.

- Mamãe?! Aqui?! É verdade, Mulder?
- Eu não lhe iria mentir.
- Ai, Mulder! Eu nem acredito que seja possível! - põe a mão sobre o coração.
- Pois **tem** que acreditar!

Dana, calmamente, aconchega-se nos braços quentes dele.

- Mulder, desde que o conheci, a minha vida tem sido mesclada de momentos tristes, mas também de muito boas surpresas.
- E você nunca deve perder os seus desejos de realizar seus mais difíceis sonhos, Scully.

O sonho e a esperança são os sentimentos que nos fazem aguentar os trancos da vida.

Com uma das mãos, ela vai puxando o zíper que está fechando o casaco dele. Ajuda-o a retirá-lo, pouco a pouco. Quer sentir junto à sua pele aquela carne morena e fremente do seu amado, seu corpo quente, já com partes íntimas entumecidas, ansiando pelo prazer que o corpo dela lhe poderá proporcionar.

Está louca de amor. Apaixonado amor por este homem que tudo lhe pode proporcionar. E fazê-la inteira e completamente feliz.

"Completamente feliz?! - a pergunta é feita dentro de sua mente - Não... falta algo, do qual jamais poderei lançar mão... e voltar atrás da loucura que fiz... meu filho... meu filho."

Com este pensamento a lhe fustigar a consciência, Dana sente-se triste e seus olhos ficam marejados de lágrimas.

Mas põe em sua mente que não vai deixar que Mulder pressinta esse seu negativo pensamento. Ele só deseja fazê-la feliz. Sempre.

Amorosamente, começa a deslizar os lábios sobre o pescoço dele, que já aparece sob o pesado casaco, que está sendo retirado.

* * *

Dana volta-se para olhar Mulder, deitado de lado, virado para ela.

- Você sente-se cansado da viagem?
- Sim, sem dúvida.
- E me conta, Mulder...
- O quê?
- O que você viu de bom por lá?
- Muita coisa boa...!
- O quê, Mulder?! Coisa boa?!
- Pra lá de boa!!
- Ah, pára! Eu não estou brincando, estou falando sério!
- Eu também. - suspira.
- Tá bom... - ela desiste.

Viram para cima e ficam somente olhando para o teto.

- Que horas são? - ele pergunta.
- As mesmas de ontem.

Mulder rola, rapidamente, para deitar-se sobre Dana.

- Minha garota levada. - olha o relógio na mesinha e dá uma palmadinha na nádega dela - Vamos, levante-se. Precisa arrumar-se!
- Ora, ora! Por que tanto cuidado com a minha aparência?
- Não é a aparência, Scully. É a sua emoção... prepare seu coração.

Ela pensa ter entendido as palavras dele.

- Sim, Mulder, eu vou sentir muita emoção de ver minha mãe perto de mim, novamente.
- Eu entendo, Scully... mas... prepare em dobro essa emoção.

Ele pára. Coloca-a de frente para si, descobre-lhe a parte do peito onde fica o coração e ali deposita um beijo.

- Esse coraçãozinho vai ter muita emoção hoje...!
- Mulder...?

Ele ergue o corpo rápido, puxando-a pela mão, antes que ela pudesse lhe perguntar algo.

Dirigem-se ao banheiro.

* * *

O táxi desliza pelas ruas friorentas.

Maggie ajeita os agasalhos e a manta de lã que cobre William, em seu colo.

- A neve está se preparando para cair, senhora. - diz o motorista, olhando-a pelo retrovisor do carro.
- Sim, e por isso estou doida pra chegar ao meu destino.
- Claro, senhora. - ele olha o bebê, que dorme placidamente - É um menino, não?
- Sim. Chama-se William. É meu neto.
- Ah, sim. Parabéns. É um belo bebê.
- Obrigada.

O motorista entra em animada conversa com Maggie, por muitos minutos.

Então, em certo momento, reduz a velocidade do veículo.

- Senhora, esta é a rua que pediu. - avisa - Chegamos.
- Ai, meu Deus! Verdade?
- Claro! - ele pára o carro e volta-se para olhá-la - A senhora parece estar bem emocionada.
- E estou. Será uma surpresa para minha filha!
- Ah, ela não sabe da sua vinda?
- Ela sabe... bem... não... ela não sabe da nossa vinda.
- Faz tempo que não a vê? - o homem parece admirado.
- É isso mesmo!

Ela responde e mais não quer explicar. O que lhe importa agora é que vai ver sua filha e levar-lhe o filho que ela pensa ter perdido.

É claro que sabe que Mulder deve tê-la preparado, emocionalmente.

Também ela tem medo do que pode acontecer à filha, já tão sofrida.

"Sentir a vida é sofrer; a consciência
só é despertada pela dor."

Graça Aranha

CREIA EM DEUS!

"Em meio às trevas, entre os espinhos,
nas tempestades e nos descaminhos,
nada me impedirá de crer em Deus."

Capítulo 156

Mulder, na portaria do motel, aguarda, ansioso, a chegada de Maggie, trazendo William. Quando a avista saindo do táxi, cria alma nova. Agora sim, será tornado realidade o maior sonho de Dana, voltando a ter em seus braços o seu filho amado.

- Fox, que emoção! - vai dizendo a mãe de Scully, ao chegar.
- Senhora Scully, agora dê-me William. Você vai na frente. Eu sigo atrás, com ele.
- Está bem. Como está Dana?
- Acho que preparada para fortes emoções.

Caminham apressados em direção do apartamento onde Mulder e Scully estão hospedados. Ao aproximarem-se do apartamento, Mulder pára; retira do bolso da calça uma chave. Entrega-a a Maggie.

- Está vendo esse apartamento ao lado? Aluguei-o para você.
- O quê, Fox? Verdade?
- Claro. Não vai ficar aqui por uns dias?
- Ah, meu Deus! Como eu o agradeço, Fox! Fico tão feliz...!
- Certo... mas vamos lá. Sua filha está ansiosa!

Maggie bate na porta. Fecha os olhos e segura-se na esquadria, esperando melhorar a emoção.

Mulder coloca-se junto a uma reentrância de uma coluna na parede, para ficar menos visível sua presença ali.

A porta é aberta.

Maggie entra, rapidamente, para abraçar a filha. Ambas choram.

Dana soluça no ombro da mãe.

- Mamãe...!
- Dana, eu estou morrendo de felicidade! Você merece, filha... você merece!

A emoção de Dana é tão grande, que ela não consegue avaliar todo o conteúdo das palavras de sua mãe. Apenas chora.

Agora separam-se.

Maggie limpa a face da filha, molhada em lágrimas. Retira os fios de cabelo que teimam em ficar grudados em sua testa.

- Dana, minha filha... agora eu quero que você fique calma...
- Por que? - ela a olha, intrigada.

Neste exato momento, Mulder aparece no vão da porta aberta. Traz o filho nos braços.

Dana vê a cena.. Franze as sobrancelhas.

- Mulder...? - não está entendendo o significado daquilo.

Mas aquela criança nos braços de Mulder... linda, esperta, olhos vivos, fitando-a com seu ar inocente...

Dana está estática.

Não fala. Não se move. Apenas o seu olhar arrisca-se a lançar-se na direção de Mulder para William e deste para Mulder.

- Meu Deus...! - balbucia, olhando fixamente a criança.

Mulder aproxima-se dela, com a criança nos braços.

- É o seu filho, Scully... nosso filho.

Dana leva as mãos à face, repentinamente empalidecida.

Mulder aproxima-se mais. Faz menção de que ela deve segurar a criança.

Dana estende os braços. Sem falar, ainda. Sem emitir nem um gemido sequer. Com os braços estendidos, ela toca o bebê.

O bebê agita-se, virando a cabeça para um lado e outro, reparando naquelas pessoas desconhecidas para ele.

Um longo e profundo suspiro sai do peito de Dana, prenunciando um angustiado pranto, que logo aparece, de forma tão violenta, que torna a criança mais agitada.

- William... meu filho! - ela grita, entrecortadamente, com os soluços - Meu... filho!

E com o bebê nos braços, continua a soluçar em penosos gemidos, misto de surpresa e alegria.

Mulder e Maggie ajudam-na a sentar-se, com a criança no colo, que está com um ar de choro, fazendo beicinho, assustada.

Dana senta-se na poltrona. William continua apertado entre seus braços.

A criança, surpresa com tanta estranha manifestação, olha para Dana, curiosa e intrigada. Por momentos, faz denotar na face desejo de abrir um berreiro e por outros, seus olhos arregalam-se, surpresos, parecendo maravilhado com tudo aquilo.

Os soluços de Dana vão cessando aos poucos, enquanto beija as mãozinhas do seu filho e sua cabeça, que tem, agora, uma rala cabeleira de fios claros.

Dana estende uma mão para Mulder.

Ele olha para a face dela, molhada pelas lágrimas.

Ela, com a mão estendida para ele, continua soluçando, mas parece interrogá-lo, com o olhar.

Mulder agacha-se junto dela.

- Mulder... - consegue balbuciar.

- Sim, Scully...?

- Mulder... - suspira, falando entrecortadamente - ... porque ele ... está aqui?

- Porque é seu filho, Scully. Nosso filho.

- Mulder... - ela segura a mão dele, firmemente - ... ele veio ficar... conosco?

- Sim.

Mulder mal pode responder. Também ele está com a voz embargada pela emoção. Nos seus olhos as lágrimas dançam, fazendo-o sentir a visão embaçada.

- Mas... como?

Agora Margareth aproxima-se da filha.

- Dana, certamente não há, neste mundo, alguém que a ame mais do que esse homem que está do seu lado. Ele fez tudo para conseguir isso.

- Isso... o que? O que aconteceu?

- Ele conseguiu retirar William dos seus pais adotivos, com uma Extinção de Adoção.

Dana enxuga os olhos com o dorso da mão, enquanto tenta sorrir para o filho em seu colo.

- Mamãe... e isso... isso é pra sempre?

- Pra sempre, Scully. - antecipa-se Mulder, para explicar.

Dana aperta a mão de Mulder que segura e beija, com carinho.

Ele abaixa-se e a beija na face.. Afaga a cabeça do bebê, sorrindo levemente.
Dana, um pouco refeita da deliciosa surpresa, coloca, agora, o menino de pé em seu colo, observando-lhe a estatura.

- Como ele cresceu, hein filha? - pergunta Maggie.
- Sim, sim! Está lindo! - beija as mãos do bebê e murmura - Graças a Deus!
- Minha filha, jamais devemos esquecer do poder de Deus. Ele, na Sua infinita misericórdia, ajuda a todos aqueles que sofrem, mas sabem que o Seu poder é grande... Dana, nunca esqueça Dele! Creia em Deus!

Dana, com um meneio, concorda com sua mãe. Enxuga, novamente a face.

Mulder, ainda agachado junto a ela, brinca com seu filho, encostando o nariz no dele, o que o faz dar o seu inocente sorriso sem dentes.

- Ah, Mulder... ele está lindo! - diz Scully.
 - E com dois dentinhos despontando. - mostra Maggie, fazendo com que o bebê sorria mais, para mostrar a gengiva.
- Dana aperta-o entre os braços.
- Meu Deus! Por pouco eu não fico louca! - volta-se para Mulder - Mas por que esse sigilo todo, Mulder? Por que?
- Ele levanta-se e caminha um pouco. Passa a mão pelos cabelos.
- Scully, e se não conseguisse o meu objetivo? Tudo é muito complicado pra nós, Scully, você sabe.
 - Sim... - ela concorda.
 - E tenha certeza, Scully, de agora em diante, tudo ficará bem mais complicado nas nossas vidas, mas já não podemos ter nenhuma tristeza para empanar nossos dias. E a vida nos exige ultrapassar todo sacrifício com um sorriso nos lábios. Sempre.

"A vida é um filme e você a estrela. Dê-lhe um final feliz."

Joan Rivers

CONSCIÊNCIA PESADA

"O castigo mais importante do culpado
é nunca ser absolvido pelo tribunal de
sua própria consciência."

Juvenal

Capítulo 157

Dana continua extasiada, mantendo seu filho nos braços, enquanto o beija e o acaricia.
O bebê faz um ar de choro.

- O que será que ele tem, Scully? - pergunta Mulder.

Dana observa William, atentamente. Dirige a palavra à mãe, sem tirar os olhos do bebê em seus braços.

- Mamãe... a que horas ele se alimentou?

- Não se preocupe, Dana. Há uma hora, somente. - sorri - Ele já está comendo sopinhas.

Mulder sorri, também, ouvindo isso.

Dana levanta-se com o bebê no colo e anda pelo aposento.

- O que o meu nenê quer, hein? - sussurra para ele, em voz melosa.

A criança torna-se mais agitada. E choraminga.

Maggie aproxima-se.

- Dana, a senhora Stegall disse que à tarde, a essa hora, ele costuma dormir...

- E hoje está agitado, com tanta novidade... - fala Mulder.

- É verdade, Fox. - confirma Maggie.

Com essas palavras, Dana passa a caminhar com o bebê em seus braços.

E conforme caminha, aperta a criança contra seu peito, enquanto de seus olhos escorrem lágrimas.

Mulder, de pé, apertando olhos com os dedos, medita em quão grande é a emoção de sua amada Scully.

Maggie havia sentado na poltrona, e acompanha, com olhar feliz, os passos da filha dentro do aposento.

- Daqui a pouco tempo você nem mais vai poder carregá-lo no colo, Scully. - comenta Mulder.

Dana pára. Sorri. Olha para Mulder e para sua mãe.

- Mamãe... Mulder... eu estou muito feliz...!

- Sim, filha, eu sei. - ela levanta-se - Dana, sabia que vou ser sua vizinha por algum tempo?

- Sim, mamãe.

- Verdade? Você já sabia?

- Mulder já me havia contado que você viria pra perto de nós, por um tempo e espero que esse tempo seja longo.

- E o que achou da idéia?

- Maravilhosa, mamãe!

- Obrigada, filha.

- Mamãe... ahn... o casal que estava com William... você o viu?

- Não, Scully. - antecipa-se Mulder.

- Bem... eu... pensei que...
- Não, filha. Recebemos William já das mãos da senhora Nancy Stegall, lá da Instituição.
- Entendo.
- Mas posso dizer-lhe uma coisa, Scully. - acrescenta Mulder.
- O quê, Mulder?
- O nosso filho chorava muito quando estava com eles.
- É verdade, Mulder? - está ansiosa.
- É verdade, Dana. - confirma Maggie - A senhora Stegall nos contou essa queixa do casal.
- Estranho, não?
- Nem tanto, Scully. - Mulder fica junto de Dana, afagando a cabecinha de seu filho - William sentiu a diferença da verdadeira mãe para a outra e ...
- Oh, meu Deus! - ela fala chorosa - Eu fiz nosso filho sofrer! - aperta a criança entre os braços - Eu o fiz sofrer, Mulder!
- Não, não se culpe, Scully!
- Como não? Cometi uma perversidade com meu filho! - ela já derrama lágrimas aflitas.
- Não diga isso, Scully!
- Mas eu sei, tenho minha consciência pesada, Mulder! Por que eu fiz isso, meu Deus?!

Margareth, vendo a aflição da filha, aproxima-se:

- Não diga isso, Dana! Nada aconteceu, filha! Ele está bem! Saudável, bem cuidado...!
- Não... ele não está bem! Aliás está bem agora... e depois... mais tarde... isso vai influenciar na vida dele, - volta-se para Mulder - Não é verdade, Mulder?

Dana o interroga com o olhar angustiado.

Mulder não responde.

- Me diz, Mulder... não é verdade o que eu acabo de dizer?
- Mas, por que se martiriza, pensando nisso, Scully?
- Como deixar de pensar nessa frustração que vou causar a meu filho?

Mulder abraça-a, juntamente com o bebê.

- Você tem é que pensar agora que está com William em seus braços e que nunca... nada ou ninguém o tirará de você, nunca mais! E que tudo faremos para compensar na mente e coração dele, que há muito amor em nós e que tudo fizemos para tê-lo de volta.

Dana soluça. William chora.

Maggie pega a criança dos braços de sua mãe, que agora chora, sem cessar.

Mulder procura acalmá-la.

Aos poucos, Dana deixa que o calmo afagar e ternura de Mulder amenizem sua dor e, o choro vai cedendo lugar a uma grande paz.

- Mulder...
- Fala.
- Temos que providenciar umas coisas...
- Sim, já pensei nisso.
- Sabe do que estou falando?
- Sim, Scully. Berço para o William e certas coisas para o uso dele.

Maggie interrompe, para dizer em voz baixa:

- Não se preocupem com roupa. Está tudo aqui, comigo.
- Não, mamãe! - diz Dana - Não quero que ele use mais essas roupas. - volta-se para Mulder - Por favor, me ajuda a comprar outras.

Mulder olha para Maggie. Ambos sorriem. Sabem da necessidade que Dana sente de querer fazer tudo pelo seu filho.

Maggie faz um gesto para Dana e Mulder se aproximarem.

Eles chegam até ela e vêem o semblante inocente de seu filho, adormecido.

- Dorme como um anjo...! - diz Maggie.

Dana agacha-se junto à poltrona onde está sentada sua mãe, com o neto adormecido nos braços.

Mulder afasta-se e vai para o outro quarto.

Dana acaricia, levemente, a face de seu filho, enquanto lhe beija os pequenos pés calçados em meias.

- Mamãe...?

- Sim, Dana?

- Ele já calça sapatinhos de couro?

- É... só de solinha fina. Pra acostumar o pezinho, mas ainda não sabe andar.

Dana coloca a cabeça deitada sobre as pernas de seu filhinho e permanece nessa posição.

Faz-lhe bem aquele aconchego. Sentir a terna quentura da pele tenra de seu filho.

Sai dessa posição e estende os braços para Maggie.

- Mamãe, dê-me ele. Vou levá-lo para a cama.

- Sim, minha filha, claro! Mas olhe aqui o jeito destas poltronas. Elas encostadas uma na outra, improvisam uma boa cama para William. E os braços ajudam para que ele não caia.

- Que idéia boa, mamãe!

- Viu como sei inventar, Dana? É a experiência.

Dana vai até o interruptor de luz e deixa somente acesas as luzes dos apliques nas paredes.

* * *

Mulder está encostado à janela, pensativo. Tem uma caneca de café na mão.

Dana aproxima-se dele, silenciosa. Vagarosamente, vai até ele e abraça-o pela cintura.

- Oi?

- Oi, Scully. Está feliz?

- Ah, Mulder... - nem termina a frase, com emoção na voz.

- Foi uma espera de alguns meses, Scully, mas que valeu a pena... vencemos!

Ela não responde. Suas respostas são pequenas e leves carícias que ela faz no pescoço e peito de Mulder. Isso é uma forma de agradecimento, já que as palavras são incapazes de transmitir toda sua imensa emoção. E essa emoção fôra causada por um grande segredo de Mulder para consigo.

Na verdade, ela até cometera uma falta, que perdoa de todo coração, ainda mais com essa alegria infinda que pode sentir agora.

"Escreve na areia as faltas do teu amigo."

Pitágoras

NO ROTEIRO DE UMA VIDA

“Mulder sentia-se como um ator e o roteiro que precisava já estava escrito nas estrelas, eterno, sem limites e a sua própria vida havia construído o texto.”

Rosa Orofino

Capítulo 158

Dana contempla, embevecida, Mulder que toma o café, vagarosamente.

- Que foi? - ele quer saber, vendo-a a fita-lo.
- Mulder... o que seria de mim sem a sua força... a sua determinação nas coisas que deseja...? Às vezes eu deixo que o medo tome conta de mim...

Ele segura-a por um braço e abre a boca para impedi-la de falar, mas ela coloca os dedos em seus lábios, decidida.

- Não...! Deixa eu falar, Mulder! Eu quero desabafar... quer pôr pra fora isso que guardo... esse medo que tive de não poder ter forças de cuidar do William sem você...
- Não, Scully...
- Espera.... me deixa continuar...! Foi isso que eu senti... uma fraqueza, porque achava que o perigo iria sempre rondar o nosso filho e eu não teria determinação o bastante para enfrentar a tudo e todos, Mulder! Senti-me indefesa... fraca... sofrida... levei à frente todos os meus problemas sem me deixar abater... segui esse caminho com você, porque queria mostrar a mim mesma a minha capacidade para defender as pessoas do perigo, da maldade que ronda este mundo... sabia e sentia que, com a minha capacidade, eu seria capaz de desvendar as coisas sobrenaturais que apareciam à nossa frente... e foi assim que, nesses dez anos segui você, aprendi com você a crer em tudo estranho que nos cerca... discuti com você várias vezes, com ceticismo, o meu ponto de vista amparado pelo meu conhecimento científico, mas depois consegui selar no meu coração essas verdades...
- Sei, Scully... - ele tenta fazê-la calar.
- Ainda não acabei, Mulder... você me ensinou a persistir, a travar uma luta constante com a vida, com os problemas, com o futuro... - ela pára, engole em seco - ... e isso de nada adiantou, porque o meu coração estava no medo que senti pela sua perda... eu não quis lutar, eu não quis dividir com meu filho a força e a inteligência para prosseguirmos em frente, enfrentando todos os perigos, Mulder... eu deixei o meu filho entregue em outras mãos... sem tentar eu mesma livrá-lo de tudo!
- Você quis apenas resguardá-lo da maldade...
- Não, Mulder... eu apenas tive medo... me sinto uma covarde!
- Não pense mais nisso, Scully!

Ele a puxa por um braço. Deposita a caneca que tem na mão sobre uma mesa. Leva Dana até onde está a criança, a dormir.

- O nosso filho agora está aqui, Scully. Está junto de nós. E para sempre. É só nisso que você deverá pensar. No seu filho. Na vida dele, daqui pra frente.

Dana acarinha os tenros cabelos de seu filho, sorrindo, levemente. Abraça-se a Mulder, enquanto contempla o sono da criança.

Afasta-se logo e dobra os joelhos junto às duas poltronas unidas, que estão servindo de berço. Em silêncio, continua ali.

Pega as mãozinhas da criança, uma a uma, olha seus dedinhos pequenos e roliços. Passa a mão no corpinho do bebê vestido apenas numa curta camisa macia e fraldas.

O bebê estremece com seu toque. Mas continua no seu sono; os punhos fechados, as pernas dobradas despojadamente sobre os lençóis que cobrem as poltronas.

Dana continua ali, calada, a contemplá-lo.

- A que horas ele vai comer, Scully?
- Mamãe disse que daqui a mais quarenta e cinco minutos. E ela é que vai fazer a sopinha do Will.
- Mas ele está dormindo!
- Os bebês são iguais a um relógio, Mulder! Não se preocupe. Ele acordará bem na hora!
- Por que não compramos daqueles potinhos prontos?
- Deixa ela fazer como quer, Mulder. É mais natural ele alimentar-se com legumes frescos>.. mas amanhã vamos sair para comprar alguns potinhos no supermercado, não é?
- Certamente que sim. - Mulder sorri.

Faz Dana erguer-se do chão.

- Durante o resto de minha vida eu vou pensar na tolice que fiz. - diz ela.

Mulder a abraça.

- Deixe disso, Scully. Faça como eu disse e viverá bem melhor.
- Quem me garante que isso não trará algum malefício pra ele no futuro?
- Ninguém garante. Mas o amor e o carinho substituem todos os demais defeitos.

Maggie, chega à porta do quarto e permanece ali, parada.

Mulder a vê.

- Chegue aqui, senhora Scully. Venha ver como dorme o seu netinho! - fala, em voz sussurrante, mas em tom que ela o ouça.

Maggie aproxima-se, com ar feliz.

- Viu, Dana, como eu tinha razão? As duas poltronas improvisaram um belo berço!
- De fato, mamãe. Adorei a idéia.

Mulder aperto o braço de Dana, fazendo-a entender que vai afastar-se.

Sai, deixando as duas a conversar.

Ele dirige-se ao outro aposento, onde está a cama de casal. Abre o armário, a fim de procurar uma roupa mais confortável para vestir e, enquanto faz isso, deixa-se levar pelos pensamentos que afluem em sua mente.

Sua vida já fôra toda como num filme, tal qual um drama, onde o desenrolar da trama era sua trajetória, numa infância triste e uma juventude atribulada.

E agora, na maturidade da vida, quando deveria estar com um pouco de paz, esta o esquece, pois o mundo sempre consegue colocar à sua frente o sofrimento, a preocupação.

Assim sendo, na sua passagem por este mundo, ele sente-se como um ator, desempenhando o seu difícil papel, no roteiro de sua própria vida.

A preocupação que toma conta do coração de Dana, também é sua; faz parte também do seu viver.

Mas ele fará com que a mulher amada, mãe de seu filho, seja feliz.

Com amor, compreensão, afeto e carinho, sua criança conseguirá sobrepujar todos os sentimentos negativos que porventura tentarem sobreviver em seu coração.

* * *

Mulder abre os olhos. Estende o braço para tocar o corpo de Dana. Está vazio o lugar. Ele senta-se na cama.

A madrugada está gelada lá fora.

- Scully...?

Momentaneamente esquecera de que Dana agora tem algo mais a que se dedicar.

"Na certa está olhando o bebê." - pensa ele.

Levanta-se. Caminha na direção do outro quarto.

Lá está Dana. Ajoelhada. Quieta. Ante o filho adormecido.

Mulder chega perto e toca-a no ombro.

- Oi! - ela vira-se para olhá-lo.

- Houve alguma coisa?

- Nadinha, Mulder. Apenas a saudade me fez vir ver William. - sorri e levanta-se.

- Perdeu o sono?

- É natural, num dia como o de hoje, não?

- Por certo que sim.

Ambos ficam parados, ali, diante do seu filho.

É Dana quem toma a iniciativa. Segura a mão de Mulder.

- Vem. - encaminha-o para o outro cômodo - Amanhã vamos mesmo comprar umas coisas para o William?

- Sim, vamos.

- E um berço também?

- O que você quiser, lindinha.

- O que eu quiser, mesmo?

- Sim. - ele sorri.

- Uma casinha com varanda e muita grama verde em toda a volta...?

- De onde se pode ver o nascer do sol...

- ... ou o poente? - ela ri, discretamente e agarra-o pelo pescoço, beijando-o, com ardor - Estou brincando... só quero mesmo é te amar...!

"Amar é mudar a alma de casa."

Mario Quintana

Nota : À minha grande amiga Rosa Orofino eu agradeço a colaboração de suas belas palavras no pensamento que faz parte deste Capítulo.

EM MEIO ÀS NUVENS NEGRAS

"Jamais se desespere em meio às mais sombrias
aflições de sua vida, pois das nuvens mais negras
cai água límpida e fecunda."
Provérbio Chinês

Capítulo 159

O bebê está excitado. Seus olhos buscam encontrar nos rostos das pessoas que lhe cercam, algo familiar. Isto não lhe é possível; então pula sobre as pernas de quem o segura, fica agitado. Não chora, porém.

Mulder o toma nos braços, encosta seus pés no chão e ele faz movimentos de que vai andar.

- Olha, Scully!

Com mais alguns segundos, ele começa a dar os primeiros passos, amparado pelas mãos do pai.

- Ah, meu Deus! - ela sorri e chora, ao mesmo tempo, enquanto leva as mãos às faces.

Maggie sorri, também, feliz com a cena que pode ver.

Mulder coloca William sentado na poltrona.

- Não, Mulder! - Scully alerta-o, vendo o que está fazendo.

- O que foi? - surpreende-se.

- Ele vai cair, claro! - ela o coloca sentado no chão.

Maggie chega mais perto, para vigiá-lo.

- Gente, vocês chegaram das compras agora. Vão se arrumar para o almoço! Eu tomo conta dele.

- Obrigada, mamãe. - diz Dana, satisfeita.

Mulder havia se afastado. Retorna com um pequeno embrulho. Abre-o, retira de dentro do papel um par de pequenas luvas. Calça-as nas mãozinhas de William.

Maggie está distraída, olhando para Dana, que ajeita certos objetos sobre a pequena mesa.

Mulder, após seu feito, pára, a fim de apreciar seu filho. Com as mãozinhas enluvadas, o bebê arrasta-se pelo chão, usando a barriga encostada no assoalho.

As mãos enluvadas escorregam no chão liso e ele desaba, mas reergue-se, novamente.

Em dado momento, o olhar de Dana passa para o seu filho, no chão.

Mulder aprecia, todo satisfeito, a sua obra.

- Mas o que é isso? - Dana exclama.

- O que? - Maggie segue o olhar da filha.

Ambas ficam embasbacadas com a cena.

Dana corre até o bebê. Agacha-se junto dele. Não consegue conter o riso.

- Mas o que é isso, Mulder?

- Eu comprei pra ele, Scully. Para protegê-lo das impurezas do chão.

Ela não consegue fazer cessar o riso.

- Mas o que tem tão engraçado? - protesta ele.

- Ah, Fox... não leve a mal, mas isso é completamente inútil para uma criancinha! - explica Maggie.

- E por que?

- Porque os bebês têm que sentir, com seu tato, o contato com cada coisa que toca, Mulder! Faz parte da natureza humana! - completa Dana, cessando as risadas.

Apesar da dificuldade encontrada, William prossegue, engatinhando aos trancos, caindo, deslizando as mãos pelo assoalho e reerguendo-se novamente, indo em direção da mesa baixa, distante um pouco de seus olhos.

Mulder vai para junto dele, agacha-se, no mesmo momento em que Dana também está imitando seu gesto, o que faz acontecer uma batida da testa de ambos.

- Ai! - queixa-se Dana.
- Oi, Scully! - Mulder esfrega a testa e ri.

Enquanto isso, William, numa das tentativas de engatinhar e seguir em frente para o seu objetivo, uma bola colorida que está sobre a mesa, suas mãos, mais uma vez, deslizam no chão, fazendo escorregar seu corpo, que desaba achatado no piso, fazendo com que bata o queixo. E isso o faz chorar, irritado.

Dana acode-o e retira dele o par de luvinhas azuis.

- Desculpe, Mulder, mas ele não pode ficar com isso.
- Eu compreendo, Scully. - sorri, sem graça.

O bebê, sentindo-se livre daquele empecilho, prossegue no seu engatinhar sem fim, mais entusiasmado do que nunca.

Alcança o seu objetivo, a bola colorida, e senta-se, deixando desabar as pequenas nádegas no chão. Seu primeiro gesto é levar a bola à boca.

- E aí, Scully? Tira a bola da boca dele!
- Não adianta, Mulder! Crianças conhecem o mundo pela boca. Aprenda essa.
- Ah, mas ele tem que ter noções de higiene desde cedo.
- E nem é o seu caso, Mulder! Durante todo o tempo em que trabalhou, você não só metia o dedo em substâncias estranhas que encontrava, como também provava-as!

Mulder ri, com a afirmativa de Dana.

- Lá isso é verdade. Ele é bem meu filho!

Neste momento, seus olhares concentram-se na cena espetacular que assistem.

William, largando a bola, apoia as rechonchudas mãozinhas na mesa baixa e, fazendo tremendo esforço, ergue-se, ficando de pé, agarrado ao móvel.

- Que coisa linda da mamãe! - grita Dana, entusiasmada.
- Sabidinho da vovó! - ecoa a voz de Maggie.

Mulder corre até ele, pega-o nos braços e cobre de beijos a barriguinha de pele muito clara, que aparece sob a camisa.

O bebê dá entusiasmadas risadas, divertindo-se com os carinhos do pai.

Repentinamente, Dana pára de acompanhar a alegria dos demais. Seu semblante se fecha.

Mulder nota o que está acontecendo com ela. À distância, fica a observa-la, em sua atitude.

Dana continua em luta com sua consciência.

"Quanto tempo fiquei sem acompanhar o desenvolvimento do meu filho... da minha criança... que eu mesma gerei!

Sinto-me como uma estranha usurpadora dos direitos de alguém que cuidou dele com tanto carinho por meses a fio...! Mas não! Que tola eu sou em pensar nisso! Eu agora só tenho é que agradecer a Deus ter o amor de Mulder, que fez acontecer essa grande felicidade. Eu estou feliz! Eu tenho que estar feliz! Tenho que esquecer os caminhos pelos quais tive que passar, em meio às nuvens negras do destino. Estou com meu filho, novamente! Graças a Deus!"

E, num átomo de tempo, um largo sorriso reaparece em seu, agora, desanuviado semblante.

Mulder, por sua vez, sente-se menos temeroso de rever o sofrimento de Dana. Sabe que, se ela, por momentos pára, a fim de relembrar maus pensamentos, tem forças suficientes de, no mesmo instante, expulsar de seu coração as idéias negativas que possam surgir.

E a criança continua esperta, agitando-se nos braços de Mulder, que a recoloca sentada no chão, novamente.

William reinicia a brincadeira com a bola. Pára, por instantes, tenta agarrá-la com os dois braços, tenta mordê-la, sem conseguir, no entanto, pois a mesma se lhe escapa das mãos.

Ele engatinha e a persegue. E quanto mais tenta segura-la, mais ela rola pelo chão, fugindo de seu alcance.

O bebê pára. Olha para as três pessoas que o contemplam. Embevecidos.

Mostra as gengivas com os sinais dos dentinhos superiores que vão despontar, num largo sorriso, que faz derreter de emoção os três que estão ali, junto a ele.

Seus lábios movimentam-se, como se quisesse transmitir alguma palavra àqueles entes queridos diante dele.

Começa a piscar os olhos, ininterruptamente, olhando sempre para os pais e a avó.

- Por que ele fica assim, Scully? - fala Mulder, rindo da expressão engraçada do menino.
- São pequenas coisas que ele está aprendendo, para formação da sua personalidade. - ela responde, com ar feliz, sentando-se no chão, ao lado do filho.

Maggie faz um gesto para Dana.

- Eu já vou, filha. Mais tarde eu volto, para dar banho no Will. Mas deixa que eu quero fazer isso, tá? - faz uma pausa e sorri - Olha, eu vou levar a banheira dele para o meu apartamento. Deixa...?

Dana fita a mãe, sorridente.

- Sim, mamãe, sem problemas.

"No momento em que você tem seus próprios filhos, perdoa tudo a seus pais."

Susan Hill

PERSISTÊNCIA

"A persistência é irmã da excelência. Uma é questão de qualidade; a outra, questão de tempo."

Marabel Morgan

Capítulo 160

Mulder surge à porta com o grande embrulho em seus braços.

Ao entrar, o pequeno William lança seu olhar de admiração sobre ele e o enorme pacote.

Agita os braços, em sinal de satisfação.

Dana, que lhe ajeita a fralda, ergue o olhar também em sua direção.

- Que foi, filhinho? - vê que o bebê está mirando - Ah, o papai que chegou, não é?

Mulder aproxima-se, deposita o grande embrulho no chão e faz menção, com as mãos, de que vai pegá-lo no colo.

O pequeno agita, mais uma vez os braços, num murmúrio ininteligível, o qual significa que ele deseja comunicar-se com seu pai.

Mulder toma-o nos braços. Encaminha-se para a direção do grande pacote em papel brilhante. Coloca o bebê no chão, agacha-se a seu lado e começa a desmanchar o embrulho.

- Scully, olhe só a surpresa! - ele diz, entusiasmado.

Dana presta atenção no que ele está fazendo.

Mulder arranca, com ímpeto e impientemente, o papel que envolve algo que tem a cor amarela.

- Tchan, tchan, tchan, tchan!!! - exclama ele, vibrante de satisfação.

Um enorme, fofo e chamativo cachorro, de grandes orelhas e olhos vivos, aparece diante dos três.

Os olhos de Mulder estão brilhantes.

Os de Dana abrem-se. Admirados e surpresos.

Os olhos do pequeno William apertam-se e, num gesto que faz com a boca, vem acompanhando um longo e alto ruído de choro. E ele abre a boca, chorando, num movimento repulsivo contra o que aparece diante de si. Procura alcançar os braços da mãe.

- O que houve? - pergunta Mulder, admirado, com expressão frustrada no semblante.

Dana ri e toma William nos braços.

- Ele está com medo, Mulder!

- Medo?! Mas ele é tão bacana! - refere-se ao brinquedo.

- Sim, sem dúvida! Mas as criancinhas são assim, nessa idade! Vocês vão ver que, dentro de poucas horas, ele já estará aí, bagunçando com o cachorrão.

Dana e Mulder voltam-se para olhar para Maggie, que fala essa frase, entrando no recinto.

Dana está rindo, ainda. Afaga o bebê, carinhosamente.

Mulder passa a mão nos cabelos. Faz um bico com os lábios.

- Nossa! Eu só queria agradar, com essa presente...!

- E esteja certo de que ele vai curtir muito isso. Ainda mais que é uma fofa poltrona. Que lindo! - fala Maggie.

- Scully, mostra a ele que o cachorrão não é nenhum bicho-papão! - sugere Mulder.

Dana entrega William à sua mãe. Dirige-se até à fofa poltroninha.

- Senta nela, Scully! Você é pequena e dá pra entrar aí! - pede Mulder.

- Vou tentar. - diz ela e senta, ajeitando-se como pode, na poltrona amarela. Dana fica brincando, alisando as patas do cachorro, que fazem os braços da poltrona.
 - Está vendo, filhinho? A mamãe está aqui e o cachorrinho está gostando!
 - Leve ele até lá, senhora Scully. - Mulder pede.
- Maggie vai andando em direção do brinquedo.
- William chora mais. Grita. Agarra-se no pescoço da avó.
- Tá bom, tá bom...! - diz ela e leva-o para distante, no canto oposto do aposento.
 - Deixa, mamãe. Depois ele acostuma. - fala Dana.
 - É clro que ele vai adorar isso, filha! Ele nunca viu um brinquedo assim tão chamativo. Tem que estranhar!
 - Será mesmo? - pergunta Mulder, desconfiado.
 - Não tenha a menor dúvida, Fox! - ela responde, sorrindo e sai do local.
- Mulder senta-se numa cadeira. Cruz os braços sob a nuca, jogando a cabeça para trás.
- Scully, você acha que ele ficará com medo de mim? - tem um ar preocupado.
 - Não seja bobo, Mulder! Isso não vai acontecer! Ele é apenas um bebê!
 - Scully... sim... ele é apenas um bebê e já passou por tantos... - volta a olhar para ela - Scully! - nota-a triste com suas palavras - Scully...! Eu não quis lembrar nada!
- Dana está de pé, mãos cruzadas sob o queixo. Cabeça baixa. Pensativa.
- Ele levanta-se rápido. Caminha em sua direção. Agarra-a pela cintura.
- Vem cá, minha pequena... - beija-a no pescoço - ... não quero que deixe pensamentos tristes pairarem sobre essa linda cabecinha...!
 - Tá. - ela suspira.
- Abraça-o pelo pescoço, fazendo-o abaixar-se um pouco para alcançar sua estatura.
- Mulder... eu estou feliz o tempo todo, agora! Tenho você... tenho William e até minha mãe! O que mais posso querer, Mulder?
 - É assim que se fala, lindinha. Fico feliz por você, viu? Vem cá. - agarra-a mais.

* * *

Mulder, deitado no chão, deixa que o filho, engatinhando, passe por cima de sua barriga. Ele ri. O bebê ri mais. Acha pr demais divertido atravessar para lá e para cá, sobre o corpo do pai.

Dana, junto dele, deitada de lado, um braço segurando a cabeça, aprecia as peripécias de pai e filho.

Dentro de seu ser, sente uma infinita alegria, felicidade; realização.

"Deus é infinitamente misericordioso. - pensa ela - Quanto desespero eu senti... por quanto sofrimento tive que passar, pela ausência de meu filho e agora aqui está ele, junto de nós e para sempre! Obrigada, meu Deus! Eu estou muito feliz. E tudo isso o fruto de uma inigualável persistência por parte do homem que amo!"

- Scully, olha só! - é Mulder murmurando, chamando-lhe a atenção para a cena.

William engatinhara até o cachorro-poltrona. Está parado diante dele. Toca-o com os dedinhos. Parece querer ver a reação que aquele bicharoco pode tomar.

Ele tenta novamente tocá-lo. O cachorro continua lá. Parado. Enormes orelhas caídas.

Olhos vivos. Fitando-o .

O bebê resolve tocá-lo com o pé.

Sem reação aquele grande bicho.

William achega-se mais.

Encosta, novamente, com as pequeninas mãos ainda sem coordenação motora, o grande brinquedo diante de si. Olha-o, de alto a baixo, como que examinando-o . Desvia o olhar para os embevecidos pais, que acompanham cada gesto seu. O pequeno solta uma risada. Aperta as mãozinhas, nervoso. Engatinha, novamente. Encosta mais e mais no cachorrão amarelo.

Enfim, para extrema alegria de Mulder e satisfação de William, este galga a pequena altura da fofa poltrona. E refestela-se nela, sorridente.

Dana quer correr até o filho, cheia de contentamento.

Mulder segura seu braço, impedindo-a .

- Deixa, Scully, ele se sente um herói invencível neste momento... e não é bom que você vá mimá-lo agora.
- Ok. - ela concorda, feliz.

* * *

- Dana, se você soubesse, filha, como estou feliz em estar aqui com vocês...!
- Verdade, mamãe? De coração?
- De todo coração, minha filha. Eu me sinto realizada de ver vocês juntos, com seu filho. Oh, meu Deus! É gratificante pra mim poder ver isso, Dana! E vocês me deixando ficar aqui, junto com vocês... eu nem sei... sinto-me no céu!

Dana pega a xícara que a mãe tem à mão.

- Deixe-me levar isso para a bandeja.

Maggie abaixa a cabeça, pensativa.

Dana percebe.

- O que foi, mamãe?
- Sabe, filha, às vezes, lá no meu quarto, eu paro pra pensar como vai ser criar William aqui dentro desses três compartimentos...?

Dana sorri. Mas lá no fundo do olhar tem um ar entristecido.

- Não pense muito nisso, mamãe. Nós estamos fazendo o possível para ter uma solução. Tire isso de sua cabeça e confie que algo acontecerá e tudo ficará melhor... pra todos nós.

Maggie esboça um sorriso, distendendo os lábios. Com um meneio declara que concorda.

- Filha, eu já vou agora. - olha o relógio - Já estou com bastante sono.
- E precisa descansar. Seu neto já lhe deu muito trabalho hoje.
- Que trabalho o quê, filha! É só cansada da idade mesmo, pode crer... boa noite.
- Boa noite, mamãe.

Maggie sai e bate a porta.

Dana dirige-se ao quarto onde está o berço de William, que dorme tranquilo. Ela aproxima-se. Beija com carinho a pequenina mão do filho, jogada sobre o colchão. Ajeita-lhe as roupinhas. Vai para o outro quarto.

Mulder, deitado na cama, está lendo um livro.

Ela senta-se na beira do colchão, quieta.

Ele deixa o livro cair sobre o peito.

- Oi? Tudo calmo por aí?
- Graças a Deus.

Ele estica o braço para tocá-la.

Ela beija-lhe a pele quente.

- Vou me trocar, Mulder. - abre o armário, para tirar dele uma roupa.

- O que você vai fazer?
- Vestir a minha camisola.
- Pra que?
- Pra quê? Está frio! - ela ri - Já sei o que você vai dizer...
- Que atrapalha.

Ela retira a roupa. Veste a camisola.

Sob os olhares cobiçosos de Mulder. Que coloca o livro sobre a mesinha ao lado da cama.

- Vem logo, lindinha. - fala com sua voz ansiosa, num tom baixo, onde as célebres bolinhas de gude deslizam, ininterruptamente.

Dana apaga a luz central e deixa somente ligado o aplique na parede. Deita-se ao lado dele.

- Tudo calmo. - diz a Mulder, num sussurro.
- Vamos alvoroçar isso tudo agora?
- Vamos. - sussurra nos ouvidos dele.
- Por onde começamos?
- Por aqui. - ela o beija no peito, deslizando os lábios sobre sua pele quente e morena.

Mulder a aperta nos braços e a aconchega mais contra si.

- Eu te amo, Scully.
- Eu te amo, Mulder... muito... muito...!

Mulder toma conta dos lábios e da língua que lhe falam as fascinantes palavras de amor.

E enquanto unem suas bocas num beijo sem fim, as mãos dele passeiam, deslizando docemente sobre o corpo pequeno e frágil que o fascina, que o enche de desejo e que o domina nesse momento de prazer.

Os quadradinhos das vidraças da janela brilham com o reflexo do luar.

O silêncio só é quebrado pelos murmúrios e gemidos do casal no seu ato de amor.

As folhas dos galhos das grandes árvores lá fora, fazem movimentarem-se sombras que, como o luar, se refletem nas vidraças.

Aqui e acolá o piado de um pássaro noturno pode-se ouvir, fazendo eco no espaço.

Sobre a mesinha de cabeceira, o livro aberto, exhibe suas páginas, iluminadas pelo aplique na parede.

"Um livro é um pássaro com mais de cem asas para voar."

Ramon Gomez de La Serna

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXIX

EXCERS PARA SEMPRE

Encontramo-nos, outro dia, nós, um pequeno grupo de eXcers fanáticos, para conversar sobre nosso Seriado do coração, o imorredouro Arquivo-X. E é claro que ele será motivo para muitos e muitos encontros e conversas, ainda. É gratificante saber que, através de Mulder e Scully é que começou nossa amizade. Reconhecer que, por causa deles, todo o Universo X se reúne, só para conversar, pesquisar, analisar tudo que se passa em seus episódios. E isso nos traz um imenso prazer, por sinal.

Talvez pessoas alheias a esse assunto, achem-nos excêntricos, loucos, fanáticos, ou, sei lá, até fora da realidade! Mas, simplesmente, não damos atenção a tais comentários. Seguimos em frente, assistindo os nossos queridos personagens quantas vezes podemos fazê-lo.

No nosso último encontro, concentramo-nos em assistir, atentamente, o último episódio: A Verdade.

E vimos, através dele, como o Chris Carter tem um muito grande poder criativo. Pudemos analisar como o personagem Fox William Mulder é decidido, teimoso, firme em seus propósitos, até o fim.

Tivemos a visão da personagem Dana Katherine Scully, sempre discreta, apaixonada e também firme em seus propósitos de livrar o amado, acatar suas loucas idéias e segui-lo, sem titubear.

Ainda nos cativa assistir os episódios, com certeza! Eu tenho um propósito: de começar a rever todos eles, desde o primeiro - de 1993 - até o último, em 2002. Tenho esse desejo, para continuar minhas escritas sobre esses dois carismáticos personagens. Deles não me afastarei tão cedo. E nem aqueles que fazem parte do meu grupo de amizades eXcer. Também eles estarão atentos a todas as notícias, boatos, novidades que possam surgir por esses meses que virão daqui para a frente, no aguardo do novo filme que, temos certeza, virá. E aguardaremos todos ansiosos, sem nenhuma dúvida.

Está certo. Muitos outros seriados aí exibidos pelo mundo inteiro foram formidavelmente maravilhosos, tiveram seus personagens inigualáveis, enfim cumpriram sua capacidade de agradar o seu mundo de fãs.

Mas, convenhamos, o Arquivo-X tem tudo! Tudo o que pode agradar a gregos e troianos. Ele é completo! E é isso que nos faz amá-lo.

Para nós, shippers, então, será imprescindível rever tudo outra vez. Nos deixar embalar pelas cenas doces e sutilmente românticas entre Mulder e Scully, as quais nunca são sensuais ou pornográficas. Eles nos fazem sonhar, e para os mais velhos, assim como eu, eles nos fazem voltar ao passado de nossa juventude, do primeiro amor, os primeiros arroubos românticos...

É por isso, que o Arquivo-X permanecerá, para sempre, em nossa mente e nosso coração.

Nós, que o pudemos assistir nesses nove anos, podemos considerar que tivemos marcada uma década de ouro dentro de nossas vidas e, mesmo que muitos e muitos problemas ou motivos venham a pretender afastá-lo de nosso pensamento, será difícil, já que ele ficará enraizado dentro de nós, como uma pequena semente que um dia foi plantada e germinou, cresceu, floresceu, murchou, porém permaneceu a sua essência, no âmago de nossos corações.

Excels, seremos, para sempre!

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXX

PARABÉNS!!

Eu não poderia deixar passar essa data sem prestar a minha homenagem à figura importante, amada e querida por todos os eXcers deste mundo, que é o Fox Mulder.

Quem dera eu pudesse estar agora a prestar-lhe uma carinhosa recepção, mostrar-lhe a minha felicidade em poder homenageá-lo com alegria, da melhor forma possível! Mas tenho que me conformar que você é apenas uma ficção, o sonho realizado de um roteirista corajoso e cheio de muita sorte, que é o Chris Carter.

Tenho que me conscientizar que o meu amado personagem vive apenas no meu coração e minha mente; é impalpável; é invisível. É somente visto e tocado pelos meus olhos e mãos imaginários.

Fox Mulder é esse ser fabuloso que, infelizmente, não existe para dar a todos os homens deste mundo o exemplo de um ser belo, bom, honesto, decente, correto, sentimental, sensível, corajoso, desprendido e mais uma dezena de virtudes que o ser humano, infelizmente, não possui.

Se fosse possível, eu faria uma grande festa, juntaria um monte de amigos, e lhe mostraria o quanto é querido e apreciado, por muitas e muitas pessoas.

Mas, como isso é impossível, como não posso sequer escrever-lhe uma cartinha carinhosa, ou enviar um cartão ou ainda, dar-lhe um telefonema de parabéns, entrego somente o meu coração, dizendo que estou muito feliz em lhe conhecer, Fox Mulder!

Desejo muito que sua vida seja plena, junto com o amor da sua vida!

Desejo que possa vencer todas as tramas que lhe perturbam o viver!

Desejo que viva com a sua Dana Scully mil vidas maravilhosas, ainda, embora tudo leve a crer que você não vencerá seus inimigos. Mas saiba que todos nós eXcers estamos com você, Mulder, e torcemos muito mesmo, para que você leve à frente sempre as suas idéias um tanto desconexas de descobertas fantásticas!

Desejo, Fox Mulder, que consiga retomar de mãos estranhas o seu filho amado, pois tenho certeza, essa idéia estará sempre no seu coração de pai sensível.

Desejo, por fim, que você viva ainda muito tempo, enchendo de felicidade e êxtase os corações das mulheres que o admiram e o amam de verdade.

E além de dar-lhe os parabéns pelo seu aniversário de 13 de outubro, também congratulo-me com você por seu nome ser escolhido para estar entre os doze melhores personagens de todos os tempos, naquela pesquisa acontecida por doze críticos de Séries de TV.

Parabéns!!!

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXI

EMOCIONADAS OPINIÕES

Resolvi colocar aqui várias opiniões a respeito do nosso tão apreciado Seriado, ARQUIVO-X.

Uns falam de como se sentem, sabendo que agora a Série terminou e que nunca mais poderão assistir um episódio inédito e que essa certeza lhes traz um grande vazio em suas vidas.

Outros comentam o que essa Série trouxe de bom até nós, marcando uma década importante em nossas vidas e enfatizando que, talvez inconscientemente, o Chris Carter nos ofereceu o melhor, nas personalidades marcantes de seus personagens.

Usando a palavra de cada comentário desses fãs, eu sinto-me gratificada e realizada nesse sentido, pois cada um deles escreveu o que eu mesma poderia dizer a respeito da nossa paixão, que é, que foi e que sempre será o ARQUIVO-X.

Marina - uma das minhas amigas participantes do Grupo Devaneios (SP).

" O ARQUIVO-X sempre foi uma base pra mim, a única base realmente sólida, que não despencava porque sempre "aguentava o peso" e agora essa base não desmoronou, simplesmente acabou.

O que me deixou pior, foi ver o Piloto. Em três horas o começo e o fim da minha base se apresentavam ali à minha frente e isso me chocou de uma forma meio que inesperada.

O episódio em si, não foi maravilhosamente bom e nem terrivelmente ruim. Eu só conseguia pensar que era o máximo que o tio CC poderia nos dar, mas claro, sempre falta. Quem eu, realmente, tenho que elogiar, esquecendo o meu lado fã, é a Gillian, pois eu não tenho palavras pra descrever a atuação dela. Os olhos dela transmitem todo aquele turbilhão de sentimentos, que eu não poderia saber aonde terminava Gillian e começava Scully, e acho que ela nunca se aproximou tanto da sua personagem quanto nesse último episódio. Todos tinham um ar muito melancólico.

O DD estava ótimo também, como eu nunca tinha visto antes.

Enfim, eu acho que agora eu não sei mais o que fazer; eu me sinto flutuando no espaço, sem nada para apoiar meus pés. Acredito que a maioria dos eXcers estejam assim, então podem entender como me sinto.

ARQUIVO-X é imortal, porque o que eu sinto aqui dentro quando eu ouço essa palavra, é um sentimento tão forte, que nunca vai poder morrer.

Apesar disso, eu me sinto perdida como todos estão."

Audrey - também uma de minhas amiguinhas do Grupo Devaneios (RJ)

O ARQUIVO-X não é só uma série pra mim!

Nunca vai ser!

Por pior que, na minha opinião, a série estivesse nessa temporada, o saber que semana que vem eu teria mais um episódio novo, me confortava tanto...!

Poxa, o ARQUIVO-X virou uma base pra mim... aliás, uma das poucas bases que resistiram, depois que tanta coisa aconteceu na minha vida de forma tão rápida, nos últimos quatro anos.

E, no entanto, me encontro aqui na frente de um computador com o mouse estragado, e sobre o qual já descontei metade da minha fúria, frustrada e completamente perdida.

Sim, perdida. Pode parecer imbecilidade, mas a minha base não está mais lá e eu não tenho a MENOR idéia do que fazer!

Sei que, eventualmente, vou superar isso... sei que estou enchendo a paciência falando nisso, mas eu precisava desabafar com alguém, que no final, não fosse dizer "É só uma série!", porque, sinceramente, se mais alguém me disser isso hoje, eu juro que a mato, sem a menor hesitação.

Eu baixei o The Truth pela Internet, mas simplesmente não consegui assistir. Toda vez que tentava, assistia uns cinco minutos e desligava. Talvez, como via de regra de minha vida, quisesse afastar essa idéia da minha cabeça, uma vez que isso mexe profundamente comigo. Mais até do que consigo lidar."

Therezinha - minha amiga, que, como eu, é uma daquelas fanáticas do ARQUIVO-X (SP)

"Tenho a impressão de que, estamos todos nós, ardorosos fãs do ARQUIVO-X, precisando encontrar uma fórmula mágica para manter acesa a chama dessa maravilhosa amizade surgida de uma maneira inesperada, em um simples Seriado de televisão.

Sabemos que, se deixarmos essa coisa linda que existe entre nós esfriar, perderemos tudo o que conseguimos encontrar durante todos esses anos."

Mary Help - a minha jovem amiga lá daquela cidade onde passei grande parte da minha feliz e inesquecível infância (Belém,PA).

"O fim da minha série favorita chegou. E com ele um vazio muito grande se instalou dentro de mim.

Faz mais de uma semana que o episódio "A Verdade" foi exibido e aquela sensação de que alguma coisa está faltando na minha vida, continua. Pensei que tudo isso fosse passar, mas sinto que a coisa não é bem assim. Agora sei que mais do que nunca ARQUIVO-X foi a melhor coisa que apareceu na minha vida.

Como é a vida...! ARQUIVO-X surgiu num momento em que eu estava para decidir o que fazer da vida, que carreira seguir, resumindo, encarar o tão temido vestibular! E agora que a série terminou, estou prestes a sair da Universidade, lutando com o mais terrível bandido: a falta de emprego que assola a nossa sociedade.

Durante todo esse tempo em que acompanhei ARQUIVO-X, descobri o grande valor da

amizade e sei que nunca vou esquecer de todos os amigos que fizeram parte da minha vida, durante esta caminhada.

Agradeço primeiro a Deus pelas alegrias e tristezas e pela oportunidade de assistir ao meu seriado favorito.

Ao CC, pela inteligência e força em criar o maravilhoso mundo do ARQUIVO-X.

Ao DD, que durante nove anos, soube deixar sua marca no seriado, com seu maravilhoso Agente Fox Mulder.

À GA, pela garra que mostrou em personificar a nossa querida Agente Dana Scully.

A todos os outros personagens do ARQUIVO-X.

Agradeço a todos os que se tornaram meus amigos e tantos outros que passaram em minha vida.

Agradeço imensamente a todos.

O seriado acabou, mas o sonho não!"

Cida - mais uma de minhas amiguinhas - sobrinhas do Grupo Devaneios (Alegre,ES).

O fim do ARQUIVO-X.

Esse, com certeza, foi um dos piores dias da minha vida... ver minha série favorita, um pedaço da minha existência, indo embora de mim... e eu nem sabia direito se ficava brava por ter achado injusto o final ou se chorava por saber que só verei os meus Lindinhos novamente juntos daqui a uns dois anos no cinema... Isso foi muito doloroso e ainda o é... só quem amava ARQUIVO-X, como nós, é que sabe que não podemos denomina-lo como uma "seriezinha qualquer".

Silvia Penhalbel - a minha famosa amiga, cronista da Revista SCI-FI News (SP) {crônica transcrita da Coluna do site de Marcio Coelho}

"Depois de The Truth, nunca mais esperaremos ansiosos pelas quartas à noite, desmarcando compromissos, desligando telefones, brigando com a família para fazerem silêncio.

E... sentirei falta de tudo isso, da emoção, das lágrimas, dos risos, da angústia e da ansiedade que os episódios nos causaram todos esses anos.

Mas não lamento o fim. Lamento os motivos que levaram ARQUIVO-X a terminar.

Não lamento ter acompanhado cada episódio, desde o Piloto até o último, sem falhar nenhum.

Dos melhores aos piores, cada um valeu a pena à sua própria maneira; cada episódio tem uma cena, uma fala, uma música, um momento que seja, que estará para sempre na minha lembrança e isso faz ter valido a pena cada segundo que passei diante da televisão."

Marcio Coelho - o meu amigo criador de um dos mais belos e sempre atualizados sites dedicados ao ARQUIVO-X (RJ)

[transcrição do site

publicado em 09.06.02]

"Hoje vai ao ar nos EUA o último episódio do ARQUIVO-X. Último mesmo. Ano que vem

não tem mais, nem no outro, nem nunca mais. Pelo menos até dizerem o contrário. Só que, com certeza, ano que vem não veremos ARQUIVO-X na TV.

Será uma coisa muito estranha para eXcers como eu, que estava acostumado há alguns anos a esperar pela próxima temporada, ler os spoilers, os títulos dos novos episódios, comentar com os amigos as novidades e etc.

ARQUIVO-X faz parte da minha vida e sempre fará. Nada vai mudar isso.

Com Fox Mulder aprendi a ter a mente mais aberta em certos assuntos.

Com Dana Scully aprendi a ser céptico em alguns momentos da minha vida.

Assisti a alguns dos melhores momentos da TV de todos os tempos, assistindo a muitos episódios. Fiz muitas amizades através da paixão pela série. Aprendi que, quanto a ser shipper ou não, isso tanto faz, o que importa é o amor que sentimos por essa série, que mudou as vidas de muitos de nós, e para outros não chegou a tanto, mas pelo menos a série fez essas pessoas passarem por novas experiências.

Vi pessoas fazendo trabalhos sérios sobre ARQUIVO-X, mudando de profissão ou escolhendo uma primeira profissão baseada no que foi aprendido ao assistir o ARQUIVO-X. Outras tomando decisões, pessoas importantes por causa do ARQUIVO-X. Respeito todos por isso.

Episódios me levaram às lágrimas e outros me levaram às gargalhadas. Outros me deixaram completamente transtornado, outros nem tanto. Alguns foram temas de discussão por semanas, até meses. Nenhuma série de televisão me levou a esse nível de envolvimento, e acho difícil que isso aconteça novamente depois do ARQUIVO-X.

Passei por vários momentos emocionantes durante toda minha vida, mas tenho certeza de que o dia 19 de maio de 2002 será mais um deles, mesmo que eu não assista o episódio hoje. Basta saber que lá em cima, nos EUA, eXcers como eu estarão se despedindo da série, emocionados, como estou agora.

Certas pessoas podem ler o que escrevi e pensar: "Esse cara não tá exagerando um pouco, não?"

Pois é, não, não estou. É assim mesmo que me sinto agora e sei que alguns se sentem mais tristes ainda, levam ao limite máximo do sentido de perda da coisa, da saudade e etc. Mas sei também que nossas vidas continuam, graças a Deus, e que a melhor coisa que devemos fazer agora é guardar a série em nossos corações e não deixarmos aquelas amizades para trás. A série continua nos inúmeros sites na Internet, nos livros, nas nossas mentes, no que vai ser passado de pai para filho, de filho para neto e por aí em diante.

ARQUIVO-X nunca vai desaparecer.

Agradeço a toda a equipe da série (criador, elenco, roteiristas, produtores e todo o resto), que durante nove anos envolveu milhões de espectadores no mundo inteiro e mudou a vida de muitos de nós, alguns muito, outros um pouco."

Gisa - mais uma de minhas sobrinhas do Grupo Devaneios (Ponta Grossa,PR)

"Bah, como é bom lembrar de tudo! Até apaga a idéia de que está acabando, é hoje!!!!

Hoje à noite, nos States, acaba!!!

Puxa, tanta coisa... não sei nem o que falar.

Quem diria, esse show, que não era nada no começo, virou uma febre tremenda, com legiões de fãs, nos incluindo nessa lista.

Quem diria, que conheceria tantas pessoas, maravilhosas por sinal, para me ajudarem nessa

minha vida, e quantas coisas boas eu consegui com a ajuda delas, sem nem mesmo saberem disso.

Como é bom se sentir querida! Como diria a Madre Teresa. E tudo isto, devido, sim, devido a ARQUIVO-X.

Pode até parecer bobagem aos olhos de alguns, dar valor a algo que está no final e fica ali, na TV, apenas ao alcance dos olhos. Nada mais...

Entretanto, apenas nós saberemos o que é isto. E isso, ninguém irá nos tirar.

Sempre teremos em nossas mentes a lembrança de coisas maravilhosas, que ninguém pode viver por nós.

São nesses momentos em que pensamos o quanto somos tão incapazes, substituíveis e, ao mesmo tempo, tão especiais e amados. Experiências que ninguém nos tira e ninguém sente. Apenas nós...

Claro, com um pouco de raiva, mas grande amor ao CC, pois, sem ele, não conheceria aos amigos e, podem ter certeza, isso me faria muita falta."

Washington Duchovny - o meu amigo extremamente habilidoso em maravilhosos desenhos (Arapará, MG)

"O ARQUIVO-X é muito mais que uma série de TV. É uma filosofia de vida.

O real e o irreal são tão tênues que, às vezes, é difícil distingui-los. É perfeitamente plausível encontrar com Mulder e Scully pelas ruas, pela vida, pois eles são reais e não apenas personagens caricatas. São pessoas reais, gente de verdade!

Através dos personagens, pudemos ter novamente esperança de que determinados e essenciais valores que nos tornam seres humanos melhores, nunca entrarão em desuso.

O puro e simples amor, a lealdade, a confiança, a amizade, o profissionalismo para consigo, para com os outros, para com a vida, a fé em algo maior do que religiões, o ser humano.

Chris Carter nos brindou, sutil e habilmente, com algo que não víamos há muito tempo, o qual nem ele mesmo tinha noção da dimensão. Algo eterno em nossos corações. Não é modismo, pois levaremos para sempre.

Eu nunca havia dedicado tanto de mim, do meu tempo, recursos e possibilidades quanto ao ARQUIVO-X, Mulder e Scully.

O que me reforça é o fato de eles serem extremamente reais, humanos e não meras peças caricatas ou estereotipadas.

Diferentemente de outros seriados, o ARQUIVO-X trouxe-nos de volta os bons e reais valores, há tanto em desuso e "fora de moda".

O ARQUIVO-X nos trouxe de volta o sentido da amizade, lealdade, fidelidade, companheirismo, coleguismo, do amor verdadeiro

A postura de Dana Scully trouxe de volta o respeito às mulheres que sempre foram obrigadas a relegar e atuar em segundo plano. Pôs as mulheres em nível de igualdade, de competência, de poder e capacidade tanto quanto (ou mais) que os homens."

Jennifer Fearnssaille - a minha estimada amiga que adora o ARQUIVO-X e também as flores (Itajaí, SC)

"Concordo totalmente que a maior importância do ARQUIVO-X foi o retorno dos sentimentos verdadeiros, insinuar ao público e, principalmente, a essa nova geração, que

está perdida por aí e "fica" com um e com outro, o que é o Amor Verdadeiro e por isso não pode haver um bom futuro para nós, e essa humanidade não terá esperança, nessa ausência de valores que assolam nosso mundo."

"Os Devaneios não são só diversão; são parte de um esforço coletivo, talvez até inconsciente, de mudar a superficialidade dos relacionamentos atuais.

Esta é a minha sincera opinião."

Jennifer Fearnssaille

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXII

COMO NOS VELHOS TEMPOS...!

Novembro 2002.

O teatro engalanado resplandece em luzes e em cores.

Grande estréia de uma nova peça.

Ele entrara, muito discretamente, esperando nem ser reconhecido, de pronto. Isso será imprescindível, a fim de salvaguardar a sua vida particular.

Mas, enfim, ali está, realizando um desejo intenso guardado há meses, dentro do seu ser.

As últimas cenas da peça quase nem podem ser assimiladas por ele, tamanha é a sua ansiedade de ver logo tudo ser concluído.

Seu olhar atento dirige-se somente para aquela figura pequena, ágil, bela e suave sobre a dimensão do imenso palco.

Sente seus ouvidos deliciarem-se com a voz que, durante tantos anos, permanecera ao seu alcance, no dia a dia.

Aplausos. Ovação.

Ele parece despertar do seu torpor maravilhado.

As imensas e pesadas cortinas de veludo se fecham. Os aplausos continuam. As cortinas se reabrem, ainda sob os aplausos entusiásticos do público, para em seguida fecharem-se, mais uma vez.

A platéia levanta-se, aos poucos, para sair.

Ele permanece sentado, aguardando, nem sabe o que. Talvez a sua própria reação diante da emoção que o invade neste momento.

Ele fecha os olhos e pensa, por alguns segundos. Está determinado a arriscar e fazer algo importante para si mesmo, porém não pode decidir-se, instantaneamente; há um conflito abalando os alicerces dos seus sentimentos.

Levanta-se, por fim. Ainda a luta interior: deve ir ou não?

Os corredores apinhados fervilham de convidados e atores.

Abraços. Saudações.

Ele deixa passar os primeiros minutos daquela grande euforia.

Aos poucos, vai se perdendo o excesso de pessoas no lugar e diminuindo o som de vozes.

Ele olha para o que tem às mãos. Maravilhosas, úmidas e perfumadas rosas, para simbolizar a beleza e o frescor de quem as vai receber.

Caminha, agora, em passos um pouco menos lentos.

À sua frente está a porta de um dos camarins principais da casa de espetáculos.

Bate com os nós dos dedos na madeira ornamentada.

A porta é aberta por uma mulher de olhar enfadado.

Pois não?

Deixa entrar, por favor! - diz uma voz feminina, lá de dentro daquele recinto

Entre, então, por favor! - diz a mulher, que, logo em seguida, sai do camarim.

A atriz está desfazendo um pouco a maquilagem. Acabara de usar um creme de limpeza para retirar a pintura da face. Passa, agora, levemente, por sobre os lábios, um lenço de papel.

Olá!

Ela volta-se para ver quem a cumprimenta. E não esconde sua surpresa.

David! É você?!

Acho que ainda sou. - ele brinca.

Ela corre a abraçá-lo.

Como nos velhos tempos...! - diz, eufórica.

Ahn, ahn. - ele confirma, absorto, com o olhar pousado sobre o dela, após afastarem-se do abraço.

Alguns segundos de silêncio.

O profundo e calmo mar azul dos olhos dela une-se à verde campina de um dia ensolarado dos olhos dele.

Ela esboça um sorriso, que, aos poucos, transforma-se numa risada cristalina.

Ai, David, estou feliz porque veio até aqui!

Não mais do que eu.

Ela vai dando um passo, para afastar-se dele, mas este segura-lhe a mão, impedindo-a

Ela pega as flores da mão dele. Encosta o ramalhete ao coração, que bate descompassadamente, neste momento.

Oi? - ele fala, num murmúrio, com um leve sorriso

Oi. - ela responde, baixinho.

Sem palavras para pronunciarem. Os olhares continuam fixos um no outro, deslumbrados pelo reencontro.

Espera. - ela pede e afasta-se, enquanto ele continua agarrado à sua mão pequena e branca.

Ela chega até o extenso toucador e coloca sobre ele o buquê de rosas. Logo vai até a porta, girando a chave na fechadura.

Cautelosa...! - ele murmura.

Hum, hum. - ela confirma, sorridente.

E, num ímpeto, lança nos braços dele a sua pequenez, agarrando-o, com os braços enlaçados em seu pescoço.

Ele procura-lhe a boca, doidamente, ávido e voraz.
Gillian... eu não posso resistir...! – ele murmura.
E nem precisa.! – ela sussurra.

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXIII

FIM DE ANO

Mais um final de ano.

Mais um período de festas, alegrias, prazeres.

Num círculo vicioso, o tempo vai e retorna.

E nós, pela infinita misericórdia de Deus, ainda podemos usufruir desse vai-e-vem incessante do tempo. É, então, necessário que nos consideremos felizes, seja em que circunstância for.

Pois é assim, conclamando esse modo de pensar, que venho até aqui, para desejar a vocês, amigos, um ano vindouro repleto de sonhos e realizações.

Que seus desejos não acontecidos por todo este ano que vivemos, sejam solucionados agora nesse 2003 que se aproxima.

Esqueçamos, por enquanto, nesta época festiva, as dificuldades e tristezas pelos quais tenhamos passado e dediquemos nosso precioso tempo a fazer projetos futuros, realizações de ideais.

E nesses projetos para os tempos que virão, dediquemos alguns momentos de nossas vidas àquelas coisas que agradam ao nosso coração. E tenho certeza que, entre os eXcers, nada há que se compare a rever um episódio do Arquivo-X numa fita de vídeo ou num DVD, em momentos de tranquilidade.

E por que não?

Para nós, eXcers, somente o fato de poder ver os nossos personagens favoritos, nos encanta de prazer.

Agrada-nos acompanhar as maneiras por vezes rude e outras vezes doces, de Mulder; sua sensibilidade às coisas que não pode definir...

Dá-nos satisfação reparar como Scully sempre reafirma ser céptica e discreta, estando na maioria das vezes a entrar em desacordo com seu parceiro, enquanto seus olhos mostram outros pensamentos...

Mais que tudo isso, porém, nos é emocionante poder confirmar, que todo aquele nosso desejo em imaginá-los amantes foi concretizado, satisfatoriamente, pelo nosso amado Chris Carter.

E é assim, amigos, que, mais uma vez, passando de um ano para outro, estaremos simplesmente nos deliciando com o que tivermos à mão sobre o Arquivo-X.

Muitas dezenas de anos ainda passarão, até que esse Seriado seja totalmente esquecido.

E até lá, emocionados, sempre relembremos que, num dia de setembro de 1993, começou uma nova era em Seriado de TV.

Que só nós tivemos a felicidade de conhecer

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXIV

SONHOS DE UMA NOITE DE NATAL

Uma noite de Melancolia

Parte 1

Wanilda Vale

Na grande árvore de Natal o mundo de luzes em seu eterno piscar em cores, fascina os olhos da criança, que tem dentro deles refletido o brilho de todos aqueles enfeites.

E ela continua, com sua mão esperta e diminuta, arrumando daqui e dali cada bola de aljôfar ou luz, no seu lugar.

Por vezes saltita, ao redor da árvores, com seu jeito brejeiro de menina esperta.

A musiquinha inicia suas notas pingadas, enquanto o pisca-pisca interminável prossegue.

Um grande pacote de presente sob a grande árvore efusivamente colorida, atrai a atenção da garotinha. Ela segura a grande caixa, conforme seus pequenos braços podem agarrar.

Balança o pacote. Está curiosa em ver seu conteúdo.

Alguém entra no recinto. Ela ouve os passos.

- Ei! Piper!

A menina olha, rapidamente, e solta a caixa, após ouvir o chamado.

- Mamãe! Já chegou!?

Corre a abraçar a mãe. Que a enlaça, com calor.

- Por que você estava segurando esse presente?

- Eu?! - fala, em tom de graça.

- Você sim, pequerrucha. Pensa que não vi? Não é pra abrir agora.

- Eu sei, mamãe. Eu só queria ver se alguma coisa balançava dentro!

- Aah! - exclama a mãe, jocosa.

Gillian afasta-se. Vai até um aparador, ver a arrumação de umas taças.

A menina a segue.

- Mãe...?

- O que? - continua mexendo nos cristais.

- Vamos brincar um pouco?

- Agora?! - a mãe a olha, sem ânimo.

- Mas sabe o que é? Mais tarde vai ter visitas aqui e você não vai querer brincar comigo!

A mãe aperta-lhe a rosada bochecha.

- Espertinha a minha gracinha! Vamos lá... de que você quer brincar?

A menina corre, imediatamente, até um canto da grande sala. Volta dali, trazendo uma caixa.

- Vamos vestir minhas bonecas. - fala, satisfeita.

- Tudo bem. - a mãe suspira, conformada; senta-se no chão.

A filha a acompanha no gesto.

Enquanto espalha as dezenas de coloridas roupinhas pelo chão, vai conversando com a mãe.

- A Anne vai vestir esta roupa alinhada aqui, porque ela vai ao teatro.
- HUUuum... tá bom. O que ela vai assistir?
- Ah, aquela peça... - baixa a voz para falar no ouvido da mãe - ... como é mesmo o nome de sua peça?
- Ah não, Piper! Inventa outra, filhinha!

A menina faz um gesto de descaso.

- Está bem. Mas não sei se a Anne vai gostar.

Gillian segura uma outra boneca.

- Mas esta aqui, a amiga dela, não vai junto com ela ao teatro? E então?
- Ah, essa aí? A Brigitte vai gostar, sim.
- A amiga da Anne é francesa?
- É. Ela é francesa. - a menina ri, divertida.

Piper vai arrumando as outras bonecas, colocando-as em cadeirinhas ou em caminhas, ou simplesmente deitadas no chão.

- Olha aqui, mãe. - pega um boneco - Este aqui é o namorado da Anne.
- É mesmo? E ele também vai ao teatro?
- Vai sim. O David gosta de ver artistas no palco.

Neste momento, os pensamentos da mãe desandam num ritmo alucinante.

"Davi, David... ah, meu Deus, quando imagino que mais tarde vou vê-lo, meus sentidos parecem entrar em pânico. Me atormento só de pensar nele... que vai estar tão perto de mim, mas ao mesmo tempo tão distante...!"

- Mamãe, olha! O David vai vestir esta camisa amarela aqui e...
- Não, filha! - pega uma outra peça - Ele deve vestir isto. Ele fica bem de azul.
- É mesmo?! - se espanta - Engraçado, eu nunca notei!
- Ah, mas é porque você não presta atenção.
- Mas se você ainda nem tinha visto estes meus bonecos! - diz em dúvida.

Gillian dá uma risada.

- Tolinha da mamãe. Isso é uma questão de percepção!
- Per... o quê?
- Percepção, filhinha. Notar, perceber, entendeu?
- Ah, entendi.

Piper cessa de falar e olha para a mãe.

- Eu gosto muito do David.

Gillian é tomada de surpresa.

- Gosta mesmo? É... é um lindo boneco!
- Não, mamãe! Falo do seu amigo que trabalhou um bocado de tempo junto com você... ele vem hoje aqui, não vem?
- Sim, filhinha, ele vem.
- E aí vou ficar muito feliz... e você também! - observa-a, com o olhar meigo e inocente.

Novamente é mencionada a existência dele. Para seu incômodo. E para seu pecado.

E os pensamentos retornam para aquele a quem, tempos atrás, tinha entregue o coração. Até parte de sua vida. Havia tentado ser feliz com ele. Porém não conseguira.

Um profundo suspiro sai de seu peito.

- Mamãe, você está triste? - a garota a toca na face.
- Não, minha filha, imagine! Estou aqui, brincando com você...!

- ... com a Anne, a Brigitte, a Beth, o Jack e o David.
- Sim... o David. - repete, somente o último nome, sem perceber que é o seu subconsciente que está fazendo-a agir assim.

* * *

Ambos prestam atenção ao sono tranquilo da criança, no quarto em penumbra.

- Ela vai sonhar com os anjos. - ela murmura.

Ele ri.

- É... pelo jeito vai ter mesmo lindos sonhos. Ela passou uma noite de Natal empolgante.
- E adorou os presentes que você trouxe para ela.

Ele segura a mão dela.

- Eu queria poder dar de presente a felicidade pra você.
- Já me deu, estando aqui comigo, mesmo por tão pouco tempo.
- Gillian, eu quero que você saiba que, se vim até aqui, foi porque desejei e não, simplesmente, pra incentivar uma amiga em seu maravilhoso desempenho no teatro.

Ela o fita com brilho nos alegres olhos azuis, que trazem bem lá no fundo uma extrema melancolia.

- David, eu não quero que você se sinta obrigado a nada!

Ele a puxa por um braço para saírem do quarto da garota.

- O que lhe acabei de explicar? Você não entendeu?
- Sim, entendi. Mas eu preciso...
- Do que você precisa?

Ele a segura pelos ombros, fazendo-a encará-lo.

- Preciso de muita paz, David, pra prosseguir o meu trabalho, sem atropelos.
- Você não gostou porque eu vim até aqui?
- Não! Não! Não é isso!

Ela sente desejos de atirar-se nos braços dele e cobri-lo de beijos. Aspira, com sofreguidão o perfume que vem dele, que a estonteia, lhe dá intenso prazer.

- Ai, meu Deus! - sussurra.
- O que foi?
- O seu cheiro é ... gostoso demais...! - faz uma pausa - David...?
- O que?
- Que perfume é esse que você usa?
- Este é o meu odor característico.

Ela dá uma risada, divertida.

Ele, com seu olhar perscrutador, procura desvendar os mistérios insondáveis dos pensamentos dela. Que, na verdade, nem são tão insondáveis assim. Estão à mostra, certamente.

Ela mantém-se, porém, firme e decididamente controlada, para não deixar-se cair nos braços quentes dele.

- Eu sinto que há uma certa resistência de sua parte! - ele protesta, sentindo-a um pouco arisca..

Ela lhe sorri abertamente. Os olhos brilham.

- Como você se engana...! Eu estou vibrando por vê-lo aqui, tão perto de mim... mas... e depois?
- Depois...?
- Sim... só restará a distância, a solidão, a tristeza, a saudade.

- Mas não será sempre assim! Nós teremos nossa chance de ...
- ... sermos felizes, vivermos juntos? Você acha mesmo? E a quanto tempo já tentamos isso?
- Gillian, eu sou um covarde! - fala, em tom de queixa.
- Por favor, David, não se considere assim. - faz uma pausa, olhando para suas próprias mãos - Mas hoje, neste final de Natal, eu quero ganhar de presente um pouco de paz, de sossego. Não quero sofrimento.
- Eu te entendo. - segura as mãos dela.

Permanecem em silêncio por minutos. Cada um entregue a seus próprios pensamentos.

É ele quem quebra o silêncio.

- Gillian...
- Sim? - fita-o, ternamente.
- Eu vou embora agora.
- Obrigada.
- Pelo que?
- Por ter feito minha filha feliz.

Ele sorri. Leva aos lábios as mãos dela, sem deixar de fitá-la, amorosamente.

- Vamos nos despedir assim... tão friamente?

Ela dá uma risada. Beija-o nos lábios, rapidamente.

- Não é assim.
- Não é assim, o quê?
- Não devemos e nem podemos deixar pra lá esse sentimento que nos arrasa.

Ao ouvir essas palavras, os olhos dela enchem-se de lágrimas.

Aproximam os rostos. As bocas. Que pedem uma à outra. E que se unem, então.

Enquanto seus corpos se enlaçam. Numa só paixão.

Ela solta-se, quase em desespero. Sussurra para ele.

- Chega... vá embora.
- Não, ainda...!
- Sim! Nós vivemos vidas diferentes e desiguais, David!

Ele a escuta apenas, agora.

Aos poucos suas mãos se soltam, os corpos separam-se.

Respiração afogueada.

- Vou embora, Gillian.
- Sim, vai. Deve ir. - admite, quase chorando.
- Até quando, não sei.

Ela não retruca.

Desvia dele o olhar. Sorri.

Nos lábios o sorriso aberto.

Nos olhos a profunda melancolia.

FIM

Parte 2

FAN FIC _ Uma Noite mais que Feliz...

AUTORA : GillianDann@

E-MAIL : GillianDann@Hotmail.com.br

DISCLAIMER : Gillian e David não me pertencem, são astros de TV e Cinema, e minhas maiores inspirações... Gillian é meu ídolo, minha musa inspiradora.

CLASSIFICAÇÃO : Shipper , muito shipper... Totalmente Shipper.

SPOILER : Vida atual de Gillian e David, depois de Arquivo X

SINOPSE : Arquivo X acabou... Gillian agora tenta colocar em ordem sua vida profissional e pessoal, e a Noite de Natal parece que vai ser o tempo certo para resolver certos assuntos pessoais pendentes.

OBSERVAÇÕES : Esta Fan Fic foi escrita apenas e somente para os Devaneios, em especial para minha Amiga Tia Wan... e pra você Florzinha... Espero que gostem e se divirtam.



Uma Noite mais que Feliz ♥♥♥

Às vezes me pego em devaneios... Sonhando... Sonhando com o dia em que estaremos finalmente juntos... que não mais haverá barreiras ou distancias entre nós, que estaremos em eterna harmonia e paixão... Sonho com os nossos corpos unidos em uma dança de sedução e prazer... Corpos suados e brilhantes, exibindo a luxúria e a satisfação que só você me proporciona... Queria que estivesse aqui comigo nesse exato momento... Queria poder te abraçar, te beijar e te dizer com todas as letras e sentimentos o que realmente sinto por você ... **EU TE AMO!!!!** E nada pode mudar isso, apesar de tudo, de todos e principalmente... apesar de nós mesmos...



11.50hs... apartamento de Gillian Anderson _ Londres _ 23/12/02

Eu estava muito cansada durante toda essa semana... Foi tudo muito tumultuado, várias coisas acontecendo ao mesmo tempo... minha nova vida sem o seriado, meu novo apartamento que agora finalmente se encontrava pronto, minha peça em cartaz e graças a DEUS fazendo muito sucesso, horas intermináveis em sessões de fotos e entrevista para jornais, revistas e TV... Em meu pouco tempo de folga, eu me dedico totalmente a adaptar um romance para cinema, que pretendo ano que vem dirigir e talvez até atuar... e estou lendo roteiros de filmes que me foram enviados, mas não sei se no momento minha inclinação seja cinema... acho que na verdade eu gostaria de atuar em uma nova peça e descansar um pouco... No momento minha vida profissional é a única a me ocupar quase que 24 horas por dia... não tenho tempo para romances ou paqueras, e a quase seis meses estou sozinha... Ainda não sei dizer se foi minha escolha ou uma forma de me dar por completo aos meus projetos, o que sei é que por mais que tento negar, só uma verdade existe... Me sinto SÓ... Terrivelmente SÓ.

_ Gill? Está acordada? (Minha mãe sempre é a primeira a entrar em meu quarto pela manhã, quando Piper não está... Pois normalmente é Piper quem me acorda com um beijo, gosto de acordar assim.)

_ Sim... Eu acho que dormi um pouco de mais! (Acabei achando graça dessa minha indulgência... raramente acordo tarde, e nunca tão tarde assim...) Porque não me acordou antes mãe?

_ Você anda muito cansada ultimamente, e afinal de contas está de folga, tem todo direito de descansar mais um pouco... (Ela sempre tenta cuidar de mim, mesmo quando me afasto ou fico agressiva...)

_ Piper ligou? (sempre sinto tanta falta da minha filha quando ela está longe... E agora mesmo ela está com o pai, e na verdade não tenho muita idéia de exatamente onde...isso me deixa insegura.)

_ Não, mas ela disse que ligaria depois das 12.00hs... (Ela olhou o relógio...) Acho que não vai demorar!

_ Vou tomar um banho e descer... (Olhei minha mãe tristemente...) Me chama se ela ligar?

_ Claro querida... eu te chamo! (Ela estava saindo e se virou em minha direção..) Chegaram uns presentes e flores para você, quer que traga para cima?

_ Ah... Não, eu vou descer logo... (pensei por um minuto e respondi..) Pede para colocar no escritório para mim... e... Como está indo os preparativos para a ceia desse Natal? Alguém já confirmou? (Eu parecia meio ansiosa...não sabia exatamente porque, mas isso não era normal em mim...eu nem mesmo sou muito ligada nessa tradição de Natal e ceia... era como um pressentimento ... e eu não tinha certeza se era alguma coisa boa ou má.)

_ Sim, praticamente todos já ligaram e confirmaram presença... eu acho que da lista que fizemos apenas umas quatro pessoas não virão... (Ela disse abrindo a porta e se preparando para sair...) Te espero lá em baixo então querida!

_ É... eu não vou demorar... (entrei no banheiro meio perdida em meus pensamentos...)

Estava imaginando quem seriam essas pessoas que não viriam, mas não perguntei, ia descer e ver a lista de confirmação... Não havia convidado muita gente, não em comparação ao Natal do ano passado, era basicamente minha família, alguns amigos mais chegados e o pessoal da peça... Eu estava meio nostálgica nesta manhã e ansiosa para que tudo fosse perfeito.

Quando finalmente desci, acho que depois de uns trinta ou quarenta minutos, ouvi minha mãe ao telefone e reconheci seu modo de falar... ela estava falando com Piper, tinha certeza absoluta... e corri ao seu encontro.

_ É ela? (estava impaciente, afinal não falava com minha filha a quase dois dias... era uma tortura.)

_ Só um minuto querida, sua mãe está aqui louca pra falar com você... Também te amo querida! Beijos. (Ela me entregou o telefone e nesse momento meu coração disparou...)

_ Piper? (Eu estava com tanta saudade dela... eu queria tanto poder tocar minha garotinha agora... dizer o quanto ela me fazia falta.)

_ Oi mãe... (ela parecia alegre em falar comigo também...) Estou com saudade...queria tanto que estivesse aqui... (não dava pra segurar, eu já estava chorando no telefone...)

_ Também sinto sua falta meu amor... Sinto tanto a sua falta! (Enxuguei as lágrimas e me controlei.) Queria te sentir perto de mim... (respirei fundo e continuei...) Está se divertindo? (agora eu me sentia mais calma, e só de ouvir a voz da minha menininha, eu me sentia revitalizada...)

Acho que conversamos por quase duas horas ao telefone, ela me contou tudo que tinha feito desde que chegou na ilha em que Clyde passava as férias...Ela estava animada e ao mesmo tempo com saudades de mim, e essa informação de certa forma me deixou um pouco aliviada... Queria muito que minha filha se divertisse, mas não queria que ela me esquecesse... Não acho que seja egoísmo querer que minha filha sinta tanto minha falta quanto eu sinto a dela...É uma questão de segurança.

Depois que ela finalmente desligou, eu parecia outra pessoa, estava mais leve e alegre...acho que eu estava brilhando...

Tomei um rápido café da manhã e fui para o escritório, e quase morri de susto... Meu escritório estava abarrotado de flores, rosas e presentes... Eu fiquei um tempo enorme de pé na porta olhando para dentro sem acreditar... era loucura, era coisa de mais... eu levaria todo o dia lendo os cartões e com certeza não daria conta de tudo... Afinal de contas eu estava curiosa, eram de fãs, de amigos? Sentei no sofá perto e comecei a ler ...

Acho que já tinha lido cerca de uns trinta cartões quando um buquê em especial me chamou atenção... Eram minhas flores preferidas, e com um embrulho num tom azul que sempre foi minha cor favorita... fiquei intimamente curiosa sobre esse buquê em particular... peguei o cartão, e alguma coisa aconteceu, eu estava nervosa... nervosa porque? Eu não sabia, só estava ... e de repente aquele pressentimento que tive no quarto mais cedo voltou, e com força total...

Eu parecia uma colegial recebendo flores do namorado... que horror, eu devo mesmo estar muito carente... Eu peguei o cartão que tinha dois corações e um pequeno cupido, e comecei a ler...



Gillian

*Queria ter tido coragem tantas vezes
para te dizer o que sinto...*

*Queria ter te tocado tão fundo que sua
alma jamais esqueceria a minha...*

*Queria que nossas vidas fossem repletas
de alegrias...*

*Queria viver com você, uma eterna
fantasia...*

*Queria acordar ao seu lado todos os dias
de minha vida...*

*Queria que sua boca fosse minha fonte
de vida, seu corpo meu recanto, seu
cheiro meu guia e seus olhos a estensão
de minha alma.*

Te amo... Mais que tudo na vida!

Eu estava completamente eufórica agora... meu coração disparado, minha boca seca, e minhas mãos suavam frio... Meu Deus o que estava acontecendo comigo? Eu nem mesmo sabia quem havia me mandado as flores e o cartão, não tinha assinatura, remetente, nada... Não havia uma pista para eu saber quem tinha me mandado esse cartão, poderia ser de um fã, ou um amigo brincalhão. Mas... no fundo do meu coração, eu sabia que era DELE... Só podia ser ...

Terminei de ler os cartões, e os guardei como sempre em um armário que tenho no escritório destinado a essas causas...mas não aquele cartão... ele veio comigo para meu quarto juntamente com as flores ...as outras foram divididas em vasos e espalhadas pela casa... mas aquelas eram especiais... eram diferentes.

O dia passou totalmente calmo, e sem maiores atribulações... eu saí a tarde para experimentar o meu vestido da noite... estava finalmente pronto, eu mesma o havia desenhado, na verdade eu havia sonhado com ele e sabia que de alguma forma ele era especial...tão especial quanto os sentimentos que eu estava experimentando por todo o dia.

Estava lendo sobre a minha peça em uma revista, uma crítica e algumas opiniões de espectadores, que haviam assistido e pelas críticas gostado da peça, fiquei radiante com os comentários, me sentia feliz por ter conseguido ... Estava totalmente relaxada quando uma nota de rodapé da revista me passou como um raio em meus olhos e percorreu como fogo dentro de mim.

_ ELE a deixou! (Eu falei em voz alta, sem nem mesmo me dar conta...) ELE a deixou!!! (Eu estava estática... não sabia se ria ou chorava, ou se simplesmente esquecia... E daí que ELE a deixou? ELE não me procurou... e talvez nem o faça, não depois da forma como nos separamos... Eu não conseguia parar de pensar ainda mais no cartão e nas flores e agora mais que nunca eu torcia e desejava desesperadamente que fossem DELE...

Pare de sonhar Gillian... a realidade é muito mais complexa que isso... eu tentava desesperadamente me conter e relaxar... Ele não te ligou, não te procurou, nem mesmo foi ver sua peça... ELE te esqueceu, aquele cartão e flores não são DELE... Tem que esquecer, deixar para traz... tem que seguir sua vida e esquecer o passado... ELE não te quer, talvez...talvez ELE nunca a tenha querido de verdade! Eu simplesmente chorei.

Vancouver... 19.35hs - A noite da despedida...

Foi no último dia em que gravamos Arquivo X juntos, nossas cenas finais eram bem tensas, eu estava nervosa com a volta DELE, contracenar novamente com ELE, e pude perceber que ELE também estava... era difícil fingir que tudo estava bem, pois não estava...estávamos nos contendo para não pormos tudo a perder, para não estragarmos esses últimos momentos juntos...

Todo mundo sempre suspeitou que nossa amizade ia além, principalmente os fãs ... mas sempre dizíamos a quem quer que fosse que éramos apenas companheiros de série... agíamos de forma normal e descontraído perto de todos, até mesmo perto da mulher DELE... Não era fácil para mim esconder que o amava, e que tínhamos um caso... Um caso!!! Acho que na verdade não passou disso...

No começo era só uma amizade...eu gostava de estar com ele, e acho que apesar de tentar me ignorar nas gravações, ELE também se sentia assim comigo...Passávamos muitas horas juntos, dentro e fora dos sets de filmagens...na verdade era um lugar estranho para mim, e também para ELE, e só tínhamos um ao outro...

Me casei, fiquei grávida e quase saí da série... Com o tempo minha vida se tornou o inferno... eu não suportava mais aquele tormento...Clyde era ciumento e possessivo, e as vezes um pouco violento, acabei desabafando com ELE... em quem mais eu poderia confiar? Nos envolvemos mais do que o esperado... O tempo parecia que voava e quando dei por mim, eu estava sozinha... Ele se casando... O que estava acontecendo?

ELE se casou com ela... os boatos de que estava havendo algo entre nós tinha que parar... E a forma que ELE achou foi se casar!!! Foi um inferno dentro de outro...Eu não sabia o que fazer, eu o amava e sabia disso agora, e ELE ia se casar.

Nossa relação teve altos e baixos, e sempre imaginei que ELE a iria deixar e viria pra mim de vez...Mas ELE não o fez.... Ela engravidou, eu me afastei DELE... Éramos apenas

colegas agora, nem mesmo amigos éramos mais, eu o evitava... O tempo passou e eu me divertia como podia, com um e outro, as vezes com dois de uma vez...qualquer coisa para me manter ocupada... Tive vários homens maravilhosos na minha vida, mas eu não podia amar...

ELE me procurou no final do sexto ano da série, disse que não agüentava ficar mais tempo longe de mim, que sua vida era um inferno com ela, que ELE me queria ... Disse que havia tomado uma decisão e que deixaria a série, no final da sétima temporada...Eu ainda tinha contrato assinado para uma oitava temporada, e decidi que assim que meu contrato vencesse eu não renovaria novamente... seria livre, Livre para ELE.

Voltamos a nos encontrar, e agora tudo tinha que ser mais cauteloso ainda... Minha vida parecia ter tomado novo ritmo agora, eu estava mais leve, mais calma, muito mais feliz e totalmente em paz...Tinha uma certa magia a minha volta, me sentia especial...Até que a sétima temporada acabou...Como íamos nos ver??? O que ia acontecer agora??? ELE foi embora, mas não antes de me garantir que íamos ficar juntos... E eu acreditei....

Certo, eu fui uma idiota em acreditar que ELE largaria a esposa e ficaria comigo... fui uma idiota por anos... Mas eu o amava... ELE era importante para mim, e eu presumi que eu também o fosse para ELE... Me enganei, e paguei por esse engano.

Estava terminando a minha participação na série, e eu só pensava no momento em que eu o teria em meus braços... Carter me pediu para renovar por mais uma última temporada, mas eu neguei, eu precisava ser livre, precisava mais que tudo DELE... Eu morri por dentro outra vez... Ela estava grávida novamente... grávida DELE!

Assinei contrato para mais dois anos com a FOX, e naquele momento em minha vida, pouca coisa tinha importância... Até que percebi que eu era mais, muito mais que isso tudo que aconteceu em minha vida... Eu tinha aprendido a me defender, tinha conhecido gente importante, gente especial, e o mais importante de tudo, eu tinha uma filha...Piper, minha bonequinha linda, que só me dava alegrias...Foi aí que entendi que apesar de amar aquele homem, ELE não era para mim...Isso não era um conto de fadas, ELE não era o príncipe encantado...mas eu ainda poderia ser a princesa no meu próprio conto de fadas... E eu o procurei.

Não sabia exatamente o que dizer, por isso fui direto ao ponto... Disse que não queria mais que ELE me procurasse, que tudo havia passado e que eu estava vivendo um novo momento em minha vida... Disse que ELE devia cuidar bem da esposa e dos filhos e que se algum dia agente ficasse frente a frente de novo, que ELE deveria me tratar apenas como uma conhecida e nada mais... Que eu na verdade não o amava mais e nem sabia se algum dia o havia amado... ELE me olhou como se não me conhecesse e me segurou firme em meus braços me puxando para ELE... Me beijou, e eu senti que ia desabar... E então, não sei como, eu o empurrei, e me afastei dizendo Adeus... Não sei de onde tirei forças para isso, mas eu fiz... Eu o ignorei... por alguns minutos eu não me senti indefesa ou submissa, e o afastei... Acho que para sempre.

Depois disso nossa relação foi apenas comercial, nada de toques além do necessário, nada de contato além do profissional... foi tudo muito prático e frio desde então.

LINGER

If you, if you could return
Don't let it burn, don't let it fade
I'm sure I'm not being rude
But it's just your attitude
It's tearing me apart
It's ruining everything
I swore, I swore I would be true
And honey so did you
So why were you holding her hand
Is that the way we stand
Were you lying all the time
Was it just a game to you
But I'm in so deep
You know I'm such a fool for you
You got me wrapped around your finger
Do you have to let it linger
Do you have to, do you have to let it linger
Oh, I thought the world of you
I thought nothing could go wrong
But I was wrong, but I was wrong
If you, if you could get by
Trying not to lie
Things wouldn't be so confused
And I wouldn't feel so used
But you always really knew
I just wanna be with you
But I'm in so deep
You know I'm such a fool for you
You got me wrapped around your finger
Do you have to let it linger
Do you have to, do you have to let it linger
Oh, I thought the world of you
I thought nothing could go wrong
But I was wrong, but I was wrong
CRANBERRIES

DEIXA ROLAR

Se você, se você pudesse voltar,
Eu não deixo queimar, eu não deixo apagar.
Tenho certeza de que eu não estou sendo rude,
Mas a sua atitude
está me deixando em pedaços,
Está destruindo tudo.
Eu jurei que seria leal.
Então, amor, por que você fez isso?
Por que você estava segurando a mão dela?
É assim que nós ficamos?
Você estava mentindo todo o tempo.
Foi apenas um jogo para você?
Mas eu estou tão envolvida
Você sabe que eu sou louca por você.
Você me tem em seus dedos.
Oh, você tem que deixar rolar.
Você tem que, você tem que deixar rolar.
Oh, eu achava que era o mundo para você.
Eu achava que nada iria dar errado,
Mas eu estava errada, eu estava errada.
Se você, se você pudesse seguir
Tentando não mentir
As coisas não estariam tão confusas,
E eu não me sentiria tão usada.
Mas você sempre soube realmente
Que eu queria apenas ficar com você.
Mas eu estou tão envolvida
Você sabe que eu sou louca por você.
Você me tem em seus dedos.
Você tem que deixar rolar.
Você tem que, você tem que deixar rolar.
Oh, eu achava que era o mundo para você.
Eu achava que nada iria dar errado,
Mas eu estava errada, eu estava errada
CRANBERRIES

Londres _ 03.50hs _ apartamento de Gillian Anderson. _ 24/12/02

Porque não paro de pensar naquele bendito cartão? Droga... ELE não me procurou mais desde nossa última conversa, porque eu cismei que a droga do cartão é DELE??? Ele se separou da esposa a quase três semanas e nem ao menos me ligou... Depois de tudo que eu disse a ELE, não creio que voltaria a me procurar...nem creio que me olhasse nos olhos novamente ou me dirigisse a palavra...

Bom, como podem ver, minha noite foi uma droga... não consegui dormir, e me sentia meio cansada... Levantei e fui ajudar minha mãe com os preparativos da ceia... Essa seria uma noite memorável, e eu não iria deixar nada estragar isso... Minha vida ia mudar hoje a noite, eu sentia isso... não sabia se era bom ou ruim, mas sabia que algo importante aconteceria hoje.

Piper não estaria comigo no Natal, ela passaria com o pai o Natal e o Ano Novo comigo... Não gostei da idéia, mas não tinha muita escolha, afinal de contas ele era o pai dela e tinha total direito de querer ficar com a filha mais tempo... E apesar de que ele não foi exatamente o marido ideal, eu tinha que admitir que como pai ele era perfeito, doce e carinhoso com ela, sempre disposto a acompanhá-la ou a realizar seus caprichos... Era um pai presente e amigo...Piper merecia isso, e eu não tinha o direito de estragar essa relação, e nem queria isso... Eles se amavam, e de certa forma isso me fazia um grande bem.

Eu estava terminando de selecionar as músicas para a noite, quando minha mãe apareceu no salão com uma caixinha na mão...

_ Gill querida, isso acabou de chegar para você! (Ela estava com um olhar curioso...) Não tem cartão! (Ela ainda me disse se aproximando mais...)

_ Se não tem cartão, como sabe que é para mim? (Eu a questionei com ar de desconfiança, e um leve sorriso maroto...) Está tendo visões e premonições agora mamãe?? (eu sabia que ela ficaria irritada com meu comentário)

_ Não engraçadinha... o entregador disse que era para você! (Falou ajeitando os óculos..) E só me entregou depois que eu disse ser sua mãe...

_ Uhhh... Então deve ser muito importante... (Eu a alcancei e peguei a caixa que estava embrulhada em um papel familiar...alguma coisa me dizia que isso tinha a ver com as flores e o cartão do dia anterior.) Ou Pode ser uma bomba! (tentei me descontraír, tirar a tensão que naquele momento eu comecei a sentir...)

_ Cruzes Menina, parece que gosta de catástrofes!!! (Não pude conter um riso ao ouvir as palavras dela...) Veja logo que droga é isso e o garoto está na sala esperando sua resposta!

_ Resposta? Resposta de que? (Eu é que estava curiosa agora... Aguardando resposta, isso queria dizer que haveria um bilhete dentro do embrulho... Eu rasguei o papel com tanta pressa que mal podia ver o que estava fazendo...)

_ Ei... calma, se tinha um bilhete você com certeza já o rasgou... (Ela ria da minha falta de habilidade...)

_ Engraçadinha Mãe, muito mesmo... (eu estava aflita, será que não dava para ela ver que eu estava demasiadamente nervosa? Droga de papel... eu queria abrir logo, mas o embrulho foi muito bem feito e dificultou minha paciência...)

Eu acabei de rasgar o papel e me deparei com uma caixa de camurça azul, procurei nos pedaços de papel rasgado e não tinha nem sinal de bilhete... Eu então respirei fundo e abri a caixa de uma vez... Gelei ... Eu não conseguia Raciocinar... Não podia tirar os olhos da caixa... era a coisa mais linda que eu já alguma vez vi... Era tão perfeito...delicado e lindo!!!

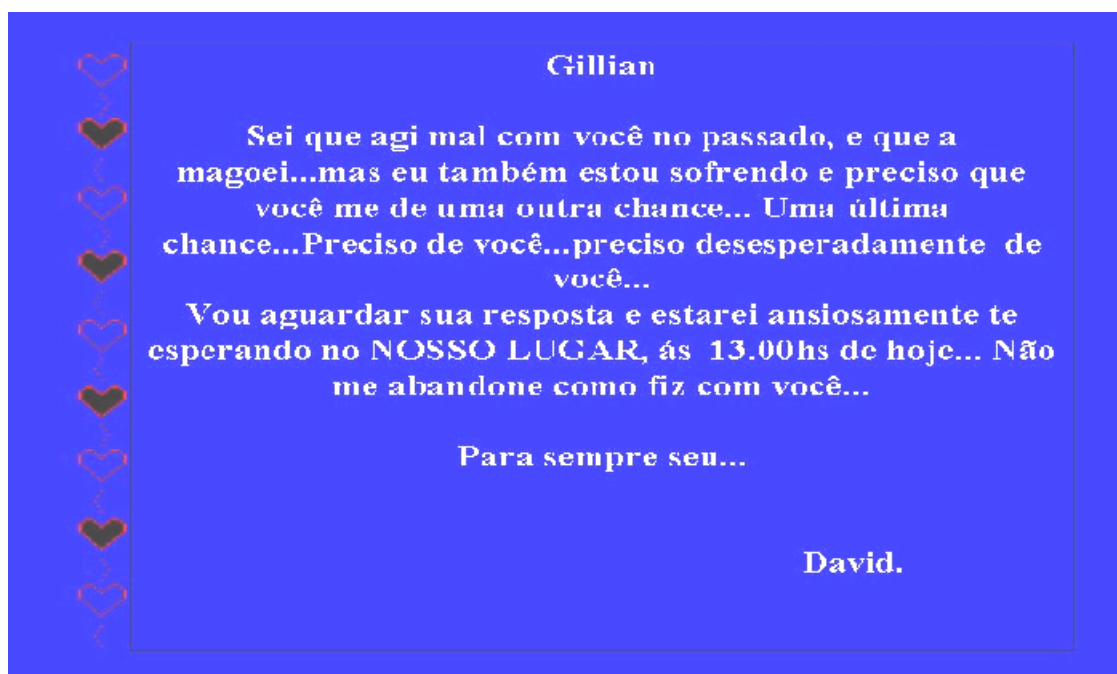
Minha mãe, foi a que primeiro reagiu, sorrindo sem parar e me olhando com insistência... Eu ainda estava sem ação...

_ É lindo!!! (Ela me disse com um suspiro...) Muito lindo mesmo!

_ É... é lindo sim mãe!!! (Eu agora estava de volta a meu corpo, e reagia da forma que podia...)

Era a gargantilha mais linda que eu já tinha visto... era tão suave e tão encantadoramente simples...e perfeita em sua simplicidade... Era toda em ouro trabalhado, com uma única pedra no centro em forma de uma gota, que ficava pendurada por fios retorcidos de ouro... A pedra era uma safira, de um azul tão transparente e brilhante que parecia irreal... E eu me senti embriagada com aquele brilho... me senti especial naquele momento... E um pensamento inundou minha realidade... Quem me mandaria uma jóia dessas ? Deve ter custado uma fortuna, pelo peso dela devia valer uma pequena fortuna mesmo... E foi quando vi o bilhete, ele estava colado parcialmente na tampa por dentro... Eu o peguei e por minutos eu fiquei com medo de abrir...Querida saber quem estava me mandando essa jóia, mas também tinha medo do que eu descobriria... E se fosse realmente ELE., o que eu faria???... ou pior, se não fosse DELE, como eu reagiria??? Medo tomou conta de meu corpo e comecei a ver minha vida em flash na minha frente... Acho que minha mãe percebeu minha aflição, pois saiu da sala e me deixou só com minhas perguntas e dúvidas...

Eu peguei finalmente o bilhete e o abri... respirei fundo e li... devagar e pausadamente para não perder nenhum detalhe...



É ELE... Oh meu Deus... é ELE... e agora??? O que eu vou fazer??? De repente fiquei confusa, insegura... Deus!!! Não fazia idéia do que fazer e de como lidar com isso tudo... Eu o queria ... sim... eu o queria mais que tudo nessa vida, mas ELE não era exatamente o tipo de homem confiável, ELE havia me magoado, me ferido muito no passado, eu tinha sofrido demais e não sabia se estava disposta a passar por tudo aquilo novamente... se tinha forças para me reerguer se tudo fosse novamente apenas uma confusão... medo de estar sozinho, de não agüentar viver só depois do divórcio... ELE poderia estar me usando...

De repente minhas divagações foram abruptamente interrompidas... Minha mãe entrou no salão e tocou meu ombro como se querendo me confortar de algo que ela nem imaginava o que fosse...

_ Gill querida, o garoto está esperando sua resposta! (Ela falou me olhando nos olhos e tentando adivinhar minha dor...) É uma resposta tão difícil assim? (Perguntou enquanto enxugava minhas lágrimas...)

_ É... Na verdade acho que é a mais difícil da minha vida! (Eu falei entre lágrimas e a abracei com força, como se assim eu pudesse me proteger do mundo lá fora...ou do meu próprio coração... Fiquei um tempo assim, protegida nos braços da minha mãe, e resolvi assumir de vez as rédeas do jogo...) Mãe, me faz um favor... ou melhor, dois favores... Diz para o garoto que a resposta é sim... eu vou. (Pausei enquanto pensava na decisão que havia tomado...) E eu vou ter que sair, e provavelmente só voltarei à noite... pode pedir ao Motorista para pegar meu vestido? (Eu estava saindo dos braços dela entre lágrimas e um sorriso tímido...) Preciso resolver de vez por todas a minha vida. (Eu a beijei no rosto e subi escada acima em direção ao meu quarto...)

Eu já havia tomado o primeiro passo, agora era esperar que tudo se resolvesse da melhor maneira possível...Não queria perder a chance de estar novamente com ELE, mesmo que por alguns minutos...mesmo que depois eu nunca mais o tivesse...era um preço que eu estava disposta a pagar para que minha vida tomasse um rumo.

Chegou a hora, e eu estava lá, no horário marcado, no NOSSO LUGAR ... Um lugar especial para nós...Era engraçado como em todo lugar que íamos, havia sempre o NOSSO LUGAR... em Vancouver, em Los Angeles, em Washington, ou mesmo aqui em Londres ... nós tínhamos um flet em cada um desses lugares, e é estranho que durante todo o tempo que ficamos separados, ELE os manteve, não se livrou deles e das recordações que haviam em anos de relacionamento escondido... mesmo depois que eu disse tudo aquilo para ELE, que não o amava, que havia sido um erro terrível, um engano... Acho que eu estava começando a me arrepender de ter vindo a esse lugar... Ele me trazia recordações especiais... E me fazia sentir coisas que eu imaginava ter esquecido ou simplesmente ignorava...

ELE estava atrasado... Fiquei olhando cada pedaço do Flet, cada risco na parede, cada cor , cada móvel ali, tudo estava tão igual, tão absolutamente igual... cada lembrança das nossas tardes de amor, estavam vindo em minha mente...cada detalhe, o toque, os beijos e suspiros, cada cheiro e sons...cada sensação de prazer e dor... Deus...O que diabos eu vim fazer aqui? Essas lembranças estavam me torturando... E ELE estava atrasado.... Talvez ELE tenha desistido... talvez tenha pensado melhor e visto que isso era errado... Talvez ELE não me amasse .

_ Senti sua falta! (Um frio cortou minha espinha e me fez suspirar ... me virei rapidamente ainda com o choque da voz dele em meus ouvidos...)

_ Me assustou! (Foi só o que consegui dizer... ELE estava lindo, ainda mais lindo do que eu podia me lembrar...)

_ Desculpa, eu não queria te assustar.... (ELE me olhava com um misto de medo e desejo...Eu queria saber o que ELE estava pensando naquele exato momento...) Está me esperando a muito tempo? (ELE chegou mais perto de mim e tocou meu braço... Eu instintivamente me afastei.)

_ Tudo bem, eu estava distraída, não te vi chegando... (Eu agora me afastava um pouco andando pelo recinto sem destino ...) Eu Cheguei faz uns 15 minutos... acho que ... (fiz uma pausa confusa) Não sei se foi uma boa idéia ter vindo afinal. (Não sei porque eu disse isso, eu estava confusa e com medo eu acho...)

_ Eu... Gill eu... (ELE não conseguia falar, estava tão confuso quanto eu... Foi aí que percebi que eu é que estava com o controle aqui... eu é que iria decidir o que seria feito... e isso de certa forma me acalmou um pouco.)

_ Desculpa! Eu não queria te magoar, não falei com esse intuito... desculpa! (Eu cheguei perto DELE e peguei em sua mão... Senti que estavam geladas...) Nem te agradei ainda pelas flores e o colar...

_ Você gostou? (ELE sorriu meio animado, e me olhou novamente nos olhos...)

_ Eu adorei, eram minhas flores preferidas... e o colar é magnífico! (Eu o sorri de volta e me sentei no sofá...) Não devia ter feito isso... deve ter custado muito caro! Sabe que não posso ficar com ele! (Eu o incentivei a sentar ao meu lado no sofá...)

_ Por que? (ELE estava confuso novamente... e eu não sabia como explicar meus motivos...) Você não gostou de verdade... disse que gostou para não me magoar! (Parecia perdido em um mundo de dor...)

_ Eu gostei, eu ... na verdade eu amei ! (Olhei em outra direção...não queria encara-lo agora...) Sabe que não é esse o motivo... sabe disso! (eu estava tentando ser realista, não podia aceitar uma jóia tão cara de alguém que havia sido meu amante e que agora nem mesmo era meu amigo...) Sabe que é errado eu aceitar qualquer coisa de você, depois de tudo que aconteceu... entre nós! (Eu estava realmente com dificuldade de me expressar...)

_ Eu só quero acertar as coisas Gill... eu...

_ Gillian! Meu nome é Gillian e não Gill ! (Falei num tom tão severo que assustou até a mim mesma...)

_ Gillian ? Certo ! (Ele engoliu em seco e se afastou passando as mãos pelo cabelo..) Eu realmente ferrei tudo da última vez não é? (Ele virou pra mim abruptamente e me encarou com dor no olhar...) Eu te magoei mais do que imaginava ! (Não disse nada, continuei encarando o chão, evitando o olhar que ELE me lançava...)

_ O que você quer comigo? (Fulminante...fui direto ao ponto sem perder o resto de controle que eu ainda tinha.. ELE me olhava com dúvida... descrente do que estava acontecendo.)

_ Eu... Eu achei que podíamos conversar, podíamos resolver nossos problemas e ... (ELE estava chorando... e eu não fazia idéia do que eu podia fazer...Não podia deixar ELE daquele jeito e também não ousaria me aproximar de mais DELE...) Eu Te Amo !!!! Droga!!!! Eu te Amo !!!! (Eu já não conseguia respirar e minha garganta ficou seca de repente... tinha algo me apertando no peito e eu não conseguia me mexer.... ELE me olhava com lágrimas nos olhos, praticamente me implorando perdão ...)

_ Eu... eu... (realmente agora eu estava perdida... ou eu saia dali rapidamente ou acabaria me jogando nos braços DELE... Respirei fundo e juntando minhas últimas forças...) Eu sinto muito !!! Eu não devia ter vindo ... Eu vou embora... (Falei tão rápido quanto agi, e fui saindo em direção a porta de saída sem ao menos olhar para ELE...)

_ Não !!! (ELE estava agarrando meu braço, eu não conseguia me livrar... não dava pra sair... Ele me puxou pra mais perto e me abraçou... Minhas pernas tremeram e eu estava totalmente sem ação... não conseguia e na verdade eu não queria sair daquele abraço...) Vai me ouvir desta vez... tem que me ouvir... (ELE me pegou e me sentou na poltrona... Eu não sabia o que fazer... estava apática...)

_ Me deixa em paz... Eu já ouvi demais ... (Eu falava e chorava sem pausa...) Já não me magoou o suficiente? O que quer de mim? Porque está fazendo isso comigo? (ELE ajoelhou-se entre minhas pernas, e com carinho enxugou cada lágrima que rolava em meu rosto...)

_ Eu não quero te fazer chorar... (falou enquanto depositava um beijo em minha testa...) Eu quero ser sua alegria ... sua fantasia... sua resposta a todas as perguntas...quero ser seu guardião, seu príncipe e escravo... (ELE beijava com carinho meus olhos e nariz, e faces...) Quero que se sinta protegida ao meu lado, segura, amparada... quero que me olhe com brilho nos olhos, com um sorriso nos lábios...Quero que tenha a certeza que sou seu... só seu e de mais ninguém... quero que cuide de mim, e me dê em seu corpo a moradia que tanto preciso... Quero te Amar... Quero ser amado por você... (ELE agora estava beijando meu queixo e acariciando meu rosto entre suas mãos com os polegares...) Quero acima de tudo, Te dar o respeito que você merece ...Por que eu não consigo mais ficar longe de você... (ELE me olhava enquanto dizia essas palavras, e com o olhar me pedia permissão para ir além... e roçou de leve seus lábios contra os meus...) Eu te amo ... Amo mais que posso agüentar.... (Eu estava nas nuvens, estava sonhando e não queria acordar... E me entreguei àquele beijo e me deixei levar... Eu o queria tanto ... e por tanto tempo... que se dane o mundo!)

Não sei por quanto tempo ficamos naquele sofá, ou de que forma acabamos na cama... não me lembro de ter ido pra lá... as únicas coisas de que me lembro são... Lábios contra lábios...saliva mãos grandes e quentes passeando por todo o meu corpo... me fazendo gemer ... um corpo grande e pesado me cobrindo como uma manta protetora... me levando a loucura... beijos quentes e molhados em todas as partes e lugares... Nós fizemos amor... Mais que isso ... celebramos a vida... Exaltamos a perfeição ... e ficamos abraçados por muito tempo, um apreciando o outro... desfrutando da paz e da alegria de ser amado, desejado...

_ Tenho que ir embora... (eu falei ainda embriagada de prazer... ELE me olhou assustado por um segundo ...)

_ O que houve? Por que quer ir??? (ELE estava confuso... e eu precisava ir, já estava tarde e o festa não tardava a começar...)

_ Não é isso... eu, na verdade não quero ir... (Eu o beijei com carinho e apertei meu corpo contra o DELE...) Hoje a noite é Natal...Eu tenho uma ceia em casa, e tenho convidados... Não posso faltar! (Eu o beijava no queixo e na bochecha...)

_ Não quero que vá... (ELE parecia relutante...) Tenho medo que não volte ...(Me apertou com tanta força que senti como se fosse ser esmagada...)

_ Vem comigo... (Eu o convidei em meio a um sorriso...) Vem e fica comigo... (ELE parecia receoso... Não parecia muito seguro de si mesmo agora... Estava se esquivando aos poucos...) O que? Qual o problema?

_ Gill ... eu ainda estou me separando, eu... (ELE estava escolhendo as palavras... e isso me irritou... eu já havia passado por isso antes... ELE ia fazer de novo... ia me deixar, ia me magoar novamente...) Eu não posso ser visto com você por enquanto... é só um tempinho para tudo se ajustar...

_ Me solta!!! (Eu o encarei com faíscas nos olhos... ELE estava inseguro do que fazer, mas resolveu me soltar...) Eu sabia... eu sabia... (Levantei e comecei a vestir minhas roupas que estavam espalhadas por todos os cantos... não queria olhar para ELE... não acreditava que estava acontecendo tudo de novo...)

_ Gill... Eu te amo, mas não posso te assumir agora ! (ELE tentou achar as palavras certas mas não conseguiu...) Eu sei o que está parecendo... mas desta vez é diferente meu amor... (ELE ainda tentou me abraçar...)

_ Não Toque em mim... (Eu agora estava lívida... totalmente sem expressão...) Eu não vou passar por tudo aquilo de novo... (EU o encarava com uma única e solitária lágrima em meus olhos....) Nunca mais eu vou voltar aquele inferno ... (Eu já tinha decidido, perderia meu amor, mas nunca mais me submeteria aquela fase novamente... era humilhante... ficar implorando por migalhas do homem que se ama... assisti-lo com outra e ficar esperando pelo resto que ele poderia me oferecer... Não, isso nunca mais... Chega!)

_ Eu não entendo... achei que estávamos acertando as coisas... (ELE parecia mesmo confuso...)

_ Nunca mais de novo... Ou você é meu, ou não!!! Não existe mais meio termo, não quero atalhos na minha vida... não quero mentiras ou falsas verdades... (Eu o olhei nos olhos, acariciei seu rosto e cabelo... e terminei...) Agora pra mim é Tudo ou Nada... Você que faz a escolha... (ELE estava de boca aberta com minha atitude, não conseguia uma reação...) Eu te amo !!! Mas me amo também... e não vou me rebaixar nem mesmo por você... (ELE ainda não disse nada, abaixou a cabeça e olhava as mãos em seu colo ...) Eu sinto muito... Achei que seria diferente desta vez.

_ E é ! (ELE ainda não me encarava... eu me sentei novamente na cama ao seu lado e com as duas mãos em seu rosto eu o obriguei a me encarar... seu olhar estava perdido ... distante...)

_ Esqueça o que houve... foi um erro! Eu não devia ter vindo... (Eu o beijei na testa e um rápido beijo nos lábios... levantei e peguei minha bolsa, eu a abri e retirei a caixa do colar...) Toma... eu não posso e não quero aceitar ... É lindo, é a coisa mais linda que já vi...mas não é meu e não tenho o direito de aceitar... Sinto muito... (ELE estava chorando e se recusava a pegar a caixa... eu então coloquei perto dele na cama e me afastei de vagar ... eu o olhei pela última vez e saí...)

_ Gill... Gill !!!! (Eu o ouvi ainda me chamando, mas não voltei, não olhei para traz e não derramei mais nenhuma lágrima... saí de lá com a certeza de que eu havia lhe dado uma última chance... e ELE a recusou... Não era mais sobre mim... era sobre ELE agora... Eu não era tão importante para ELE afinal ... Talvez até me amasse, mas não o suficiente... E eu voltei para casa sozinha...)

Eu estava radiante apesar de tudo... estava feliz por meus amigos estarem ali comemorando comigo e mesmo que uma parte de mim estivesse em dor, eu não deixei que ela me dominasse, que tomasse conta da minha noite... ou da minha vida... Eu havia tomado uma decisão séria a respeito dessa tarde... Eu não iria esquecer, e não iria me torturar com isso, mas eu manteria isso bem aceso em minha mente e em meu coração, para que de outra vez eu não me entregasse tanto ao amor... Seria minha “ Lição para toda a Vida”... Seria como uma cicatriz que se ganha após se ter ferido fundo... E eu já me orgulhava dela...

Mas a minha noite não foi apenas isso... não, eu tive muitas surpresas... uma delas foi um telefonema tarde, quase a meia noite, quase no horário da ceia...

_ Gill querida é para você... (Minha mãe parecia mais animada com a festa do que qualquer outra pessoa... Ela estava realmente exuberante...)

_ Quem é? (Eu perguntei ao me aproximar e ela apenas sorriu para mim... e saiu.) Alô ! (Eu estava ainda no clima da conversa que estava tendo a pouco com um casal muito amigo...)

_ Feliz Natal Mãe !!! (Eu engoli as lágrimas e a surpresa...)

_ Piper? Oh meu amor...Eu achei que não ia falar com você hoje... eu... (respirei fundo novamente e contive a vontade de chorar...)

_ Não vai chorar não é? Não te liguei para te fazer borrar a maquiagem... (Rimos juntas e eu podia sentir que ela também estava disfarçando um choro...) Eu queria ouvir a sua voz... e te desejar um Feliz Natal !!!

_ Eu estou bem... e não borrei a maquiagem, bom, não ainda... (Eu queria tanto poder abraçar minha menininha...) Estou muito feliz que tenha ligado... e eu precisava tanto ouvir sua voz também... (Eu me recompus e respirei fundo...) Feliz Natal minha princesa... Feliz Natal !!!!

O que mais eu poderia esperar para alegrar a minha noite??? Ela já estava perfeita... Uma verdadeira Noite Feliz...mas as surpresas não acabaram... na verdade elas estavam apenas começando...

Voltei ao salão, e desta vez eu podia sentir um sorriso que não saia de meus lábios... Falar com Piper tinha enchido meu coração de luz novamente... era assim que eu me sentia, “ radiante”...

Circulei durante toda a noite dando atenção a cada convidado em particular, cada amigo, cada membro querido de minha família, meus novos colegas de trabalho na peça... meus velhos amigos de AX... Chris estava muito à vontade com a esposa, sempre muito animado e falando sem parar de seus novos projetos... Robert Patrick, também acompanhado da esposa, estava feliz, já havia se entrosado com o pessoal da peça, e deviam estar se divertindo, pois eu podia ouvir as risadas no grupo... Annabeth estava deslumbrante como sempre aliás, sempre armada de seu belo sorriso e sua simpatia cativante, ela encantava a todos com quem conversava, veio sozinha, mas eu duvido que vá embora essa noite

desacompanhada... Ela se tornou nesses últimos anos uma amiga especial para mim, uma pessoa confiável que sabe ouvir e guardar uma confissão...

_ Gillian, preciso falar com você... (Era Terence Davies, diretor de cinema, tive o privilégio de trabalhar com ele em “ Essência da Paixão”... Um diretor admirável...)

_ Oi, e então está se divertindo? (Eu o cumprimentei e fomos andando para um canto mais tranquilo do salão...)

_ Muito, sua festa está perfeita, alegre a bem aconchegante... Confesso que relutei da idéia de vir, mas... agora não me arrependo de ter vindo... (Eu estava feliz com o sucesso da festa, todos pareciam bem à vontade afinal...) Mas o que realmente me trouxe aqui hoje é um assunto mais profissional... Podemos conversar em um lugar mais reservado? (Ele parecia ansioso, e eu definitivamente estava curiosa...)

_ Claro ! Vamos conversar no meu escritório ... (Dizendo saí andando entre os convidados enquanto ele me seguia...) Entre por favor... (Chegamos e logo nos aconchegamos em poltronas próximas...) O que foi? Qual o problema?

_ Na verdade não se trata de um problema, e sim de uma solução... (Ele deu um pequeno sorriso e eu o acompanhei...) bom, em fevereiro vou começar as gravações do novo filme que vou dirigir, e desde que li o roteiro, eu não paro de pensar que você seria perfeita para dar vida a minha personagem principal... (Ele me olhava com certo carinho e admiração...)

_ Eu ? bem, eu não sei... (Relutei a responder, mas entendi que ele merecia minha sinceridade...) Na verdade eu não estava com planos de voltar ao cinema ainda ...eu estava pensando em uma nova peça.... talvez dirigir , mas atuar ... eu confesso que não me passou a idéia ...

_ Não tem que me responder agora... (Ele parecia realmente certo em sua escolha... relutante em desistir...) Deixei o roteiro com sua mãe mais cedo, e queria que você olhasse com carinho... leia e me liga quando decidir ok? (Ele parecia confiante de mais de que eu iria aceitar se lesse o roteiro...) É uma personagem especial Gillian, na verdade uma vilã... muito esperta. (Eu me peguei de repente interessada no que ele tinha a dizer...mais do que eu queria estar... Mas, uma vilã, eu nunca fiz uma...seria uma coisa realmente nova na minha carreira, seria um belo desafio...) Promete que vai ler?

_ Sim, eu prometo que vou ler e ... confesso que agora eu até fiquei curiosa... Nunca fiz um personagem que poderia se dizer vilã, é excitante a idéia... (Ele me sorriu.... e eu tive a nítida impressão de que tinha sido fisgada... pelo jeito eu acabaria mesmo fazendo o filme...) Mas em Fevereiro...não sei ... o mês pode ser o problema...

_ Posso gravar todas as cenas que não exigem sua presença e você começa a sua participação em Abril... O que acha? (Ele estava mesmo disposto a fazer qualquer coisa para me ter na papel... como eu poderia recusar?)

_ Certo ! Vou ler o roteiro e na terça-feira te dou uma resposta! (Eu agora estava considerando muito mais a minha volta ao cinema... mas ainda havia um problema ...)

Você sabe que tenho um contrato assinado com o Chris, para o novo filme de Arquivo X, não é? Isso pode ser um problema, eu não sei quando ele vai começar as filmagens...

_ Sem problema... (Ele estava novamente com aquele sorriso vencedor nos lábios...) Já conversei com o Carter, e ele me garantiu que só começam as gravações a partir do final de Agosto... e até lá ou já terminamos, ou quase...podemos dar um jeito... achar uma solução...

_ Parece que você já havia pensado em tudo! (Não pude conter meu sorriso...) Estou lisonjeada...

_ Preciso muito que aceite fazer esse papel Gillian, não me vem outra atriz à cabeça a meses...tem que ser você... (Ele falou finalmente...)

_ Certo... então eu te ligo na terça ok? (Apertamos as mãos e ele me deu um abraço...)

_ Tenho certeza absoluta de que vai se apaixonar pelo personagem... Ela é especial !!!

Depois daquela conversa eu não conseguia tirar da cabeça a idéia de fazer uma vilã... È, acho que ele me pegou mesmo.. Eu estava ansiosa para ler o roteiro... Mas por hora eu tinha que me concentrar na festa e em meus convidados...

Londres - 23.35hs - 24/12/02

Já estava quase na hora da ceia, e das trocas dos presentes... Eu não pude resistir e fui sorrateiramente até o quarto de Piper, estava tudo arrumado, todos os presentes estavam empilhados em um canto do quarto... Suspirei por um momento... Peguei o pequeno porta retrato que estava em sua cabeceira ... era uma foto não muito recente, acho que ela tinha uns 6 anos na época... eu e ela no jardim, brincando de brigar... eram momentos felizes como este que me dava cada vez mais força para lutar ... me reerguer e sair vencedora de todas as barreiras e decepções pelo qual passei ... Eu deveria ser a força dela, e na verdade era ela que se tornou a minha...

A ceia já estava arrumada na grande mesa que se estendia de um canto ao outro do grande salão... Comidas das mais variadas, saladas, carnes, e uma infinidade de doces e frutas, seguidos de bebidas e grandes arranjos de flores... A mesa estava realmente maravilhosa...era um deleite aos olhos ... Agora faltavam poucos minutos para a meia-noite, e todos caminhavam aos seus respectivos lugares reservados à mesa... Há pouco acabava de tocar o alegre “ Jingle Bells” de The Fireside Singers... e logo começo a minha preferida... “ White Christmas” em coro e orquestra ... Foi quando a campainha tocou... Todos estavam ocupados com os convidados, a ceia e todas as providências a serem tomadas... Minha mãe via a minha direção e eu a parei...

_ Tudo bem mãe, pode voltar, deixa que eu atendo! (Ela me olhava como se para ter certeza...) Vai, devem ser mais flores... (Eu falei saindo divertida com a hipótese de mais flores chegando e com um sorriso iluminado em meu rosto...e foi com esse mesmo sorriso que abri a porta...e meu sorriso se transformou em uma expressão de surpresa... Era ELE... ali parado na minha frente depois de tudo que houve mais cedo... Eu fiquei sem ação por um minuto... Ficamos nos olhando... apenas nos olhando.

_ Hai ! (Finalmente eu consegui dizer alguma coisa...)

_ Hai ! (Ele parecia tão nervoso quanto eu... eu tinha que tomar a iniciativa, tomar os rumos da conversa... sei lá... defender meu coração...protege-lo a qualquer custo.)

_ O que faz aqui ? (Queria demonstrar segurança e indiferença... queria que ELE soubesse que apesar de tudo que houve mais cedo, eu estava muito bem ..)

_ Vim te ver... te desejar Feliz Natal!!! Eu... será que posso entrar ? (ELE parecia um menininho com medo de ser afastado, de ficar sozinho...)

_ Não acho que essa seja uma boa idéia... Tem muita gente aqui, não creio que queira ser visto em público comigo, ou em minha casa... (Eu estava sendo um pouco perversa e muito sarcástica... mas não me importava mais ... tudo que eu queria era que ELE fosse embora, que me deixasse em paz de vez...)

_ Eu sempre consigo te magoar mesmo quando estou tentando acertar as coisas não é? (Eu me afastei um passo como se me preparando para o ataque... eu já não iria ficar mais na defensiva, eu partiria para o ataque sempre agora... me defenderia não me esquivando, mas atacando o inimigo.)

_ O que você pensa, faz ou não faz, já não me incomodam mais... não me afetam ! (Eu tinha agora um olhar frio e decidido...) Vá embora ! (Eu o instiguei...)

_ Não sem antes te dar seu presente de Natal... (ELE estava confiante agora, estava decidido em fazer algo e eu não conseguia imaginar o que ELE tinha em mente...) Vem... (Então pegou meu pulso e me arrastou com ELE salão a dentro... eu tentava me livrar, mas em vão, não tinha força contra ELE... De repente paramos no meio do salão e Ele me soltou... Caminhou até a aparelhagem de som e conversou algo com o DJ... Eu estava estática, não sabia o que ELE pretendia fazer, mas com certeza não seria uma coisa muito inteligente...)

_ Por favor eu queria um minuto da atenção de vocês... (ELE tinha um microfone nas mãos, e agora todos olhavam diretamente para ELE...) Obrigada pela atenção... não vou tomar muito o tempo de vocês, e também já é quase meia-noite... (ELE me olhava com um brilho estranho nos olhos... Eu tinha que fazer alguma coisa, eu tinha de parar aquele palhaçada... o que ELE queria? Acabar com minha festa e minha noite? Me aproximei mais...)

_ O que você acha que está fazendo ? (Eu estava fuzilando de raiva agora...) Vá embora ! (Eu disse quase em grito.)

_ Eu só quero dizer algumas palavras sobre nossa Anfitriã... (Me olhava insistentemente...) Ela está especialmente linda hoje não acham? (Ouve uma ruidosa confirmação da platéia que o ouvia, ELE sorriu... e eu quis voar na garganta DELE...) O que eu tenho a dizer é ... È que essa mulher que vocês estão vendo hoje, linda ... especial... única... Ela é tudo isso e muito mais... Na verdade ela

não existe... (Eu estava curiosa agora, o que ELE estava fazendo afinal?) Ela é um sonho, um doce e maravilhoso sonho.... (ELE estava agora a poucos passos de mim, e eu o encarei desconfiada...) O melhor sonho que já tive em minha vida! Mas eu fui um idiota

egoísta e cafajeste e me afastei desse sonho e paguei caro por esse erro... (ELE fechou os olhos forçando-os como se contendo as lágrimas...) E por ser um idiota, eu vivi muito tempo no inferno de um pesadelo... E hoje eu estou aqui para pedir ... não, para implorar que esse sonho volte pra mim... (Agora ELE estava em lágrimas e eu também... Eu estava maravilhada... ELE decidiu de vez... ia ficar comigo???) Gill... (ELE passou as mãos em meus cabelos e minha face... eu estava sorrindo e chorando agora... não sabia o que fazer, não conseguia parar...) Quero que volte pra mim... Preciso que me aceite de volta... Preciso desesperadamente de você... (ELE estava beijando minha testa e minha face... pegou com carinho meu queixo e me virou para encara-lo ... eu vi amor, desejo e medo naqueles olhos... ELE tinha medo que eu o rejeitasse ... que me afastasse... Então eu senti um roçar suave dos lábios DELE sobre os meus...) Eu Te Amo !!! (E então nos beijamos...)

Acho que deve realmente ter sido um espetáculo e tanto, pois quando finalmente quebramos o beijo e nos afastamos um pouco, todos estavam de pé em frente a mesa e aplaudiam insistentemente... entre sorrisos e assobios ... Eu agora estava completamente iluminada... me sentia inteira, completa, realizada, e desesperadamente feliz... ELE era meu agora, e havia assumido isso perante todos naquele salão... não seríamos mais amantes de ocasião, não haveria mais motivos para nos escondermos... ELE era meu...meu!!!

ELE veio para a mesa junto comigo, e sentou ao meu lado na ceia... Ainda estávamos de mãos dadas e sorrindo como idiotas... e daí... estávamos livres, libertos do medo, das pressões , das cobranças, das mentiras e das falsas verdades... estávamos livres para sermos nós mesmo e para mostrar ao mundo o nosso amor... nosso louco, maravilhoso e infinito amor...

O relógio bateu finalmente Meia-noite... Era Natal... ELE me puxou contra si, e me beijou sem culpa, medo ou constrangimento... Só desejo e amor... Eu era DELE agora... e ELE sabia disso.

A ceia foi perfeita, estava deliciosa... conversas, sorrisos, olhares, todos se divertindo ao máximo e contemplando as suaves música Natalinas que tocavam sem cessar ... Eu me sentia uma princesa de um conto de fadas que tem sua Festa e seu **Príncipe Encantado** após anos de sofrimento e amarguras... Posso dizer agora que nunca me senti assim...

Londres _ 02.35hs _ 25/12/02

Finalmente o último de meus convidados foi embora...todos elogiando minha festa e felizes com a noite e também por mim... Eu estava cansada ... foi um dia muito corrido e uma noite extremamente excitante e surpreendente sem a menor duvida... ELE ainda estava comigo, sempre ao meu lado, não me deixou durante toda a noite... estava tão doce e carinhoso...

_ Bom... acho que está na hora de eu ir também não é? (ELE me implorava com os olhos que eu o pedisse para ficar... mas eu não poderia ... essa era a casa de minha filha, minha família estava toda aqui ...eu não poderia simplesmente convida-lo para minha cama...)

_ È, acho que já é hora... (Eu lhe dei um sorriso, e ELE não escondeu seu desapontamento..) Só vou pegar meu casaco e podemos ir ! (Os olhos DELE se iluminaram de repente... e um sorriso inundou aquele boca linda e tão sensual... Eu sorri maliciosamente...) Não achou sinceramente que eu te deixaria sozinho essa noite não é? Não depois daquela declaração de amor!

ELE me puxou com autoridade, me colando contra seu corpo em quanto me beijava tão profundamente que achei que iria morrer de tanta paixão... Peguei meu casaco e saímos... Fomos para o nosso ninho de amor ...NOSSO LUGAR, que de agora em diante só teria ótimas recordações, momentos memoráveis e queridos... Fizemos amor por toda a madrugada, celebramos nossos corpos e desejos... e dormimos exaustos um nos braços do outro, como muitas vezes aconteceu...mas desta vez era diferente, não tínhamos horários, nem limites para nossa paixão... Agora eu sabia que era real...

Vancouver - 12.35hs - 24/08/03

Voltamos ao ponto de partida... onde tudo começou... onde nosso amor nasceu... estamos filmando Arquivo X, o segundo filme, se depender de mim não será o último... David e Eu estamos aqui a quase uma semana... Eu terminei as gravações do filme de Terence Davies a exatas três semanas, e adorei fazer uma vilã para variar... foi muito divertido, e extremamente excitante ... pena que meu personagem acaba louca em um hospício... foi uma personagem difícil e muito gratificante... Estamos apenas começando as gravações de AX, mas minha agenda de trabalho já está totalmente lotada, acho que para os próximos 4 anos... Tenho peças e roteiros a minha espera, e não sei se vou conseguir dar conta de tudo... David também está muito ocupado... pretendemos reservar uma folga para atuarmos juntos em uma peça ... mas ainda não chegamos ao fundo dessa questão, ainda são planos a serem discutidos...a divergências de suma importância sobre nosso projeto, pois David quer uma peça cômica, uma comédia rasgada...acho até que é mesmo a cara dele ...mas eu gostaria de algo mais clássico, um drama talvez... Tenho uma sensação que esse projeto ainda vai demorar bastante a ser realizado...

Quanto a nossa vida particular... bom, não posso me queixar... David tem se mostrado um amante cada dia mais quente e apaixonado, e um marido extremamente presente e preocupado... Piper o adora...eles se dão muito bem... minha mãe está muito feliz... E eu, bem.. eu estou vivendo o melhor momento de toda a minha vida... Nunca achei que a felicidade poderia ser tão completa em seus muitos momentos... E embora minha vida tenha tido uma guinada de 360°, nesses últimos oito meses, eu jamais poderei esquecer uma noite em particular... uma noite especial de Natal, em que tudo foi fantasia e sonho... **“Uma Noite mais que Feliz”**

A felicidade é apenas um estado de espírito...

Fim???

_ Gill, já te disse que você fica linda lourinha??? (ELE me abraça por traz enquanto não consigo para de rir.. ELE me vira de frente e delicadamente beija meus olhos e nariz... Eu o abraço ainda mais apertado e o beijo com carinho...)

_ Não vou ficar loura muito tempo... (Eu respondo com uma sobrancelha erguida ...olhando para ELE com divertimento...) Daqui a exatamente 45 minutos vão ressuscitar a Dana Scully, e seu cabelo vermelho... (Eu falei meio desapontada... não gosto daquele vermelho... me deixa pálida de mais...)

_ Tudo bem ... Depois de você, a Scully é a minha mulher perfeita... (Ele ainda me beijava e acariciava meus cabelos...meu rosto, minhas costas ...) Acho que desta vez eu me ferrei mesmo... Me apaixonei por duas mulheres e ambas são a mesma. (ELE ergueu minha cabeça e me beijou com mais intensidade...) Eu te amo GillianDana !!! (Não pude conter o riso a forma como ELE me chamou... GillianDana... Gostei, era perfeito!)

_ E eu acho bom você se comportar com nós duas... ou vamos detonar com você ! (Eu o apertava ainda mais contra mim... eu adoro a sensação do corpo dele colado ao meu...)

_ Oh Gata borralheira, está na hora da Cinderela aparecer !!! (Era minha cabeleireira, me apontando a cadeira e a tinta... Eu o beijei mais uma última vez e saí resmungando...)

_ Não se pode nem viver sossegada um conto de fadas nesse País? (ELE bateu em minhas nádegas enquanto me levantava e caminhava para minha sessão de tortura...) Seja bem vinda Dana Scully!!!

The End...

FOREVER

I gotta tell you what I'm feelin' inside,
I could lie to myself, but it's true
There's no denying when I look in your eyes,
Girl I'm out of my head over you
And I lived so long believin' all love is blind
But everything about you is tellin' me this time
It's forever, this time I know and there's no doubt in my mind
Forever, until my life is thru, girl I'll be lovin' you forever
I hear the echo of a promise I made
When you're strong you can stand on your own
But those words grow distant as I look at your face
No, I don't wanna go it alone
I never thought I'd lay my heart on the line

PARA SEMPRE

Eu vou te dizer o que estou sentindo por dentro,
Eu poderia mentir para mim mesmo, mas o que sinto é verdadeiro
Não há como negar quando olho em seus olhos,
Garota, perco minha cabeça ao seu lado
E eu vivi tanto tempo acreditando em tudo, o amor é cego
Mas tudo sobre você está me dizendo desta vez
É para sempre, desta vez eu sei e não há dúvida em minha cabeça
Para sempre, até minha vida acabar, garota, eu te amarei para sempre
Eu ouço o eco de uma promessa que fiz
Quando você está forte, você pode ficar tranquila na sua
Mas estas palavras crescem distantes enquanto olho em seu rosto
Não, eu não quero ir sozinho
Eu nunca pensei que colocaria meu coração na linha do

But everything about you is tellin' me this time
It's forever, this time I know and there's no doubt in my
mind
Forever, until my life is thru, girl I'll be lovin' you forever -
yeah!
I see my future when I look in your eyes
It took your love to make my heart come alive
'Cos I lived my life believin' all love is blind
But everything about you is tellin' me this time
It's forever, this time I know and there's no doubt in my
mind
Forever, until my life is thru, girl I'll be lovin' you forever
It's forever, this time I know and there's no doubt in my
mind
Forever, until my life is thru, girl I'll be lovin' you forever
KISS

telefone
Mas tudo sobre você está me dizendo desta vez
É para sempre, desta vez eu sei e não há dúvida em minha
cabeça
Para sempre, até minha vida acabar, garota, eu te amarei para
sempre
Vejo meu futuro quando olho em seus olhos
Eu peguei o seu amor para fazer meu coração reviver
Porque eu vivi minha vida acreditando em tudo, o amor é
cego
Mas tudo sobre você está me dizendo desta vez
É para sempre, desta vez eu sei e não há dúvida em minha
cabeça
Para sempre, até minha vida acabar, garota, eu te amarei para
sempre
É para sempre, desta vez eu sei e não há dúvida em minha
cabeça
Para sempre, até minha vida acabar, garota, eu te amarei para
sempre
KISS



Feliz Natal Para Todos...

GillianDann@

Tgtf

Parte 3

Audrey Fisher

SOLIDÃO

Solidão.

Uma palavra não muito grande, nem muito pequena, no entanto com um significado imenso. Estar completamente só.. estar completamente só, não importando se é dia, noite.. até mesmo ignorando o fato de que era uma noite de Natal.

Quando teve sua filha, achou q nunca mais sentiria solidão novamente em toda sua vida, mas estava vergonhosamente enganada.

Sua filha não poderia ser sempre sua companhia.. um dia ela iria embora, seguir sua vida.. mesmo que não fosse esse o caso da data, mas era verdade e isso não abandonava sua mente nos últimos dias.

Não poderia se apoiar em Piper para sempre.. e o fato dela passar o natal com o pai esse ano, só afirmava mais uma vez o que ela já sabia.

Mas era tão difícil.. tão difícil esquecer.. tão difícil prosseguir, tentar de novo...!

Achara que com uma mudança radical, poderia esquecer, mas uma vez mais estava enganada..

9 anos de uma vida não desaparecem com uma mudança, nem mesmo se essa mudança incluir uma mudança de continente.

Ela deveria ter aprendido que não se pode fugir dos problemas, muito menos das lembranças..

A noite de Natal estava especialmente fria esse ano.

Para falar a verdade, Londres parecia especialmente fria esse ano, em todos os sentidos.

Londres nunca foi o melhor lugar para se estar no inverno, devido ao clima sombrio que o país tomava.. os índices de suicídios e crimes subia estupidamente, parecendo que acompanhando o ar macabro.

Sentada na janela, observando a neve cair, Gillian sentia aquela sensação de nostalgia misturada com tristeza da solidão natalina tomar conta dela.

Por mais que se dissesse que a solidão na data tinha sido escolha dela, afinal poderia passar com amigos, mesmo não se sentindo tão amiga assim para compartilhar a intimidade da época, não podia deixar de pensar na pessoa que por tantas vezes não conseguia distinguir o q sentia..

algumas vezes raiva profunda, quase atingindo o ódio.. outras um amor tão puro q parecia fazer seu peito inchar de tal maneira q poderia senti-lo explodir.

Secando uma lagrima solitária q desceu pelo seu rosto, ela se levantou, arrumando sua postura, levantando os ombros, em atitude de recomposição. Não ia se abater, não hoje, não agora.

Em passos longos, foi a cozinha, pegando uma taça de vinho tinto, que já estava aberto sobre o balcão.

Deu mais uma olhadela na neve que caia rapido, vendo tambem um casal q corria abraçado pela rua, se abrigando do frio até chegarem ao seu destino.

Sentiu então uma rajada de vento.

No exato momento em q o vento atingiu seu rosto e parte das suas costas, lhe provocando um arrepio de frio, soube que havia algo de errado. Todas as janelas de sua casa estavam fechadas, justamente pelo frio.

Percorreu os aposentos, até localizar, no seu quarto, a janela aberta.

Ao se aproximar, notou que embaixo da janela havia algo que não pertencia ao ambiente.

Levantando o embrulho azul, com um certo receio, abriu-o com cuidado, achando uma Smith 9 mm que reconheceria em qualquer lugar. Era a mesma q usava na época do seriado.

Numa pratica adquirida pela caracterização de seu antigo personagem, verificou que a arma estava carregada, sentindo cada vez mais o medo tomar-lhe conta do corpo.

Tudo que ela não precisava era de algum presente esquisito de um fã maniaco.

Seus sentidos estavam em alerta, e ela pulava a cada ruido.

Então ouviu um barulho real na cozinha.

Sem pensar em ligar para polícia, talvez tomada pelo instinto de seu personagem, saiu pela casa com a arma em punho, andando devagar para a cozinha.

A primeira coisa q viu foi um vulto grande.

Com uma voz tão fria e calma que até mesmo ela ficara surpresa pela falta de emoção, afinal estava tremendo por dentro, disse para o vulto se virar e dar alguns passos para a luz. E ele obedeceu.

Com um copo de vinho tinto na mão, o vulto foi iluminado pela claridade das luzes do corredor. A arma deslizou para o chão, no choque que ela levava ao reconhecê-lo, o homem que tomara seus pensamentos nessa noite.. hm, a quem ela queria enganar? O homem q tomara seus pensamentos nos últimos 9 anos.

Gillian não conseguia formular uma única frase inteira. Sua boca se abria e fechava, soltando alguns gemidos incompreensíveis. Sua mente girava na velocidade da luz. Tantas perguntas e não conseguia pronunciar nenhuma. Começava a se achar um tanto imbecil por isso, de fato.

- Acho q vc quer uma explicação, não?

Gillian apenas confirmou com um balançar de sua cabeça.

- Explicar a história toda levaria horas.. peguei essa arma quando mexi em algumas caixas - disse apontando pra arma no chão - vc a usava.. não sei como foi parar no meio das minhas coisas.. acho q o pessoal da equipe não vai ficar muito feliz de saber que a arma q eles tanto procuravam estava perdida comigo.. bem, isso não tem muita importância.. eu estou aqui porque não consegui ficar longe.

Pronto, estava feito. Sentiu lágrimas enchendo seus olhos no mesmo instante, se sentindo novamente imbecil.

Como ele fazia isso? Tantas brigas, tanta magoa.. e de repente elas viravam nada.

Que diabos ela estava fazendo? Esses pensamentos eram nada! Fazer para depois se arrepender, Gillian..

E foi com esse pensamento q ela completou a distância entre os dois em dois segundos e o abraçou com força. E o beijou também. O beijou com paixão.

Talvez não durasse mais que essa noite.. talvez eles brigassem no dia seguinte e ela chorasse por dias até se recuperar, como havia sido da outra vez.. mas naquele momento não importava.

Naquele momento nada mais importava.

Nem o índice do inverno, nem a solidão.. nem nada.

Apenas estar com ele.. era tudo o que ela queria.

O amanhã viria com suas incertezas.. mas só viria amanhã.

Christmas' Dave

As lembranças daquela sala cenográfica enchem a mente do homem sentado à frente do computador. Afinal a maior parte dos nove anos em que incorporara o agente Mulder do FBI era tempo suficiente para David reter detalhes preciosos daquele período de muito trabalho, compensados pela camaradagem dos colegas de profissão e pelos amigos mais chegados. Se aconteceram desavenças, o tempo tinha arranjado uma forma de apagar e a fama que lhe tirava tanto o direito de ir e vir anonimamente, tinha diminuído depois do fim da série. A família, os filhos, o esporte e novas tentativas de criar outros personagens e roteiros para o cinema ocupavam, agora, as horas do homem que continuava de frente para uma página branca na tela do computador. Dave pode ser admirado como um “Apolo”. Seu corpo perfeito e seus olhos verdes intensos chegam a iluminar a penumbra do quarto onde ele permanece sozinho, absorto em seus pensamentos.

“... Gillian...”

“O que estará ela fazendo neste momento?”

Uma saudade quase palpável enche o cômodo espaçoso e dói um pouco dentro do peito do nosso herói. Lembranças de bons momentos que os dois tinham passado, apesar de todo e qualquer comentário maldoso que pudesse ter magoado a ambos.

“Bem que eu poderia ligar para ela... conversar um pouco. Não, melhor não”

Fora logo em seguida o pensamento de orgulho de quem não quer ser o primeiro a dizer:

“Estou com saudades!”

Tentando sintonizar suas idéias de volta ao roteiro que pretende escrever, David sente sua cabeça rodar. As lembranças das gravações da série estão tão frescas em sua mente que dificultavam seu retorno à realidade. Sonhar com aqueles momentos alegres parecia ser, naquele momento, tão essencial como o ar que ele necessitava para viver.

“Talvez se eu a procurasse para desejar Feliz Natal...”

“Ainda somos amigos...”

David pega no aparelho de telefone e começa a discar um número bem decorado. O ruído de chamada mistura-se com o frio que ele sente a lhe percorrer o estômago, dolorosamente. Uma voz estranha atende do outro lado; Gillian não está em casa; ele deixa um recado curto e desliga.

“Ainda terei que esperar... preciso lhe falar agora!”

Puxa vida! O que está acontecendo?

Se esconder atrás dos olhos verdes de mar; esconder-se de seus próprios pensamentos que preenchiam agora toda a sua mente, entorpecendo seu corpo e fazendo o mundo real desmanchar-se como névoa. Um sentimento mais que sabido lhe enchia o peito lhe dando prazer e angústia ao mesmo tempo.

“Saudade...”

Droga! Está difícil pensar desse jeito...

Porque eu deixei ela escapar de mim...?”

Dave passa as mãos pelos cabelos castanhos, procurando se controlar; controlar aquele sentimento de arrependimento que lhe assolava o espírito. Será que tinha volta? Será que a vida lhe daria uma chance de encontrar novamente a amiga por quem ele sentia tanto carinho? Amiga...

“Você está ficando maluco, David! E a sua família? Seus filhos? ... e a minha felicidade?... Preciso vê-la!

Um toque apenas desliga o computador e deixa o quarto às escuras. Ele veste um agasalho, pega as chaves do carro e sai rapidamente. Tinha que ser desta forma, sem pensar muito; num impulso; imaginando como seria recebido por aquela que tinha sido mais que uma amiga...

A porta da mansão se abre para ele e um empregado lhe convida a entrar. Acompanha-o até uma sala contígua onde Gillian está no topo de uma escada, adornando uma grande árvore de Natal. No chão, encantada com o brilho dos enfeites, Piper observa a mãe com a boca aberta e o pensamento longe. Nenhuma das duas se volta pra recepcionar o visitante que continua olhando a cena como se fosse uma encenação de Natal.

- Posso ajudar?, pergunta David, timidamente.

- David!, exclama Gillian, segurando-se na escada para não cair. Já no chão, ela se dirige até ele; os dois se olham por alguns segundos e se abraçam ante o olhar curioso de Piper.

- O que o traz aqui, Dave?

- Saudades...

Os dois sorriem.

- Porque não vem passar o Natal comigo, David? , pergunta Gillian com um sorriso maroto.
 - Não me convide duas vezes...
 - Você está linda!, diz David, olhando fixamente para Gillian.
- Algo eletrizante percorre os dois sem perturbar, no entanto, a magia daquele momento. Uma chance. Será que bastaria mais uma chance para que tudo se resolvesse ou tudo havia mudando tanto que uma volta seria impossível?

O roteiro que David precisava já estava escrito, nas estrelas, eterno, sem limites e sua própria vida havia construído o texto, pronunciado as palavras de esperança de que o destino seguisse seu rumo.

Num agito de corações batendo no mesmo ritmo, olhares que desvendam mistérios que nenhuma interpretação pode traduzir. Encantamento, magia. Dominação soberana dos sentidos sem que uma só palavra seja dita. Sintonia absoluta, relativamente compreendida por quem estava de fora daquele enlace sem palavras. Invasão de almas, com licença concedida. Conhecimento de verdades num toque deslizante dos dedos das mãos no ato da despedida indesejável.

Um grande amor não se acaba assim.

O que está escrito e é verdade só espera até que os destinos se coloquem novamente lado a lado.

Por ser exato, o amor não cabe em si

Por ser encantado, o amor revela-se

Por ser amor, invade e fim.

Djavan

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXV

INSPIRAÇÕES

Desde a minha juventude, delicio-me em escrever.

Principalmente sobre as coisas, fatos ou as pessoas de quem gosto.

Lembro-me de que, há muitos anos atrás, assisti o filme A Noviça Rebelde, no qual havia uma mistura de humor, drama, fé e a graça das crianças que nele trabalhavam. E este filme eu transcrevi inteiramente, com todos os diálogos nele existentes, do princípio ao fim, e fiz com ele um livro, que guardo como relíquia desse tempo.

Nunca mais ouvi falar daqueles atores. Apenas que a atriz principal, a protagonista do filme, havia perdido sua encantadora voz. E ela, com uma inconfundível voz de soprano, perdê-la assim, deve ser um fato muito triste, frustrante. A estrela era a Julie Andrews.

E, justamente por causa dela e do seu companheiro de filmagem, Cristopher Plummer, que fazia o personagem do Capitão Von Trapp na história (charmosíssimo, por sinal) tive inspiração para escrever um romance de mais de 300 páginas, associando essa inspiração a outro ator que também eu apreciava demais seu modo de representar na TV, que era o Sergio Cardoso, já falecido.

E juntei uma parte da inspiração do filme com outra do modo de ser do outro ator e escrevi a história, que teve o título de A Rosa Branca.

Nesses personagens inspirei-me para fazer outras diversas histórias, o que resultou, no final em três volumes.

E dissipou-se, enfim, ou melhor, esgotou-se a minha fonte de inspirações por longa temporada e nunca mais voltei a escrever romances, crônicas ou poesias, pensando naquelas pessoas tão especiais.

Passou-se o tempo e um dia, em 1996, conheci os personagens do Arquivo-X, os Agentes Especiais Fox Mulder e Dana Scully.

Nossa! Foi um rebuliço total dentro de minha mente, sempre em busca de novas inspirações.

E a partir daquela época passei a escrever para meu próprio deleite sobre eles, até que descobri, através da Revista SCI-FI News a existência das fanfics. E foi daí que despertei a minha adormecida fonte de criação, fazendo histórias para Mulder e Scully.

Fantástico! Eles preenchem, exatamente, toda a minha necessidade inesgotável e incansável de escrever!

E assim vai indo. Exatamente seis livros do folhetim Devaneios, um livro com cerca de 12 das fanfictions que já escrevi, o livro Momentos Shipper Dentro do Arquivo-X, que é o Relembanças colocado no nosso site, e vai por aí.

Ainda tenho planos que não consegui, todavia, realizar, mas que, tenho certeza, o conseguirei ainda neste ano de 2003.

Posso, de antemão, avisar, que será um projeto lindíssimo, que fará o completo deleite dos corações shipper dos nossos leitores do Miscelânea de Escritores e que acompanham os trabalhos feitos especialmente para o Arquivo-X.

Agradeço, enfim, a Mulder e Scully, meus inspiradores de tantas histórias.

E agradeço, principalmente, a vocês, que lendo o que consigo criar, incentivam-me a continuar, sem preocupar-me quando terei que pôr um ponto final no que gosto de fazer, que é criar situações para os dois queridos Agentes passarem seu dia-a-dia, nas suas horas de lazer ou nos fins de semana, é claro!

As investigações de casos paranormais, bizarros e chocantes ficam por conta do Chris Carter, que não quis preocupar-se muito com o amor que ele mesmo implantou, definitivamente, nos corações dos dois lindinhos, e também ficam por conta dos escritores de fanfictions inteligentes e mais criativos do que eu.

Daí eu aproveito e faço o que posso para escrever coisas românticas sobre os dois personagens, até o dia em que não mais inspiração eu tiver.

E acho que ainda vai demorar.

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXVI

TUDO TEM UM FIM...

Parece que, realmente, por fim, a TV aberta não se interessa mesmo em manter em sua grade de programação o Arquivo-X.

Tudo neste mundo se acaba...

Tudo neste mundo tem um fim...

Aos poucos, devagarinho, sutilmente, vão retirando de diante de nossos olhos aquilo que nos faz tanto bem e alegria o coração.

Quantas vezes, em momentos difíceis, de confusões, angústias, medos ou mesmo em cansaços, ligar a TV, assistir um episódio do Arquivo-X era um tremendo alívio! Espairecia as idéias! A gente até contava nos dedos, esperando a chegada do dia certo para usufruir da beleza do Seriado.

Ver Mulder e Scully naquelas cenas shipper ou mesmo só a visão bela deles diante de nossos olhos ávidos por ver romantismo entre os dois, que apenas se olhavam... se olhavam ... e nada mais.

Ver aquela atitude que os caracterizava: Scully, de braços cruzados, olhar céptico.

Mulder, de polegares presos à cintura, afastando o paletó, nos faziam esquecer qualquer problema que nos cercasse a alma e o coração. Pelo menos, momentaneamente. Eram uma terapia.

Restou, agora, o Arquivo-X no Canal da TV a cabo. Tudo bem, para quem possui essa facilidade. Mas e para aqueles que não têm esse privilégio? Como ficam?

É triste, muito triste ter-nos que nos resignar a perder, pouco a pouco o contato com uma das diversões mais interessantes que já existiu durante uma década, nessa fabulosa invenção do, para sempre querido, Chris Carter.

Vão se apagando os últimos pontos brilhantes, no céu de nossa existência de fãs.

Ficarão, apenas, ainda, felizmente, as fitas VHS, os DVD's, os amigos, as reuniões dos eXcers, para nos dar alento e mostrar que, durante

muito tempo, daqui para a frente, vai ficar na memória de todos, os momentos lindos e emocionantes quando assistíamos o Arquivo-X.

Meus parabéns para aqueles eXcers que permanecerão sendo fãs inveterados como eu e para o canal de TV que ainda dá valor a uma Série tão fascinante.

E meus pêsames para aquela TV que não quer admitir que o Arquivo-X foi um dos causadores de uma grande parte do sucesso de sua audiência.

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXVII

OS CINCO SENTIDOS

Ainda outro dia, quando estávamos aqui em casa reunidas várias amigas eXcers, trocando idéias sobre o nosso querido seriado Arquivo-X, a Edna contou que alguém havia lhe falado sobre um fato por demais interessante.

A pessoa lhe havia contado que o David Duchovny é, fantásticamente, **cheiroso!** (Aliás, já conseguiram descobrir até o perfume que o homem usa!!)

E eu, na minha condição de fã... náutica pelo ator, considero isso um fato extremamente fora de propósito, um descalabro! É muita coisa para uma pessoa só! Ah, é verdade! Eu digo isso mesmo, pois aquele símbolo de beleza masculina, com todos aqueles predicados, tudo aquilo que podemos apreciar no dito cujo, já é o suficiente para deixar qualquer mulher tonta de fascinação.

Agora, imaginem poder usufruir daquele espécimen humano com todos os sentidos: visão, tato, paladar, audição e olfato!?

Na visão é o que se sabe: aquele corpaço, porte viril, despojado, andar pesado, balançante, olhos pequenos, que dialogam em silêncio, mas terrivelmente perscrutantes, boca perfeitamente desenhada com o esmero do pincel da natureza que deixa à mostra o célebre sorriso de menino, nariz agudo, mas de linhas perfeitas e de um charme fantástico...

No tato, somente as mulheres que com ele tiveram contato podem avaliar o quanto faz bem tocá-lo e, ao mesmo tempo, sentir o toque daqueles dedos longos que também aparentam ser leves e delicados, quando usados na hora certa.

No paladar, gente, será que vocês acham necessário mesmo dizer que sentir o gosto de um beijo daquela boca deve ser uma coisa espetacular?

Na audição, esse sentido aí eu posso lhes falar que soa bem; é agradável aos nossos ouvidos ouvir aquela voz um tanto fanhosa, mas cativante. Será necessário citar que quando fala em tom baixo, quase sussurrando, em sua garganta deslizam as bolinhas de gude que lhe dá aquele "it"?

Bom, juntando a tudo isso aí o olfato, sabendo-se que ele é cheiroso demais... bem... é... sei lá... nem sei mais o que dizer ... e o que vou dizer mesmo...?!

Sabem o que vou fazer? Calar-me é o melhor. Porque sou fã. E uma fã inveterada não enxerga NADA! Nem os piores defeitos.

Só que, para terminar, tenho certeza de que existe uma mulher que já sentiu de perto e comprovou de tudo que citei aí em cima, certamente de um modo gostoso, prazeroso, não como o trivial. Gillian Anderson.

Tenho dito.

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXVIII

OS MEUS EPISÓDIOS PREFERIDOS

Eu estava lendo outro dia sobre os melhores episódios do Arquivo-X em todas as temporadas. Li sobre os preferidos em dois sites brasileiros.

Cada um colunista dava o seu parecer sobre os episódios escolhidos e o faziam com textos ricos em palavras que nos mostravam exatamente qual o motivo pelo qual tanto achavam maravilhosos aqueles ali citados.

Eu, a eXcer menos entendida deste Planeta, a meu modo de ver, acho que todos os episódios que tiveram cenas shipper valeram a pena ser vistos.

E não é só isso. Toda essa criação incrível do Chris Carter nos trouxe coisas fantásticas, como a mostra natural e desprovida de luxo de dois Agentes de vida simples, em seus apartamentos sem sofisticação, exercendo sua profissão para ganhar dinheiro para pagar suas contas, enfim, sobreviver. Isso tudo é fabuloso!

E os detalhes mostrados de cada moradia dos Agentes Mulder e Scully?

O lar de Mulder sem arrumação, com objetos fora do lugar, sem decoração requintada, somente o básico para ele usufruir, gostosamente, do seu cantinho, sossegado.

O da Scully, já muito melhor arrumado, de uma mulher discreta como ela é, denota o gosto que ela tem pelas plantas, sua boa escolha pelas confortáveis almofadas, seus móveis melhor escolhidos. Maravilha.

E os detalhes?

Os Agentes têm seu número de identificação no crachá, número de seu telefone celular, telefone da residência, endereço da moradia, etc, etc. Tudo muito bem especificado.

Eu falei, ou melhor, escrevi, escrevi e não disse os nomes dos meus episódios preferidos. Nem tenho como dizer. Para que detalhar, se para mim, onde tiver uma cena em que Mulder olha para Scully e vice-versa ou ele apenas a toca, suavemente num braço, ou num abraço respeitador, é algo encantador?

É tudo um verdadeiro espetáculo aos meus ávidos olhos shipper.

Portanto, para mim, TODOS são episódios especiais. Mesmo aqueles que não tem o Mulder aparecendo ou que tem as rivais da Scully: Diana Fowley, Phoebe Green, a Vampira...ARGH!!

Pode não ter nenhuma cena shipper em muitos, mas a gente faz acontecer tudo de bom, lá dentro da nossa criativa imaginação.

E essa, sem a menor dúvida, trabalha, sem cessar.

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA..SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XXXIX

SCULLYSMO OU MULDERISMO?

É uma polêmica esse negócio de escolher ser fã de Mulder ou Scully. E aqueles que se decidem a fazê-lo, eu creio que fica sempre algo no meio do caminho. Porque na verdade, como podemos separar um do outro?

Quem gosta de Scully, certamente não descartará Mulder.

Quem prefere Mulder, eu duvido que não seja admirador de Scully.

Eles se completam. São unha e carne.

Ambos têm personalidade marcante e que nos enche de prazer assistir a cada aventura pela qual têm que passar.

Mulder, no seu jeito despojado de ser, às vezes calculista, mas determinado no que quer, cabeça dura, traz lá no fundo da alma uma alta sensibilidade, além do que, é brusco, inquieto em certos instantes. E noutros momentos terno, calmo, compreensivo, perfeito companheiro para uma amiga solitária como é a sua parceira.

Scully, perfeita como mulher. É o símbolo da mulher que se faz respeitar, entender, até venerar, por seu modo de ser, simples porém honesto e tremendamente sensato.

Lutadora por seus propósitos, não se deixa vencer pelos dissabores da vida (excetuando, é claro, a grande burrice de ter se livrado do seu filhinho esperado por tanto tempo, apenas por MEDO do futuro.)

Aí a Scully "pisou na bola" direitinho. Não tem como negar.

Portanto, os dois personagens são perfeitos! Crias de uma imaginação formidável, como a do Chris Carter, a quem admiro e sempre admirarei.

Vendo por esses lados, certamente não dá para escolher um ou outro. Um é parte do outro!

O que seria Arquivo-X sem Scully?

O que seria Arquivo-X sem Mulder?

Bem que foi tentado fazê-lo sem a sua presença, mas que fica faltando algo, lá isso fica! Ninguém pode negar que fica um vazio, sentido até pelos próprios roteiristas, que, pelo menos, citam seu nome, para poder dar um ar mais apaixonante ao episódio. Acredito que até os Scullystas pensam assim.

Bem, minha gente, a verdade é que, realmente, eles dois são parte do Seriado mais famoso, belo e criativo de uma década na TV, portanto ambos são dignos do nosso querer bem.

DEVANEIOS...IMAGINAÇÃO...FANTASIA...SONHO...QUIMERA

CAPÍTULO EXTRA XL

OS DOIS LINDINHOS

Ele:

Mulder, nó da gravata desfeito
Desprovido de toda finura
Sentado ou em pé, despojado de elegância
Reflete, embora tudo isso, a mais linda figura

Olhos pequenos, verdes, apertados,
Mas que quando na parceira concentram
Parecem falar, denotar
A carência que eles experimentam

De modo estabanado, imprudente
Polegares na cintura a qualquer momento
Pode causar, por seu destemor à sua parceira
Dor, saudade, preocupação, sofrimento

Porém, lá bem no fundo
Daquele frio coração impassível
Existe um ser terno e carinhoso,
De amor constante e alma sensível

Esse é o famoso Fox Mulder
Especial e destemido Agente
Que por durante nove anos na TV
Trouxe paixão pro coração da gente.

Ela:

Olhos azuis, belos e límpidos
Como um lago de água transparente
Parecem sempre indagar algo
Ao seu parceiro, mas se finge indiferente

Ruivos cabelos, pernas bem torneadas
Boca perfeita, de lindo desenho
Usa cruzar os braços, irritada
A céptica Agente, e ainda franze o cenho!

Nunca aceita os meros desafios
Do seu parceiro pra lá de desigual
Acha-se sempre uma sábia,
Imaginando então ser a mestra, a única certa, a tal!

Um sorriso nos seus lábios é difícil
É como se fosse algum tesouro;
Só se pode ver, de forma rara
E é tão fugaz como o bater das asas de um besouro.

Assim é a linda Dana Scully
Federal e Especial Agente
Que, junto com o Fox arrasou
Por nove anos o coração da gente!

EPÍLOGO

Parece mentira! Este é o meu sexto Livro Devaneios.

Mas onde fui buscar tanta inspiração para escrever sobre esses dois personagens? Onde?! Bem... eu posso explicar, facilmente.

Achei inspiração em seu modo de ser, em seu modo de viver, em seu modo de falar, de gesticular, enfim não dá mais para descrever Fox Mulder e Dana Scully.

Sobre esses dois só mesmo a gente assistindo as nossas antigas fitas em Vídeo ou mesmo os modernos DVD's. Porque em cada episódio podemos observar, com atenção, cada gesto desses formidáveis personagens.

Ah, se Gillian Anderson e David Duchovny parassem para pensar em quão foi maravilhosa sua atuação nesses quase 10 anos de Arquivo-X, se eles parassem um instante para pensar em quão fascinantes eles foram para aqueles que lhes assistiram, fielmente, durante anos a fio, certamente entenderiam esse amor que os fãs dizem existir em seus corações. E então, Gillian e David jamais se negariam a dar um autógrafo para um fã do Seriado ou não sentir-se-iam incomodados quando alguém os chamasse pelos nomes de Fox Mulder ou Dana Scully. E, se assim fosse, certamente, nós, seus fãs, ficaríamos bem mais felizes.

Mas é isso. Cada um tem o direito de pensar da maneira que bem lhe aprouver e esses dois astros de Primeira Grandeza jamais serão esquecidos.

E vamos, então, torcer para que abram mão de suas vaidades e novamente nos brindem com um novo filme de Arquivo-X que, com tanta ansiedade esperamos.

Wanilda Vale

Rio de Janeiro, 12 de março de 2003